

SANDRA REGINA ADÃO

**MOVIMENTO HIP HOP: A VISIBILIDADE DO
ADOLESCENTE NEGRO NO ESPAÇO ESCOLAR**

Florianópolis-SC
2006

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MOVIMENTO HIP HOP :A VISIBILIDADE DO
ADOLESCENTE NEGRO NO ESPAÇO ESCOLAR**

SANDRA REGINA ADÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE
EDUCADORES

ORIENTADORA: IDA MARA FREIRE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MOVIMENTO HIP HOP: A VISIBILIDADE DO ADOLESCENTE
NEGRO NO ESPAÇO ESCOLAR**

**Dissertação submetida ao
Colegiado do Curso de
Mestrado em Educação do
Centro de Ciências da
Educação.**

Comissão examinadora em maio de 2006

Dra. Ida Mara Freire (CED/UFSC – orientadora)
Dra. Alai Garcia Diniz (CCE/UFSC- examinadora)
Dra. Vânia Beatriz Monteiro da Silva (CED/UFSC – examinadora)
Dra. Maristela Fantin (CED/UFSC – suplente)

Sandra Regina Adão

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA MAIO/2006

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as crianças, jovens e adultos negros, que foram seqüestrados, marginalizados e mortos tanto pelo sistema escravocrata quanto pelo capitalismo. E a todos os negros e negras que fizeram e fazem de seu corpo um instrumento de luta e resistência.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre difícil, ainda mais num caso como este, onde várias pessoas fizeram parte deste processo.

Gostaria de começar agradecendo a minha família que foi de fundamental importância, nos momentos mais desesperadores de fadiga e desânimo.

Meu filho Pedro Henrique que na sua inocência de criança, e sem saber estava me dando o apoio que tanto necessitava e necessito.

Especialmente minha mãe Terezinha Maria Adão, que no seu pouco conhecimento literário lutou para que chegássemos à universidade.

Minhas irmãs Solange Adão, Selma Terezinha Adão, e Sonia Regina Adão, que me deram forças nos momentos mais angustiantes.

Meus irmãos Aurélio Zacarias Adão, Amilton Zacarias Adão, mesmo com seu silêncio também contribuíram para este momento.

Minhas cunhadas e cunhado Maricleia Adão e Valdete Adão, Marcos A. Candido Campos que sempre torceram pelo meu sucesso.

Meus sobrinhos amados, Leonardo Z. Adão, Aurélio Z. Adão Filho, Anderson Adão, Sanderson Adão, Ramon Adão, Lorrain Adão C. da Rosa, que muitas indagações faziam sobre a pesquisa.

Minhas sobrinhas adoradas Bethise A. Duarte, Lisnã A. Duarte, Luiza A. Fernandes, que muitas noites queriam ficar lendo comigo, para me ajudar nesta caminhada.

As amigas e amigos presentes em fases diferenciadas de minha vida, mas que sempre se fazem lembrar. Especialmente, Bete, Elaine, Cida, Ivan, que a todo o momento estavam me dando forças para prosseguir e sempre com uma palavra amiga.

A Sonia do PPGE que nos meus momentos de desânimo me dizia “Não desista conquiste o teu espaço”.

A diretora da Escola Lucia do Livramento Mayvorne, Sr^a Maria de Lourdes Costa Gonzaga que abriu as portas de sua escola para que este momento se tornasse realidade.

Aos professores Índia e Richard por sua valorosa contribuição para a pesquisa.

Aos jovens/adolescentes, Margarida, Rosa, Violeta, Cravo, Dália, Jasmim,

Girassol, Bromélia, Lírio e Cacto, conhecedores do movimento cultural juvenil hip hop foram atores importantes nesta pesquisa.

Minha orientadora Ida Mara Freire, em qual sempre me espelhei.

E por último agradeço a mim mesma por ter tido garra, coragem de não ficar no meio do caminho, muitos foram os percalços contraditórios para que esta caminhada não fosse concluída, mas venci.

Não posso ser menor que meu sonho.

“Tudo começou quando a gente conversava”.

*Naquela esquina ali
de frente aquela praça
veio os zomens
e nos pararam
documento por favor
então a gente apresentou
mas eles não paravam
qual é negão? Qual é negão?
o que ta pegando?
Qual é negão? Qual é negão?*

*É mole de ver
Que em qualquer dura
O tempo passa mais lento pro negão
Quem segurava com força a chibata
Agora usa farda
Engatilha a macaca
Escolhe sempre o primeiro
Negro pra passar na revista
Pra passar na revista
Todo camburão tem um pouco de navio negreiro
Todo camburão tem um pouco de navio negreiro
É mole de ver
Que para o negro
mesmo a AIDS possui hierarquia
na África a doença corre solta
a imprensa mundial
dispensa poucas linhas
comparado, comparado
ao que faz com qualquer
figurinha de cinema
comparado, comparado
ao que faz com qualquer
figurinha do cinema
ou das colunas sociais
todo camburão tem um pouco de navio negreiro
todo camburão tem um pouco de navio negreiro.*

(Marcelo Yuka)

RESUMO

A presente pesquisa é um convite ao leitor a navegar no que foi vivido por mim, no papel de pesquisadora ao buscar o movimento cultural juvenil hip hop na Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne, no Morro do Monte Serrat em Florianópolis. Em todo processo investigativo procurei ter um olhar para este movimento cultural juvenil e para os adolescentes aqui chamados por: Margarida, Rosa, Violeta, Cravo, Dália, Jasmim, Girassol, Bromélia, Lírio e Cacto que trouxeram suas experiências desta cultura dando corpo à pesquisa. Entendi que os gestos, movimentos corporais e o estilo de seu vestuário vinham imbuídos da identidade negra, com suas tranças e seu gingado corporal. O conceito de identidade diz respeito ao pertencimento social, cultural, étnico e de gênero, pertencimento que se constrói na família, nos ambientes sociais e institucionais, por meio de comparações e contrastes nas inter-relações socioculturais. Vi em meu corpo e no prazer pela dança uma cumplicidade para a pesquisa. Compõem esta pesquisa as falas dos adolescentes, do professor de educação física, da professora de arte-educação e da diretora da escola, em relação ao corpo e dança que é o principal objeto deste estudo, onde busquei minhas reflexões, tendo como base o referencial-teórico metodológico dos estudos culturais. Na experiência da dança e do corpo os adolescentes mostraram sua importância fotografando as coreografias do movimento cultural juvenil hip hop. Fica, para a leitura do trabalho completo, a reflexão desta cultura na fala dos adolescentes negros/as pesquisados.

Palavras-chave: Movimento hip hop. Corpo. Dança. Escola. Adolescente negro.

ABSTRACT

The current research is an invitation to the reader to sail into what has been lived for me, as a researcher, reaching the hip-hop young cultural movement in the Lucia do Livramento Mayvorne's elementary school, in the Monte Serrat hill in Florianópolis. Through the whole investigative process, I tried to have a look on this young cultural movement and on the adolescents here called: Daisy, Rose, Violet, Clove, Dahlia, jasmine, sunflower, Bromeliad, Lily and Cactus that brought their experiences of this culture giving substance to the Research. I understood that gestures, corporal motion and vestry style came imbued with the black identity, marked by their braid hairs and body swaying. The concept of identity says about the social, cultural, ethnic and gender belonging, which is constructed in family, social and institutional atmospheres, over comparisons and assays in the socio-cultural inter-relations. I have seen in my body and in the pleasure for dance complicity for the research. This research is composed by the discourse of the adolescents, physical education teachers, arts teacher and the school principal, in connection to the body and dance, which are the main object of this research, where I searched for my reflections, having the theoretical-methodological allusion of the cultural researches as support. On the dance and body experience, the adolescents manifested their importance by photographing the choreographies of the hip-hop young cultural movement. Stays for the reading of the complete research, the reflection of this culture on the discourse of black adolescents that were here investigated.

Keywords: hip hop movement, body, dance, scholl, black adolescents.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Vista da cidade de Florianópolis do alto do morro de Monte Serrat	19
Foto 2 – Alunos do projeto.....	22
Foto 3 - Acima Rede de Tv RBS, dentro do mato uma residência.....	30
Foto 4 - Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne	31
Foto 5 - Grafite realizado pelos alunos da Escola	33
Foto 6- Sala dos Professores.....	34
Foto 7 - Adolescentes dançando o hip hop	38
Foto 8 – Projeto desenvolvido na escola	43
Foto 9 - Resgate da auto-estima – Aula de História	45
Foto 10 – Rua que dá acesso a escola.....	48
Foto 11 – Dança dos adolescentes	58
Foto 12 – A dança – As adolescentes que participavam do Projeto da Escola	66
Foto 13 – Adolescentes que participam do movimento cultural juvenil	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
1 A PESQUISA: fotografias de uma realidade educacional	17
1.1. O contexto da pesquisa	18
1.1.1 Os participantes	20
1.1.2 Apresentação dos participantes	21
1.1.3 Método	24
1.1.4 Procedimentos de pesquisa	25
CAPÍTULO II	
2 TRAÇOS E PASSOS NO ESPAÇO ENTRE A ESCOLA E A RUA	31
2.1 A Escola	31
2.1.1 Convivência na escola	34
2.1.2 Os projetos da escola	45
2.1.3 A Rua	46
2.1.4 O Corpo como expressão	50
2.1.5 A Dança e a transformação de si e do outro	58
2.1.6 Movimento Hip Hop a visibilidade do adolescente negro	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERENCIAS	85
BIBLIOGRAFIA SUPLEMENTAR	89
ANEXOS	92

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho estarei apresentando a composição oriunda do cruzamento da experiência de vida com o movimento cultural juvenil hip hop dos adolescentes da Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne.

Deste modo, ao fazer a abertura desta dissertação, inicio apresentando os nomes dos adolescentes¹ que participaram desta pesquisa Margarida, Rosa, Violeta, Dália. Jasmim, Bromélia, Cravo, Girassol, Lírio, Cacto. Dez adolescentes moradores do Morro do Monte Serrat no bairro Mauro Ramos, em Florianópolis colaboraram trazendo seus conhecimentos e experiências do movimento cultural juvenil hip hop. Eu, Sandra, atuo como orientadora educacional em escola pública estadual, e não tinha, até o momento que iniciei a pesquisa experiência com a cultura hip hop. A colaboração dos adolescentes foi de fundamental importância durante este processo. A pesquisa foi desenvolvida através do conhecimento que os adolescentes tinham sobre este movimento e a comunicação que expressam na dança compreendida aqui como linguagem corporal. Devido à paixão que tenho pela dança e pelo corpo, despertou-me o interesse pelo movimento cultural juvenil hip hop. No decorrer da pesquisa constatei que este movimento cultural juvenil é abrangente, elevando nos adolescentes a auto-estima, o amor e a paixão entre eles e deles com o mundo que os cerca.

Meu principal desejo, na leitura deste estudo, é que o leitor perceba que o movimento cultural juvenil hip hop traz orgulho e esperança para estes adolescentes/negros. Pretendo no decorrer desta pesquisa levar o leitor a refletir sobre o movimento hip hop, percebendo que este movimento faz parte da cultura na qual todos estamos inseridos.

1

Foi usado nome fictício para preservar a identidade dos mesmos por serem menores. Foi escolhido nome de flores, pois estes floriram minha vida no decorrer da pesquisa. Os nomes femininos são as meninas e os masculinos os meninos.

INTRODUÇÃO

A grande aspiração do negro brasileiro é ser tratado como um homem comum.

(Milton Santos)

Nos últimos anos, e de forma cada vez mais intensa, podemos observar que os adolescentes vêm lançando mão da dimensão simbólica como a principal e mais visível forma de comunicação manifesta nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam, diante de si mesmos e da sociedade. É possível constatar esse fenômeno nas ruas, nas escolas ou nos espaços de agregação juvenil, onde os adolescentes se reúnem em torno de diferentes expressões culturais, como a música, a dança entre outras, e tornam visíveis, através do corpo, das roupas e de comportamentos próprios, as diferentes formas de se expressar e de se colocar diante do mundo.

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. Nesse contexto, o hip hop é a atividade que mais os envolve e os mobiliza. Muitos deles deixam de ser simples fruidores e passam também a ser produtores, formando grupos culturais das mais diversas tendências, compondo, apresentando-se em festas e eventos, criando novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual além da lógica estreita do mercado

Para mim foi um dos maiores desafios pesquisar o hip hop, o qual não me era familiar; sem entendimento, e sem paixão. Foram muitas noites e dias de indecisão, vontade de desistir.

Fui em busca de livros, revistas, participação em encontros do movimento hip hop, entrevista com o rapper MVBILL, tudo que podia encontrar sobre este movimento cultural juvenil para ter mais subsídios para compreender este mundo que tem tantas mazelas de encontros e desencontros.

O desejo de fazer a pesquisa na Escola de Educação Básica Lucia do Livramento

Mayvorme, localizada no Monte Serrat, mais conhecido como Morro da Copa Lord, parte do principio de que a mesma esta localizada num nos morros da periferia de Florianópolis.

Circundada por “casas de famílias”, vielas, com difícil acesso, falta de infraestrutura. Essa comunidade é constituída por pessoas de classe popular, trabalhadores da construção civil, faxineiras e/ ou trabalhadores informais.

Ressalto os motivos que me levaram a escolher esta comunidade este ambiente para fazer a coleta dos dados da pesquisa:

Primeiro, o fato de eu ser mulher, ser negra e ter sido criada no morro da Caixa D'Água, periferia do continente de Florianópolis, o Estreito como é usualmente conhecido. Filha de mãe viúva que deu conta de criar seis filhos menores. Sendo que por ser negra e estar presente no processo escolar, não significava estar inserida na escola, pois o negro não é percebido por seus pares. Porém por ter nascido de uma mulher guerreira, ação típica das mulheres negras, consegui romper o cerco social pré-estabelecido, onde a questão preconceituosa racial é fator de segregação.

Segundo, a descoberta de que a Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorme possuía um projeto de dança a qual envolvia o movimento cultural juvenil hip hop. E, terceiro, sua clientela, na sua maioria é constituída pela população é negra a diretora da escola, professores e demais funcionários, fato que estarei relatando na pesquisa.

No principio desta jornada, eu quis explicar sobre o que tinha lido do movimento hip hop. Mas fui percebendo que, enquanto eu dava explicações sobre o hip hop, os adolescentes faziam batucadas com as mãos sobre a mesa, e as meninas dançavam. Com estes gestos e mímicas percebi que eles queriam falar, dançar, mostrar seu corpo. Busquei um outro olhar para aqueles movimentos, reiniciamos o trabalho com uma sessão de dança na qual os próprios adolescentes escolhiam o rap que queriam dançar. Os encontros de dança eram feitos aos sábados nas dependências da escola.

A minha expectativa neste trabalho foi de que a centralidade do consumo e a produção cultural para os adolescentes são sinais de novos espaços, de novos tempos e de novas formas em sua formação como atores sociais.

Tendo este pressuposto, parti para o problema da pesquisa, muito me chamou atenção durante as leituras sobre o hip hop a associação desta cultura juvenil à violência,

drogas, prostituição, e periferia.

O problema da pesquisa pode ser formulado através da seguinte questão: Como, e de que forma o trabalho da dança, desenvolvida na Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne, centrado no movimento cultural juvenil hip hop contribui para a construção da auto-estima positiva dos adolescentes negros? Sendo estes adolescentes praticantes deste movimento cultural juvenil, moradores de um dos Morros mais violentos da cidade de Florianópolis e serem vistos muitas vezes como marginalizados por participarem desta cultura dita marginal.

Os relatos que apresento neste estudo são frutos também dos questionamentos feitos durante o trabalho. Por que o hip hop? Por que neste Morro? Ou ainda por que nesta escola?

Acredito que com esta investigação, possa resgatar um pouco do movimento cultural juvenil hip hop, buscando deste modo fazer uma reflexão sobre esta cultura tendo como eixo norteador o corpo e a dança.

O objetivo desta pesquisa é investigar a contribuição do hip hop e sua relação com o corpo e a dança, buscando compreender essa cultura juvenil na visão dos adolescentes negros, bem como, verificar em que medida o hip hop contribui para promoção da auto-estima positiva nestes adolescentes negros no espaço escolar.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa possui caráter qualitativo de natureza exploratória, tendo como referencial-teórico-metodológico os Estudos Culturais que têm como importante campo de investigação a cultura em geral.

O papel do “popular” na cultura popular é o de fixar a autenticidade das formas populares, enraizando-as nas experiências das comunidades populares das quais elas retiram o seu vigor e nos permitindo vê-las como expressão de uma vida social subalterna específica, que resiste a ser constantemente reformulada enquanto baixa e periférica (STUART HALL, 2003, p.341).

Para os Estudos Culturais, qualquer artefato que possa ser considerado cultura, sem fazer distinção entre “alta” e “baixa” cultura é objeto importante de análise nesse campo.

Neste sentido o movimento cultural juvenil hip hop, programa televisivo, filmes, e fotografias passam a ser objetos de análises dos Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais se dedicam ao trabalho intelectual sério e crítico para o qual não basta o interminável desdobramento da tradição, tão caro a história das idéias, nem tampouco o absolutismo da “ruptura epistemológica”, pontuando o pensamento em suas partes “certas” e “falsas” [...] o que se percebe é um desenvolvimento desordenado, porém irregular.[...] tais mudanças de perspectiva refletem não só os resultados do próprio trabalho intelectual, mas também como os desenvolvimentos e as verdadeiras transformações históricas são apropriadas no pensamento e fornecem ao pensamento, não sua garantia de “correção”, mas suas orientações fundamentais, suas condições de existência (HALL, 2003, p. 13).

Este trabalho compõe-se de dois capítulos:

O primeiro capítulo intitulado de A pesquisa: fotografias de uma realidade educacional, onde o leitor encontrará informações a respeito da relação de identidade da autora com os participantes, enquanto mulher negra, criada na periferia, e o contexto de onde se deu a pesquisa, seus participantes e a apresentação dos mesmos.

A seguir apresento o método e os procedimentos adotados na pesquisa.

No segundo capítulo, apresento o histórico da escola, a convivência na escola, os projetos desenvolvidos pela escola, e uma apresentação da rua onde se localiza a escola. O corpo é apresentado como expressão, exprimindo a auto-estima positiva destes adolescentes negros. A dança e a transformação de si e do outro é demonstrada neste capítulo como um processo criativo e educativo culminando com as falas dos entrevistados, que transcrevo sem alteração com base na gramática normativa para preservação das marcas da oralidade. O movimento hip hop e a visibilidade do adolescente negro, os adolescentes trazem em suas falas a paixão por esta cultura juvenil, constata-se que hip hop é um movimento que os adolescentes negros e periféricos se identificam.

Por último, apresento as considerações finais da pesquisa, bem como sugestões para subsídios de futuras pesquisas na formação de educadores.

CAPÍTULO I

1 A PESQUISA: fotografias de uma realidade educacional

Este trabalho é um convite, ao leitor, a vir conhecer um pouco da periferia da cidade de Florianópolis.

Iniciarei, expondo a periferia, a partir do terminal urbano da cidade de Florianópolis, onde se observa um grande contingente de pessoas oriundas das camadas populares. As minhas idas e vindas a Escola Lucia do Livramento Mayvorne, começam deste local que ao pegar o ônibus, observava que a grande maioria da população negra² se concentra no bairro Monte Serrat ou Morro do Copa Lord como é conhecido por parte da população de Florianópolis.

Pareceu-me que fui inserida em uma cidade desconhecida, que não fazia parte de meu trajeto habitual. De qualquer forma fui me adaptando, aos vários olhares que eram dirigidos a mim, quando entrava dentro do ônibus, por perceberem que eu não fazia parte dessa comunidade, mesmo sendo negra.

Como já exposto anteriormente, fui criada na periferia, num dos morros do Continente de Florianópolis conhecido como bairro Estreito. Mesmo não fazendo parte desta comunidade, possuíamos algo em comum a negritude, foi essa identificação étnica que me fez escolher a Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne para pesquisa.

Desse modo, entre todos os envolvidos neste projeto, tece-se um elo de identidade étnica. Concordando com Kabengele Munanga (1994), quando este define a identidade como uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. O autor examina que a definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) tem funções conhecidas como a defesa da unidade, do grupo, a proteção do território contra inimigos

² Uso, neste trabalho, negro como categoria genérica, que inclui e refere-se aos afro-brasileiros, incluindo os que se autodenominam negro, preto, pardo e mulato.

externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, e psicológicos.

Por este elo, de identidade étnico, o corpo não ficava mais tenso a cada olhar, as pernas e os braços foram ficando soltos, como se estivessem dançando um rap, um samba. Até a escolha do traje para ir aos encontros já não era mais importante, pois a negritude nos identificava, facilitando meu acesso e circulação a comunidade do Monte Serrat.

Iniciei esta pesquisa após ter identificado minha necessidade em compreender como esta cultural juvenil se apresenta para os adolescentes do Monte Serrat, mais especificamente os alunos da Escola Lucia do Livramento Mayvorne.

Mesmo com pouca experiência sobre o hip hop, cruzamos as experiências dos adolescentes às leituras feitas por mim para que pudéssemos ter diferentes olhares sobre um mesmo fenômeno. O vivido no movimento cultural juvenil hip hop, pelos adolescentes, será descrito, incluindo as idéias, desejos, sentimentos, e comporemos este caminho através da imbricação de nossa troca de experiências.

Assim, durante a elaboração do projeto de pesquisa, realizei um levantamento bibliográfico em âmbito local e nacional. Este englobava, as publicações efetuadas nos últimos cinco anos, acerca da cultura juvenil, corpo e dança e instituição escolar. Posso recordar minha angústia naquele momento em que fazia a revisão da literatura, pois pouco material se encontra sobre estes temas na área da educação, principalmente quando se busca entender a falas dos adolescentes. Mas, visando possibilitar a inserção do leitor no caminho que tracei, estarei descrevendo os pormenores de minha trajetória neste desafio que foi a descoberta e a paixão pelo hip hop.

1.1 O contexto da pesquisa

Reafirmando ao leitor, a importância de conhecer um pouco sobre a periferia de Florianópolis, descrevo o contraste entre o Morro do Monte Serrat e o centro da cidade. Florianópolis é a cidade em questão nesta pesquisa. Maristela Fantin (1997) relata que meados de 1950 a cidade era formada por descendentes açorianos, grupos de portugueses e negros. Porém, com a Universidade Federal da Santa Catarina e Eletrosul, a cidade mudou vivenciando uma nova situação com a vinda de pessoas de classe média e alta.

Com o desenrolar desses fatos, deu-se um crescimento populacional da classe média, e para dar corpo a todo este potencial, cresceu também o número de migrantes de classe baixa.

Por volta da década de 70 e 80, Florianópolis foi caracterizada pela grande migração oriunda do interior do estado. Vinham em busca de qualidade de vida da cidade. Porém, com a ocupação desordenada e sem planejamento ocasionou um déficit de infra-estrutura provocando a favelização da cidade. A cidade é marcada por dois cenários: a parte baixa e a parte alta, dos morros. Na parte baixa esta hoje, a maioria dos prédios, das repartições, do comércio. Nas encostas de morros, ficam os sobrados, as casas não muito grandes, as casas pequenas e barracos, que configuram um quadro típico. [...] na maioria consideradas favelas, que se distanciam e se aproximam de uma visão mais ampla de toda a cidade.[...] as encostas dos morros estão marcadas por muitas subidas e descidas, uma delas é conhecida como o Morro da Cruz. Nas encostas deste morro, mora grande parte da população mais pobre do centro da cidade e também parte da população de alto poder aquisitivo (FANTIN, 1997, p. 33).

Desta forma a grande parte da população dos Morros de Florianópolis, vivem de subemprego ou estão na economia informatizada e rudimentar. Fantin (1997) analisou a partir do Morro da Cruz que faz divisa com o Monte Serrat, onde do seu alto pode se observar toda a orla da beira-mar-norte. Hoje uma das áreas mais valorizadas da cidade.



Foto 1. Vista da cidade de Florianópolis do alto do morro do Monte Serrat

O Morro do Monte Serrat ou Morro da Copa Lord, onde esta situada a Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne, os adolescentes participantes da pesquisa são alunos desta escola e moradores desta comunidade. A escola localiza-se próxima a Avenida Mauro Ramos, avenida esta, que é composta por luxuosos prédios residenciais e comerciais, tendo em uma de suas transversais o morro Monte Serrat ocupado principalmente por famílias de classe popular.

Na Avenida Mauro Ramos esta situada tanto a Escola Técnica Federal de Santa Catarina, onde funcionam alguns projetos englobando a clientela do Monte Serrat como: dança, futebol e capoeira, como o Instituto Estadual de Educação, onde os adolescentes buscam o ensino médio. Nesta Avenida se localiza também a Maternidade Carlos Correia.

No Morro do Monte Serrat, seu acesso principal é asfaltado, enquanto que as vielas ou becos como são usualmente chamados, são precários e de difícil acesso. A maioria dos terrenos não possui escrituras públicas, havendo somente a posse ou recibo. Na localidade há luz, não há telefone público, os serviços de limpeza pública são deficitários, constata-se a existência dos serviços dos correios. No morro encontra-se também uma Creche, Posto de Saúde, uma Igreja, e a Associação dos Amigos do Copa Lord, que é formada por voluntários que prestam serviços a comunidade .

1.1.1 Os participantes

Nesta parte do trabalho farei um relato de como foi feita a seleção dos participantes da pesquisa. Em seguida apresentarei cada um deles, e por fim comentarei brevemente como se deu nossa interação.

Inicialmente fui várias vezes a escola e mantive contato com a diretora buscando informações sobre o grupo de hip hop que a escola possuía e se poderia contar com a liberação dos adolescentes³ para participarem da pesquisa.

A Escola Lucia do Livramento Mayvorne foi escolhida por saber que nesta escola se desenvolvia um projeto de dança englobando o movimento cultural juvenil hip hop. O qual despertou-me o interesse em realizar a pesquisa, pois eram jovens adolescentes,

³ Trago a palavra adolescente por ser tratar de alunos com idade entre doze e dezoito anos de idade.

negros e moradores da periferia. Aos quais me identifiquei por ser negra, conforme citado anteriormente.

No primeiro contato com a diretora da escola, quando relatei a proposta da pesquisa, ela relatou que o projeto de dança havia sido extinto por falta de verba governamental⁴. Mesmo assim não esmoreci, pois com a extinção do projeto de dança estes adolescentes ficaram sem seu referencial que era a dança na escola, mas alguns destes adolescentes participavam de outros projetos que são oferecidos na escola Técnica Federal de Santa Catarina, pelo fácil acesso e por ficar perto de sua comunidade não perdiam as aulas de dança que lá eram oferecidas. Em um segundo momento, reuniu-me com os adolescentes que fizeram parte do projeto de dança, na sala de vídeo que por sinal se encontrava em precárias condições. Apresentaram-se neste dia, 20 adolescentes desejando fazer parte da pesquisa. Neste encontro elegi como sujeitos da pesquisa 10 adolescentes de 5ª e 8ª por terem experiência com a cultura hip hop e por terem feito parte do projeto anterior da escola.

Isto facilitou minha investigação em relação ao tempo, que os adolescentes dispunham para os nossos encontros, que eram geralmente nos horários de aulas ou na falta de um professor. Permitindo assim um aprofundamento ao estudo devido às experiências deles com o movimento hip hop e com a dança.

1.1.2 Apresentação dos participantes

Os adolescentes são alunos matriculados no ensino fundamental da Escola Lucia do Livramento Mayvorne, moradores da comunidade do Monte Serrat, sendo que contarei com 6 meninas e 4 meninos com idades entre 10 e 18 anos, usarei nomes fictícios para preservar suas identidades. Onde inicio com as meninas. Margarida tem 11 anos cursa a 5ª e faz parte do projeto de dança da Escola Técnica Federal de Santa Catarina, juntamente com Rosa - 10 anos cursa a 5ª é sapeca e adora dançar, Violeta - 13 anos cursa a 7ª é alegre, delicada e quando ouve o rap se solta Dália -16 anos cursa a 7ª sorridente, adora estar com os cabelos bem apresentados com tranças africanas e cheios de enfeites

⁴ O antigo governo (partido do PP) financiava o projeto de dança na escola.O (PMDB) não quis dar continuidade ao projeto.

coloridos, Jasmim - 12 anos cursa a 7ª é simpática, alegre, adorava mostrar o corpo dançando, Bromélia - 16 anos cursa a 8ª e participa da escola aberta aos sábados onde aprende trabalhos manuais. Girassol - 15 anos cursa 8ª, falante, gosta de tomar a frente nas decisões do grupo, Lírio - 18 anos cursa a 7ª, desistiu de estudar por várias vezes resolveu retornar para concluir o ensino fundamental, Cacto - 15 anos cursa a 8ª, é tranqüilo e fala quando solicitado Cravo - 14 anos cursa a 7ª e se preocupa em falar corretamente, é alegre e divertido e sempre sorrindo.



Foto 2 – Alunos do projeto

Os meninos trazem a linguagem corporal apresentando-se de short, tênis e boné, em contrapartida as meninas trazem a mesma linguagem de forma diferenciada apresentam-se muitas vezes vestidas de saias hiper-curtas e sandálias altas e os cabelos muitos bem apresentados com as tranças africanas cheias de enfeites coloridos. E quando são elogiadas por mim relatam: “é coisa nossa, coisa do povo negro⁵”. Estes adolescentes

⁵ Stuart Hall trás algumas reflexões que acredito que sejam fundamentais a respeito dos discursos gerados em torno do termo negro. Para Hall, o termo negro “funciona como linguagens”, uma vez que as formações nas quais situa o termo, baseadas em sua “própria experiência tanto no Caribe quanto na Inglaterra, não

demonstram na linguagem corporal a sua alegria, seus sorrisos e sua beleza. Eles comentaram que se dispuseram a colaborar porque se identificaram com a pesquisadora por ela ser negra e esta relação ficou muito explícita desde o início da pesquisa. Curioso que, um dos adolescentes me questionou se para chegar à universidade tem que se ler muito, e se para ele chegar aonde eu cheguei vai ser difícil. Lhe respondi que é difícil, mas não é impossível.

Retomando a identificação africana através dos adereços. Para Hall (2003) esta identificação tem características positivas, segundo esse teórico, isto acarreta uma desarticulação das identidades estáveis do passado, abrindo possibilidades para que novas identidades sejam criadas, produzindo novos sujeitos, não mais com identidades fixas e estáveis, mas sujeitos contraditórios, inacabados, sempre em processos assim como a própria história desses sujeitos. Não seriam esses adolescentes que moram numa das periferias mais violentas da cidade de Florianópolis que estão quebrando barreiras através desta cultura juvenil o hip hop. Cultura esta de resistência negra e de contestação.

Meu contato direto com os adolescentes teve início em abril de 2004 e se estendeu até novembro de 2005. Durante este período os encontros ocorreram duas vezes por semana, nos quais demonstravam as danças do hip hop e a “quebrada do corpo” linguagem deles⁶. Neste período, trabalhamos com vídeos sobre a cultura hip hop, entrevistas, que descreverei posteriormente, seu efeito e o seu contágio manifestos nestes adolescentes pela linguagem corporal e pela dança.

Durante este período os adolescentes sempre foram muito receptivos com a pesquisadora, ficando no portão esperando pela mesma todas as vezes que ia a escola. Inclusive, num sábado, quando marcamos para fazer uma gravação deles dançando no auditório da escola. Todos os adolescentes foram ao encontro, neste dia até a pesquisadora arriscou alguns passos de dança hip hop por exigência deles.

Percebi o seu jogo com o corpo e com esta cultura, o gingado, a quebrada, o molejo: Dancei!

encontram uma correspondência exata na situação americana” (Hall, 2003:187) Poderíamos acrescentar, que no Brasil os tradutores de Hall para o português preferiram traduzir Black por negro, e não por preto.

⁶Quebrada do corpo linguagem usualmente dos happers, ou adeptos ao movimento hip hop.

1.1.3 Método

Penetrar nas entrelinhas do movimento cultural juvenil hip hop e no espaço da escola em que foi possível navegar no devir intencional, para desvelar outros significados desta cultura juvenil, tomando como base a experiência dos adolescentes sobre o hip hop, foi uma tarefa prazerosa apesar de árdua pela minha falta de experiência com o tema. Foi um trabalho muitas vezes delicado por ser envolvido em sentimentos, muitas interrogações, as quais me surpreendiam com mudanças no decorrer da pesquisa.

Este trabalho tem como objetivo relacionar o movimento hip hop com o corpo e a dança.

Assim, a reflexão é oriunda do cruzamento de minha falta de experiência com esta cultura juvenil e com a experiência dos adolescentes pesquisados. Busquei um olhar diferenciado para esta cultura, a partir das falas e das expressões corporais trazidas pelos adolescentes.

Acredito que com esta pesquisa, de natureza exploratória, resgata-se um pouco da história do hip hop, buscando uma discussão e uma reflexão sobre a cultura juvenil hip hop.

Esta pesquisa possui caráter qualitativo⁷ de natureza exploratória, tendo como eixo teórico-metodológico os Estudos Culturais.

Para Maria Cecília de Souza Minayo (1994), a pesquisa qualitativa, busca questões muito particulares, sobretudo, nas ciências sociais, cujo nível de realidade não pode ser quantificável, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Neste sentido, a pesquisa qualitativa de caráter exploratório tem como objetivo abrir caminhos para pesquisa posteriores.

As pesquisas exploratórias têm como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas na formulação de problemas mais precisos para estudos posteriores, constituindo assim a primeira etapa de uma investigação mais ampla (ANTONIO CARLOS GIL, 1994).

⁷ O que não impede de usar dados quantitativos lidos e analisados a partir da perspectiva qualitativa, ou seja, buscando síntese dialética entre quantidade e qualidade (Gamboa, 1995).

Nesta perspectiva ao investigar o movimento cultural juvenil hip hop, buscando o corpo e a dança no espaço escolar, problemática esta, ausente nas literaturas existentes na educação e, pelo menos, de forma introdutória, contribuir para o tema em questão.

A abordagem do estudo de caso se faz nesta pesquisa, pois busquei nas falas dos adolescentes seus conhecimentos sobre o movimento hip hop.

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora (ANTONIO CHIZZOTTI, 2003, p. 102).

1.3 Procedimentos da Pesquisa

Primeiro me dirigi até ao Morro do Monte Serrat, local onde a escola esta inserida, em busca dos participantes da pesquisa. Em contato com a diretora da escola, relatei o objetivo da pesquisa e a metodologia, de imediato permitiu que a pesquisa fosse feita no espaço escolar, ressaltando que, os adolescentes participantes, não fossem retirados da sala de aula para não se prejudicarem nos estudos. Neste mesmo dia a diretora me informou que o projeto de dança havia sido extinto, percebendo meu interesse em desenvolver a pesquisa nesta Unidade Escolar, me deixou á vontade para escolher os participantes.

Neste primeiro contato com os adolescentes, que retomo para você leitor, teve seu início em junho de 2004 nas dependências da escola, onde 20 adolescentes se apresentaram, depois de muita conversa ficou acertado que eu escolheria quem já tinha feito parte do projeto do hip hop na escola. Combinamos que eu estaria na escola duas vezes por semana, as terças-feiras e quartas-feiras à tarde, e quando necessário sábado à tarde. Mas acabei indo à escola em dias alternados, pois sempre que o professor, por questões eventuais, avisava que não estaria na escola, aproveitava estes horários para trabalhar com os adolescentes.

Trabalhei vídeos-clipe sobre o hip hop, foram assistidos dois filmes⁸ tendo como objetivo observar o comportamento dos adolescentes e buscar uma reflexão sobre a mensagem do movimento cultural juvenil hip hop e o envolvimento destes adolescentes negros/as nesta cultura juvenil hip hop. Após a exibição do primeiro filme “No Ritmo Dos Seus Sonhos”, os adolescentes deram suas opiniões sobre o mesmo, relacionando sua vivência no Morro do Monte Serrat traçando um paralelo entre o real e o imaginário, que perceberam no filme, com suas condições de vida enquanto adolescentes negros moradores de periferia, com poucas oportunidades de ascensão social.

No segundo filme, “O Vinte Dez” foi feita observação da reação dos adolescentes a medida que viam o filme sobre o hip hop e percebiam a mensagem que o mesmo trazia. Desta vez entramos em comum acordo, e os adolescentes pediram para escrever o que perceberam no filme. Na exibição dos filmes mesmos os alunos que não faziam parte da pesquisa fizeram-se presente na sala de vídeo, pois eram muitos solidários comigo.

Sobre a extensão do período de observação Menga Ludke e Marli André enfatizam que:

A decisão sobre a extensão do período de observação deve depender, acima de tudo, do tipo de problema que está sendo estudado e do propósito do estudo. Um aspecto que deve ser levado em conta nessa decisão é que, quanto mais curto o período de observação, maior a probabilidade de conclusões apressadas, o que compromete a validade do estudo. Por outro lado, um longo período de permanência em campo por si só não garante validade. É preciso levar em conta outros fatores, com a habilidade e experiência do observador, a possibilidade de acesso aos dados, a receptividade do trabalho pelo grupo, a finalidade dos resultados, etc (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 29-30).

Esses dois momentos de observação e suas sessões foram de fundamental importância para a pesquisa, pois os adolescentes com sua receptividade e experiência com a cultura juvenil hip hop levantaram várias questões sobre o corpo e a dança. O tempo de observação das sessões e, conseqüentemente, a participação no contexto em estudo ocorreram de forma harmoniosa. O meu grau de envolvimento constituiu, portanto, um aspecto relevante para o acesso às informações necessárias ao estudo. Ao final de cada

⁸ Os filmes serão relatados nesta pesquisa: **No Ritmo Dos Seus Sonhos, dirigido por Bille Woodruff, 2004 e O Vinte Dez, dirigido por Eduardo Abad Barbosa. (2001).**

sessão os adolescentes e eu levantávamos os pontos observados no filme para que eu pudesse retomar no próximo encontro.

Recorri a entrevistas onde entrevistei o Rap MVBILL que a mídia denominada de mensageiro da verdade. MVBIL tem história parecida com a dos adolescentes participantes da pesquisa, nascido na Cidade de Deus⁹ no Rio de Janeiro. Viu no rap a possibilidade de viver da música. Hoje é venerado por estes adolescentes que praticam o movimento cultural juvenil hip hop.

Foram entrevistados também a diretora da escola, a professora de arte-educação, o professor de educação física, e um ex-aluno participante do projeto hip hop na escola, que insistiu tanto em fazer parte da pesquisa que não pude resistir ao apelo em sua contribuição. O instrumento utilizado para as entrevista foi um gravador em fita cassete. No anexo constarão as entrevistas na íntegra. Foi utilizada a entrevista do tipo semi-estruturada.

Segundo Ludke e André (1986) a entrevista semi-estruturada constitui-se num instrumento flexível, adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação.

Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 33-34).

A entrevista enquanto instrumento, e recurso como utilizado para a coleta de dados, qual além do depoimento, concebe este último como um “modo mais apropriado para abordagem de múltiplos e localizados objetos da investigação” de acordo com Paulo Meksenas (2002, p. 129).

O depoimento consiste em um método da organização da coleta de dados a respeito de determinado tema a partir da realização de entrevistas não-diretivas o semi-estruturadas [...] de posse do

⁹ Uma das comunidades mais violentas do Rio de Janeiro.

tema[...] o pesquisador localiza sujeitos significativos que narrem suas experiências apenas em relação ao tema proposto.

A elaboração do roteiro (ver anexos...) pautou-se nos objetivos da pesquisa e inclui questões como: O que é o hip hop? Como é observado o corpo no espaço da escola? Como é visto o hip hop dentro do espaço escola? E outras questões trataram do corpo e da dança, por exemplo: Como é visto o corpo negro no espaço escolar? De que forma é trabalhada a dança na educação artística? Não utilizei uma ordem para fazer as perguntas, elas foram variadas conforme o andamento da entrevista.

Ainda sobre a utilização da entrevista para coleta de dados Nadir Zago diz que:

Amplamente utilizada nas Ciências Humanas e Sociais, a entrevista é empregada conforme diferentes perspectivas teóricas, razão pela qual também se diferencia quanto aos objetivos e modalidades de condução. Portanto a escolha pelo tipo de entrevista, como é também o caso de outros instrumentos de coleta de dados, não é neutra. Ela se justifica pela necessidade decorrente da problemática do estudo, pois é esta que nos leva a fazer determinadas interrogações sobre o social e a buscar estratégias apropriadas para respondê-las (ZAGO, 2003, p. 294).

Em uma conversa com os adolescentes eles solicitaram que fosse feito questionário, pois não gostavam de falar muito “nos gostamos é de dançar”, respeitando os participantes, preparei um questionário em que constassem questões referentes ao movimento cultural juvenil hip hop, corpo e dança. Pretendi, então realizar um coerente diálogo entre a realidade e o problema de pesquisa.

Na construção do questionário (ver anexos...) foram considerados fatores fundamentais: a auto-estima, a facilidade e a compreensão da linguagem. Na construção do instrumento utilizei questões diretas.

Questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemáticas e seqüencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar (CHIZZOTTI, 2003, p. 55).

Na utilização deste instrumento os adolescentes se sentiram à vontade para escrever, foram poucas vezes que fui solicitada para explicar alguma questão do questionário. Mas em contrapartida quando era pergunta sobre o corpo, os adolescentes se manifestaram com sentimento de amor e valorização. Girassol disse: “meu corpo é bonito sarado”. Por esta razão que ressalto nesta parte da pesquisa a auto-estima do adolescente negro/a.

Em relação ao auto-estima positiva destes adolescentes busquei em Jeruze Romão (2001 p.161). “Ter ou não ter auto-estima, ou ter uma baixa auto-estima, está relacionada com a história, de vida social, individual ou coletiva”.

Para que o leitor entenda o movimento cultural juvenil hip hop e suas coreografias, e veja o Morro do Monte Serrat como uma cidade inserida em outra cidade com seus desajustes, e desigualdade social, utilizei a fotografia.

A escolha do registro fotográfico foi com a intenção de usar um recurso que permitiria obter imagens de ambientes e/ou fatos relevantes para análise e exposição dos resultados.

Ao entender que por meio da fotografia é possível captar detalhes que podem passar despercebidos a um primeiro olhar (ANA MARIA GALANO, 1998), procurei fotografar diferentes espaços da escola e do bairro Monte Serrat, e a coreografia dos adolescentes dançando hip hop que julgava serem interessantes para o estudo. Neste sentido, a fotografia permitiu fixar situações e/ou fatos observados, preservando imagens dos lugares, das coisas, das posturas e expressões corporais etc. Além disso, possibilitou mostrar imagens que, em consonância com o relato escrito enriqueceram a exposição dos resultados da investigação.

Compreende-se, assim, a importância do uso da imagem não só no campo da pesquisa, mas na própria exposição de seus resultados por meio do relato etnográfico. A imagem pode e deve ser utilizada como uma narrativa visual que informa o relato etnográfico com a mesma autoridade do texto escrito. Mais do que representar fatos visíveis, tais imagens acrescentam outros meios de representação à descrição etnográfica. (LUCIANA AGUIAR BITTENCOURT, 1998, p. 199).

A fotografia pode ser tomada como um interessante recurso não só para a

coleta e análise de dados do cotidiano escolar, mas também para a exposição da análise desses dados. Um recurso que possibilita não só mostrar imagens da realidade que se observou, mas também a exploração de outras linguagens no processo de construção de conhecimento e narrativas.



Foto. 3- Rede TV.RBS, dentro do mato observa-se uma residência .O telhado da casa é visto abaixo das roupas no varal. A fotografia revela a precariedade em que vive algumas das famílias do Morro do Monte Serrat.

Neste capítulo, busquei o elo de identidade étnica entre mim, e os participantes da pesquisa, enquanto mulher negra e pesquisadora. Neste meu primeiro contato com o movimento cultural juvenil hip hop, e a experiência dos adolescentes pesquisados.

CAPÍTULO II

2. TRAÇOS E PASSOS NO ESPAÇO ENTRE A ESCOLA E A RUA

Este capítulo intenciona mostrar ao leitor a importância que o corpo e a dança têm para os adolescentes negros do Morro do Monte Serrat, nesta manifestação cultural.

2.1 A Escola



Foto 4 - Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne

Juarez Tarcisio Dayrell (2005) sugere em seu artigo “Escola e Diversidade Cultural” que:

Discutir a escola e a diversidade cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história atores na história. Pensar a escola na sua dimensão sócio-cultural implica, assim resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição. (DAYRELL, 2005, P. 11).

A Escola Lúcia do Livramento Mayvorne foi criada pelo Decreto Lei nº 4810, publicado no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina no dia 16 de abril de 1978. Sendo que a escola já funcionava desde 1963. Isso devido à necessidade urgente de uma instituição educacional na comunidade. Iniciando provisoriamente em casas alugadas na própria comunidade do Monte Serrat, um dos morros do centro da cidade de Florianópolis.

Em 1978 com a construção do atual prédio, foi formada a 1ª turma de 5ª do ensino fundamental e de pré-escolar.

Em 1981 formou-se a 1ª turma de 8ª série do ensino fundamental. Ao longo desses 23 anos sua infra-estrutura passou por algumas reformas internas foi dividido e fechado o pátio interno, do setor administrativo, troca de janelas, construção de muros, quadra de esportes, pintura interna, troca de pisos de quatro salas de aulas.

A escola é cercada por muros altos, e com grades de ferro, logo na entrada um grande portão onde se encontra o vigia que faz o controle da entrada e saída dos profissionais que trabalham ali e dos alunos.

Sua pintura se encontrava bastante desgastada pelo tempo, no pátio encontramos um pequeno parque onde as crianças menores brincam antes do sinal para entrada das aulas e no horário do recreio. Os alunos maiores ficam encostados nas paredes ou sentam em uma saliência de concreto que tem em frente à escola, ou em cima de uma pedra que fica ao lado portão de entrada, sempre sob o olhar do vigia que é morador da comunidade e já conhece os alunos. A estrutura do edifício é de alvenaria com dois pavimentos em precárias condições, tendo nove salas de aula, num largo corredor no piso superior, com biblioteca informatizada, uma sala de vídeo também em precárias condições, descendo a rampa pela lateral do prédio encontramos o auditório que tem capacidade para 150 pessoas. Na parte térrea do pátio interno encontram-se três mesas grandes com bancos, bebedouros, cozinha com um bom aspecto e espaço físico, banheiros feminino e masculino.

Ainda na parte térrea existe uma sala de informática com oito computadores, duas impressoras, um scanner. Entrando em outro corredor fica a secretaria também informatizada, a sala da diretora, banheiros feminino e masculino, sala dos professores e sala da orientadora. Fora deste espaço no pátio externo funciona a sala de educação infantil.

Nos fundos da escola está em fase final a construção do ginásio de esportes da escola para que os alunos possam fazer educação física.

Retomando ao uso do material que a escola possui falta conservação a sala de vídeo parece mais um depósito de carteiras velhas, armários e mesas empilhadas uma sobre as outras. O aparelho de TV fica em cima de um armário em péssimas condições, o vídeo fica dentro deste armário. A sala de informática está se estragando por falta de funcionário que possa orientar os alunos quanto ao seu manuseio. Nos dias de chuva, chove dentro das salas de aula e os alunos são deslocados para outro espaço. A biblioteca é bem conservada. A sala dos professores é ampla e agradável. O auditório é amplo, mas seu teto encontra-se com rachaduras, e mal conservado, tem um palco amplo, com aparelho de som, microfone e na parede se vê a cultura hip hop expressa em grafite, trabalho feito pelos adolescentes da escola.



Foto 5 - Grafite realizado pelos alunos da Escola

Sinto a necessidade de ressaltar a peculiaridade que a Escola de Educação Básica

Lucia do Livramento Mayvorne possui quanto ao seu quadro de profissionais e alunos que fazem parte da família Monte Serrat como se denominam. A escola conta com 375 alunos da educação infantil a 8ª série do ensino fundamental sendo a maioria negra. 26 professores sendo que destes 7 professores são brancos os demais são negros. Sendo que 17 professores possuem nível superior, 3 cursando faculdade e 6 com nível médio de magistério.

Os demais profissionais como merendeira, vigia, faxineiros, e coordenador de disciplina também são negros. Sugiro um estudo mais aprofundado sobre este assunto.



Foto 6 - Sala dos Professores

2.1.1 Convivência na Escola

Nesta parte da pesquisa trago observações feitas durante o convívio com os adolescentes e os demais alunos as várias formas que se utilizam para demonstrarem o movimento cultural juvenil hip hop dentro do seu espaço escolar e da sala de aula. São

amáveis, respeitadores, alegres, e todas as vezes que a pesquisadora ia a escola ficavam esperando-a no portão, mesmo aqueles que não faziam parte da pesquisa, estavam sempre dispostos a colaborar trazendo dados novos sobre o hip hop. Traziam sempre nomes de artistas que fazem parte do movimento hip hop, entre eles: Nega Gissa, Mvbill, Nelson Triunfo, Rappin’Hood, Sabotage etc.

Os adolescentes provêm de um meio sócio-econômico de baixo poder aquisitivo, muitos passam por tragédias e desajustes familiares, poucos possuem ambiente adequado para realizar as tarefas escolares.

Observei que apesar das dificuldades existentes, os adolescentes demonstram suas linguagens corporais através da alegria e criatividade e na busca pela sobrevivência. Esta corporeidade está expressa no amor que tem pelo hip hop, a dança, o samba, a capoeira e o futebol.

Concordando com Dayrell (2005) quando relata em seu artigo, que a entrada dos alunos na escola parecer ser um ritual cotidiano, repetindo-se todos os dias os gestos, falas, sentimentos, momentos de encontro, paquera ou simplesmente, de um passa tempo.

O sinal bate anunciando o início das aulas. Os alunos começam a descer ou subir o morro para chegar até a escola que fica no meio do Monte Serrat. Meninos e meninas vêm chegando até o portão da escola, que o vigia já deixa aberto, para que possam entrar no pátio da escola. Os alunos entre brancos e negros vão se acomodando no pátio da escola. Em sua maioria são negros, com idades que variam de 6 a 18 anos e pelo fato da escola não possuir uniforme se vestem de forma variada, os meninos de short, calça larga caindo pela cintura estilo *rappers*, tênis ou sandália de dedos, as meninas maiores vão de saias justas e curtas e sapatos altos ou sandálias baixas. Os menores vão de agasalhos e sandálias. A disciplina fica evidente na escola, fato constatado pela pesquisadora uma das alunas que fazia parte da pesquisa foi retirada da sala de aula por ter discutido com a professora.

Hall (2003) destaca o trabalho de Foucault que produziu uma espécie de genealogia dos sujeitos modernos, destacando um novo tipo de poder que ele chama de poder disciplinador, que se desdobra ao longo do século XIX chegando ao seu desenvolvimento máximo, do início dos séculos XX e XXI.

O poder disciplinador está preocupado com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo

do século XIX e que policiam e disciplinam as populações modernas: os quartéis, as escolas, os hospitais, prisões etc. O objetivo do poder disciplinador é manter as vidas, as atividades, o trabalho, os prazeres do indivíduo, sob astuto controle e disciplina, com base nos regimes administrativos. A escola faz este papel disciplinador de acordo com Foucault, que esta preocupada com a regulação e vigilância em governar a espécie humana. Em manter o controle sobre seus atores. Formando um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil.

Neste mesmo dia a bibliotecária desceu porque não conseguia controlar uma 5ª série, em que o professor havia faltado, e dois alunos estavam se desentendendo. Neste caso quem fez a intervenção foi a orientadora educacional.

Recorrendo a Dayrell (2005), que destaca em sua pesquisa que os alunos após passarem pelo portão da escola, entregavam suas cadernetas para a servente da escola, logo após seguiam para o pátio coberto da escola. Contrapondo o autor, os alunos da Escola Lucia do Livramento Mayvorne não usam caderneta de identificação, entram no pátio da escola e ficam aguardando o sinal para se dirigirem às salas de aula. Dayrell (2005) percebe este espaço como delimitado, como que evidenciando a passagem para um novo cenário, onde vão desempenhar papéis específicos, próprios do “mundo da escola”, bem diferentes daqueles que desempenham no cotidiano do “mundo da rua”.

Nos Parâmetro Curriculares Nacionais (PCNs), a escola é vista como construção de cidadania, necessitando assumir e valorizar a cultura de sua própria comunidade ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, proporcionando o acesso ao saber a todos os alunos de todas as camadas sociais, tanto dos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira em âmbito nacional e regional como dos que fazem parte do patrimônio universal da humanidade.

Para Dayrell (2005), a escola trabalha com conhecimento reduzido, não é levado em conta o valor do material utilizado nos programas e livros didáticos, o conhecimento escolar se torna “objeto”, “coisa a ser transmitida”, Ensinar é somente transmitir conhecimento e aprender é assimilá-lo. Como a ênfase é centrada nos resultados da aprendizagem, o que é valorizado são as provas e as notas e a finalidade da escola se reduz ao “passar de ano”.

Concordando com o autor a escola não estabelece relações entre o vivido dos alunos e o conhecimento escolar, entre o escolar e o extra-escolar, justificando-se a desarticulação

existente entre o cotidiano escolar, o conhecimento e vida dos alunos.

Trago um pouco da empiria para fazer um breve relato dentro de minha experiência como educadora de escola pública da periferia, observado a forma no processo ensino aprendizagem na Escola Lucia do Livramento Mayvorne que ocorre numa homogeneidade de ritmo, estratégias e propostas educativas para todos, independente da origem social, da idade, das experiências vividas.

Os professores ministram aulas com os mesmos conteúdos, mesmos recursos e ritmos para as turmas de 5^a a 8^a série sem a preocupação de olhar com quais alunos estão trabalhando e onde a escola esta inserida e de qual localidade da cidade estamos falando.

Dayrell (2005) comenta que a diversidade real dos alunos é reduzida as diferenças apreendidas na ótica da cognição, colocando os alunos como bom ou mau aluno esforçado ou preguiçoso, ou bom ou mau aluno, obediente ou rebelde, disciplinado ou indisciplinado.

A prática escolar, neste ponto de vista desconsidera a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos, alunos, professores e funcionários que dela participam.

Todo aluno que chega a escola, é fruto de um conjunto de experiências sociais vividas nos mais diferentes espaços sociais. O hip hop é uma prática juvenil que esses adolescentes vivenciam nos seus espaços sociais. Assim para compreender esta cultura juvenil temos de levar em conta a dimensão da “experiência vivida”.

Neste sentido a experiência do hip hop trazida pelos adolescentes para a escola tem que ter um outro olhar dos professores e da comunidade, como algo sadio e atraente para os mesmos, acredito que diminuiria a evasão, as repetências neste espaço, já que estes adolescentes não têm outra forma de lazer a não ser a dança desta cultura juvenil que ensaiam no espaço da escola nos finais de semana.

Dayrell (2005) discute que é esse tipo de experiência que irá constituir os alunos como indivíduos concretos, expressão de um gênero, raça, lugar e papéis sociais, dentro de uma escala de valores, e padrão de normalidade. Dentro de um processo dinâmico e criativo os adolescentes/alunos deixam de usar uma série de símbolos, reelaborando-os a partir das suas interações e opções cotidianas. Sendo estes adolescentes que chegam à escola, o resultado do processo educativo que ocorre no cotidiano das relações sociais, quando os sujeitos interagem uns com os outros, com os elementos culturais a que tem acesso, num

diálogo constante com os elementos e com as estruturas sociais onde se inserem e a suas contradições. Assim, apesar da aparência de homogeneidade, expressam a diversidade cultural: numa mesma linguagem podem expressar múltiplas falas.

Assim é o hip hop para estes adolescentes trazem do seu cotidiano para o espaço da escola.



Foto 7 - Adolescentes dançando o hip hop

Por outro lado demonstram apatia em relação aos estudos, mesmo quando a professora propõe atividades lúdicas e dinâmicas fato estes presenciado pela pesquisadora que foi convidada a participar de uma aula de inglês, onde a professora trouxe o Rap americano para fazer uma comparação com o Rap brasileiro. Os alunos fizeram de tudo dentro da sala de aula jogaram capoeira, conversaram, falaram no celular, deitaram na carteira, uma aluna pintou as unhas não houve a troca como a professora havia planejado. Ela mesma avaliou como caso de indisciplina falta de interesse dos alunos já que a aula havia sido planejada anteriormente com os próprios alunos.

Essas identidades corporais e os gestos não fizeram sentido para a professora que

estava muito mais absorvida no conteúdo programado do que na linguagem corporal que os alunos estavam representando.

Quando a referida professora, classifica estas atitudes como indisciplina temos que concordar com Miguel Arroyo (2003) quando diz que:

A questão da indisciplina nas escolas tem sido temas nos últimos anos das reuniões pedagógicas, lembra ainda sua fase de estudante quando a escola controlava a indisciplina com castigos e palmatórias. Diz o autor que a indisciplina nas escolas é preocupante e desanimador, mas o que fazer? Ignorá-la ou enfrentá-la? Mas, como? pergunta o autor (ARROYO, 2003, p. 97).

O autor classifica a disciplina na escola como uma resposta à “indisciplina” dos alunos. Os alunos que são controlados não aceitam este controle por parte da escola, portanto na visão de Arroyo (2003), a escola tem que desconstruir a disciplina para reconstruir o significado da disciplina, como uma prática inerente da ação educativa. Buscando temas que ultrapassem as salas de aula e o próprio universo da escola.

Corroborando com Arroyo (2003), Nilma Lino Gomes (1999) discute no artigo rappers, educação e identidade racial e o papel da escola na trajetória de vida de rappers paulistanos, por meio da análise da participação de rappers no Projeto Rappers do Geledés – Instituto da Mulher Negra de São Paulo. A investigação se deu a partir dos seminários promovidos pelo Geledés, pelos depoimentos colhidos e também de questionários colhidos e também de questionários aplicados durante os eventos, no decorrer do ano de 1993.

Segundo a autora, a análise dos depoimentos contribuiu efetivamente tanto para o estudo sobre a relação escola/diversidade étnico cultural, quanto para a compreensão das ações coletivas desenvolvidas pelos jovens negros.

A relação dos rappers com o Geledés é descrita como iniciativa dos próprios jovens que conforme a autora, buscavam instrumentalização para compreender a dimensão histórica e política do que representa ser negro no Brasil, bem como para vencer a resistência em relação à manifestação cultural e artística do hip hop. A autora afirma que o contato dos rappers com o Geledés possibilitou a eles uma melhor compreensão das dimensões presentes no mundo rap, bem como a criação de um espaço para a discussão de questões políticas e profissionais. Este espaço foi possível porque os debates e seminários

abordaram temas vivenciados na sua realidade e os contatos em suas músicas com o preconceito, a discriminação racial e de gênero, a opressão econômica, a violência policial, entre outros.

Quanto à análise da trajetória escolar dos rappers, salienta a autora, que a escola aparece como a instituição responsável pela divulgação da informação e pela transmissão do conhecimento. Embora muitos manifestassem o desejo de continuar na escola e atribuíssem a ela papel decisivo em sua formação, a escola aparece na falas dos rappers como extremamente discriminatória: seu modo de se vestir é criticado, sua organização em torno das posses é confundida e classificada pejorativamente como “ganguê”, a história do povo negro é negada e a denúncia contada em suas músicas é vista por vezes como vitimização e outras como pura rebeldia.

Além disso, é na escola que muitos deles tomam consciência da existência do racismo, seja na relação com colegas ou com o corpo de adultos da escola, seja porque seu direito à fala tem limite imposto pelo autoritarismo.

O texto problematiza até que ponto o hip hop compreendido como manifestação cultural juvenil, é considerado uma forma de organização dos adolescentes negros e espaço de preservação de identidade. O hip hop é colocado, então, como espaço em que os adolescentes negros falam da dignidade de sua raça, ou seja, espaço de afirmação da identidade racial.

Essa identidade pode ser percebida na própria organização dos negros dentro do movimento hip hop, no ritmo nas letras das músicas do rap, no estilo de vestir, nas posses, e também na invasão os espaços públicos há muito negado a população negra e pobre da sociedade brasileira (GOMES, 1999, p. 85).

De acordo com a autora, quanto mais o movimento hip hop avança na construção de sua identidade racial, mais percebem a necessidade de serem reconhecidos como diferentes pela escola. A expectativa é que a escola reconheça a cultura e sua corporeidade. Para finalizar a autora salienta o papel da escola na criação de práticas não discriminatórias efetivas, bem como para a realização de um trabalho efetivo na perspectiva da diversidade étnico-cultural.

Ana Paula Corti, Maria Virgínia de Freitas, Marília Pontes Sposito (2001) em *O*

encontro das culturas juvenis com a escola buscaram fortalecer os grupos juvenis enquanto sujeitos de elaboração e expressão e negociação pública de demandas e, por outro, preparar educadores para que com base na compreensão do universo das necessidades, interesses e práticas dos grupos juvenis, possam conceber e experimentar propostas para tornar a escola mais significativa para os adolescentes. As autoras buscaram um diálogo com educadores de escolas públicas e integrantes de grupos juvenis para a elaboração e implementação nas escolas que trabalhavam com projetos específicos de aproximação com as culturas juvenis sendo que ao grupo de jovens coube o papel de produzir um vídeo, concebido como um “recado” para a escola. Segundo as autoras, parcela significativa dos adolescentes que fizeram parte do projeto é descendente de negros e vindos de famílias com baixo poder aquisitivo. Eles, ao discutirem os aspectos negativos da escola, apresentaram a experiência da discriminação como uma forte marca associada ao ambiente escolar. As autoras trabalharam com oficinas variadas e observaram que o interesse da comunidade foi grande, principalmente em relação às oficinas do hip hop. Em uma das escolas trabalhadas, chegaram a agregar uma grande quantidade de adolescentes dos quais 70% pertenciam à comunidade, mas não eram alunos, o que fez destas oficinas um importante elo de ligação da escola com a comunidade.

Nesta parte do trabalho percebi a relevância que o hip hop tem para os adolescentes negros e sua comunidade. A seguir enfocarei a importância do Fórum do Maciço, seus projetos e a valorização dos adolescentes negros e suas comunidades resgatando sua auto-estima, com apresentações do hip hop além do espaço escolar.

2.1.2 Os Projetos da Escola

As autoras, Corti, Freitas e Sposito (2001) relatam também em sua pesquisa que as oficinas de hip hop foram um importante elo de ligação entre a escola e a comunidade para reafirmar o que trazem as autoras a Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne que possui vários projetos envolvendo a comunidade, tais como: capoeira, computação para toda a comunidade, aulas de violino, aulas de artesanato onde a professora é uma pessoa da comunidade que trabalha como voluntária aos sábados no projeto escola aberta, além de ceder espaço para os adolescentes ensaiarem o rap que faz parte do movimento cultural juvenil hip hop.

O hip hop também foi um projeto onde envolvia toda a comunidade. Como já foi mencionado anteriormente foi extinto por falta de apoio governamental, mesmo com sua extinção os adolescentes buscaram alternativas para continuarem com o projeto na escola, levando “*CD player*” para dançarem demonstrando assim que o hip hop é paixão e orgulho da periferia¹⁰.

Além desses projetos existentes na Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne, essa também integra *O Fórum do Maciço do Morro da Cruz Reescrever o Mundo Com Lápis e Não com Armas*. Trata-se de um projeto no qual várias comunidades¹¹ participam juntamente com seus alunos e professores, tentando assim amenizar o índice de violência que estes adolescentes estão acostumados a vivenciar no seu cotidiano. Para Fantin (1997, p. 12) “O tecer das relações que fazem parte da vida desses sujeitos individuais e coletivos, mediado pelas diversas experiências que vão influenciando modos de viver e pensar. [...] A construção da cidadania e reconstrução da dignidade”.

A criação desta entidade teve como objetivo central de propor políticas sociais públicas que pudessem garantir a qualidade de vida e o desenvolvimento sustentável do Maciço do Morro da Cruz, rompendo o isolamento do Maciço com o resto da cidade, resistindo a uma realidade de precariedade e exclusão juvenil para uma intervenção qualificada e compromissada com a formação educativa dos jovens da região.

Ainda para Fantin (1997, p. 17) “Nas lutas pela moradia, terra, escola, saneamento, água, luz calçamento, vão se apropriando de novos espaços na cidade [...] a partir destas lutas e das práticas de participar, organizar, mobilizar, reivindicar, acabam revelando seus múltiplos gostos e desejos”.

A realização de diversos trabalhos de ação comunitária, visando ampliar as oportunidades de participação social, integrando as comunidades carentes e qualificando a vida urbana.

¹⁰ A fala dos adolescentes que o hip hop para eles é tudo, paixão, orgulho, por ser da periferia e um movimento cultural dos negros.

¹¹ Com a comunidade do Monte Serrat fazem parte também as comunidades Do Morro da Marrequinha, Tico-Tico, Mocotó, Morro da Queimada, Morro da Penitenciária, Nova Descoberto e Alto da Caieira do Saco dos limões, estão articuladas e compõem o Fórum das Comunidades do Maciço do Morro da Cruz, visando soluções para a transformação da vida dos seus moradores.



Foto 8 – Projeto desenvolvido na escola

[...] uma nova organização das teias e tramas dos espaços da sociedade civil [...] são desafiados a participar e a enfrentar seus conflitos [...] trabalho coletivo e vão em busca de novas maneiras de reivindicar, de exigir seus direitos e seus projetos.[...] enfrentam a realidade da pobreza com força, coragem e autodeterminação (FANTIN, 1999, p.18).

Existem objetivos específicos de cada comissão participante do Fórum do Maciço: **Comissão Executiva:** articula. Organiza. Proê e encaminha as demandas locais na construção das políticas sociais publicas; **Comissão de Educação:** defende a perspectiva da educação em tempo integral com qualidade elaborando o Projeto Político Pedagógico (PPP), nas escolas da área do Maciço, de acordo com a realidade local – esta comissão tem a responsabilidade de articular, organizar e propor os encaminhamentos das demandas locais na construção de políticas públicas. Representa um dos braços fortes do Fórum do Maciço, tendo a frente os Diretores das Escolas; **Comissão de Meio Ambiente:** criação de um Plano -diretor adequado para a realidade das encostas; **Comissão de Segurança:** policiamento comunitário e políticas de segurança em caráter educativo-preventivo; **Comissão de Formação:** oportunizar formação sócio-política e organizacional das lideranças; **Comissão de Trabalho e Renda:** desenvolver alternativas para oportunizar

trabalho e renda aos moradores da comunidade a partir do potencial local; **Comissão de Comunicação**: cria veículos de comunicação popular identificado com a realidade local.

À frente destes processos estão lideranças comunitárias, professores e diretores das escolas, profissionais ligados aos projetos desenvolvidos no Maciço e a Universidade federal de Santa Catarina (UFSC), por meio de projetos de pesquisa e extensão.

As escolas pertencentes ao Fórum do Maciço do Morro da Cruz compreendem, em sua totalidade, doze (12) escolas, **(E.E.B. Lauro Muller; E.E.B Celso Ramos; E.E.B Silveira de Souza; E.E.B Jurema Cavalazzi; C.E. I Cristo Redentor; C.E. I Anjo da Guarda; E.E.B Simão J. Hess; E.E.B Henrique Stodieck; E.E.B Hilda Theodoro Vieira; E.E.B Padre Anchieta; E.E.F Professora Antonieta de Barros e E.E.B Lúcia do Livramento Mayvorme).**

Que atendem essencialmente a clientela dos morros de Florianópolis. Todas estas escolas inclusive a Mayvorme, onde desenvolvo a pesquisa, participam nos eixos temáticos da comissão de educação.

O Fórum é formado por comissões e grupos de trabalho que são organizados nas comunidades, pelas escolas e agencia de desenvolvimento solidário (ADESS), tendo encontros bimestralmente, onde são encaminhadas as questões mais gerais.

A comissão executiva se reúne duas vezes ao mês para encaminhar questões mais urgentes e de acordo com as demandas que vão surgindo entre os encontros do Fórum ampliado.

O Jornal Comunitário Guarapuvu publica todos os eventos e é um elo de ligação entre as organizações comunitárias e moradores, fazendo a ligação entre problemas e soluções para tornar possível um agendamento das reivindicações solicitada pela comunidade é uma tentativa de romper a exclusão a que estas comunidades são relegadas.

Atualmente vem sendo desenvolvido pela comissão de educação o projeto de formação continuada, tendo como objetivo levar os professores a refletir sobre a realidade de seus alunos com vistas à construção e implementação de práticas pedagógicas mais coerentes com a realidade na perspectiva de promover ações concretas junto às comunidades do Maciço Central do Morro da Cruz.



Foto 9 - Resgate da auto-estima – Aula de História

Que bons ventos nos tragam essas reflexões! **E que a diversidade possa ser vista por mim** (grifo meu), como um colorido cata-vento capaz de trazer para o campo da educação novos ares, novas cores, novos sentidos e sentimentos, impulsionando-nos em direção à liberdade, à construção da igualdade social e ao respeito às diferenças (GOMES, 2002, p.11).

Buscar junto aos professores maior valorização dos aspectos afetivos na sua relação pedagógica, com apoio nos aspectos cognitivos; estimulando o desenvolvimento de ações integradas (envolvendo as instituições que compõem o Fórum do Maciço) a partir de eixos temáticos como: violência, avaliação, sexualidade, meio ambiente, comunicação entre outros que surjam como demanda da realidade desses alunos e suas comunidades ou que possam contribuir para a qualidade de vida nestas áreas.

Buscando dar subsídios aos professores para que possam diversificar suas práticas pedagógicas e valorizarem suas experiências.

Experiências estas confirmadas por mim na apresentação no Fórum do Maciço dia

12 de outubro de 2005, no Teatro Álvaro Carvalho (TAC), onde se encontraram todas as comunidades com apresentação de danças, hip hop, samba, e teatro, existindo assim um elo de cumplicidade entre as comunidades é a troca de experiência. Sendo esta troca de experiência entre as comunidades inseridas no Projeto do Maciço, um resgate de valorização para os adolescentes negros do Monte Serrat, elevando sua auto-estima enquanto adolescentes negros, periféricos, e pobres.

2.1.3 A rua

Reafirmando ao leitor para que conheça um pouco mais desta comunidade do Monte Serrat¹² onde o movimento cultural juvenil hip hop faz parte do cotidiano dos atores desta pesquisa aproximada de 30.000 pessoas entre elas 6.000 crianças e adolescentes em idade escolar. Seu relevo possui grande formação rochosa, cujas dimensões são de um conjunto de montanhas agrupadas, em volta do ponto culminante chamado Maciço. É um bairro de classe popular com grande contingente de população negra, e com sérios problemas de infra-estrutura, violência, saúde pública. Negros e brancos vivem nesta comunidade, muitos são nativos, outros são oriundos do Planalto Serrano, do Oeste do Estado, do Sul do Estado, do Rio Grande do sul, e do Paraná.

Este dado estimula-me a pensar neste deslocamento da população para a cidade. E para entender melhor este evento, atento o que para Hall (2003). A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. As velhas identidades

¹² A partir de uma classificação que elaboram sobre os grupos de negros na cidade de Desterro, Cardoso e Ianni (1960) os dividem em quatro, um deles, o segundo é assim exposto: “Esse grupo tanto numérico quanto socialmente desempenha um importante papel na população negra. São os descendentes dos antigos escravos dos serviços ou das profissões mecânicas”, que conseguiam permanecer nas mesmas posições ocupadas pelos seus ancestrais no sistema ocupacional da comunidade. Formam a camada mais estável da população negra e em termos de comunidade global, fazem parte dos “antigos habitantes”. Isso se evidencia, ainda hoje, pela localização de suas habitações, na Ilha.[...] Este setor mais antigo da população negra, depois da abolição, pode organizar grupos de parentesco mais ou menos estáveis graças a instituição do matrimônio, e foi dele que surgiram as primeiras associações recreativas que mencionamos”. Estas associações recreativas criadas no seio destes grupos vão dar origem as primeiras escolas de Samba de Florianópolis, como nos mostra Tramonte (1996,p.141-142), principalmente nos morros da cidade como o Monte Serrat, berço da Escola de Samba Embaixada Copa Lord, segunda mais antiga da cidade, que desfilou pela primeira vez em 1955. Mais detalhes sobre o Monte Serrat, a Escola de Samba Embaixada Copa Lord, e tudo mais que cerca o carnaval da cidade, conseqüentemente, de uma grande parcela da população negra, ver Tramonte, Cristiana. **O samba conquista – As estratégias e a ação educativa das Escolas de Samba de Florianópolis.** Florianópolis.

estão em declínio, surgindo novas identidades e dividindo o indivíduo moderno cuja unificação era conhecida até pouco tempo. Onde a população permanecia no seu lugar de origem. Com este deslocamento as identidades estão sendo “descentradas”, ou seja, deslocadas ou fragmentadas.

Este descentramento esclarece o autor, necessita de uma verificação mais profunda tanto sobre a sua implicação como também a respeito de suas prováveis conseqüências provocadas nas comunidades. O autor ainda verifica que a sociedade sociológica encontra-se dividida sobre este assunto. Nota-se que o próprio conceito de identidade, além de ser complexo é pouco estudado e compreendido na Ciência Social contemporânea para estar sendo colocado à prova.

Para alguns teóricos que acreditam no colapso das identidades modernas, a mudança das estruturas está transformando a sociedade ocidental e nesta transição do século XX para o *século XXI* dividindo as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

Essas transformações estão afetando a identidade pessoal, enfraquecendo a idéia que temos sobre nós como sujeitos integrados. A perda de um “sentido de si” estável é chamada de deslocamento ou descentração do sujeito ou duplo deslocamento, que é a descentração do indivíduo no seu lugar no mundo social e cultural e em si mesmo consistindo na “crise de identidade”.

As famílias que vem para o Monte Serrat, em sua maioria vêm em busca de uma vida melhor, empregos, nova moradia e acabam deparando-se com uma realidade completamente distinta dos sonhos como a falta dos mesmos, tendo que se sujeitar ao subemprego ou até mesmo aliar-se ao “estado paralelo”¹³.

[...] uma forte contraposição entre a vida no “sítio” e a vida na cidade, e no seio destes conflitos perpassam discursos e práticas revelando a ambigüidade presente nas práticas ora conformistas, ora de resistência aos novos valores, aos padrões morais, as relações humanas, entre outras. [...] diferentemente tratadas, seja nas áreas do trabalho, da religiosidade, da educação dos filhos, da escola, do corpo, do crime, [...] diferentes formas de violência que enfrentam no interior das mudanças do campo para a cidade (FANTIN, 1997, p. 17).

¹³ Estado paralelo é o chamado mundo do tráfico de drogas.

Muitos moram em barracos em cima ou embaixo das rochas, sujeitos á deslizamentos. Não há calçamento nos becos nem escadas seguras. O número de creche na comunidade é insuficiente, pois o número de crianças de 0 a 4 anos cresce a cada dia. Também falta sistema de esgoto adequado, área de lazer para as crianças e adolescentes, recolhimento de lixo mais freqüente, entre outros. Não tendo lugar apropriado para o lazer, os adolescentes buscam o espaço da escola que é visto pela professora de arte-educação: *Como é que eu vou te responder uns vêm pela merenda, outros vêm para não ficar em casa, para namorar, e tem aqueles que vêm para estudar, então fazem uso naturalmente desse espaço* (Entrevista realizada em 10-05-2005).

Complementando a fala da professora de arte-educação, a diretora ressalta:

Sandra eu vejo, este espaço aqui da escola para os nossos alunos, é como uma tábua de salvação, porque é o único local que eles tem para vim estudar, vim brincar, para vim namorar, fazer sua área de lazer, tudo é aqui. Porque nós moramos no morro. E o morro sabe como é, subida, pedra de um lado, pedra do outro e acabou. E a escola é o único espaço livre, tem plânice, como eu já falei, aonde eles vêm para brincar, namorar, e para estudar que é o principal isso nem se cogita (Entrevista realizada em 31-08-2005).

Como o Monte Serrat fica no coração da cidade de Florianópolis, e vimos o contraste entre o morro e a cidade, retomo Fantin (1997) que iniciou seus estudos para analisar uma experiência no início de 1982. Ainda estudante, juntou outros jovens e partiram para a experiência com um grupo de pessoas no Morro do Horácio, onde residiam pessoas de classe popular de Florianópolis. O objetivo do estudo era estabelecer um diálogo entre “saber científico e o saber popular”



Foto 10 – Rua que dá acesso à escola

Percebo no Morro do Horácio como sendo uma janela para compreender parte do mundo. O desafio lançado é olhar dessa janela e compreender as interrogações feitas na busca de respostas. Este trabalho se configura num olhar das muitas janelas em que se pode debruçar sobre o Morro do Horácio. Despojando-me da pretensão de querer dar conta de todo o universo do Morro do Horácio, noto que suas mudanças aparecem e desaparecem em trajetórias múltiplas, em sujeitos dispares, em coletivos. Tênuas revelando sua complexidade. Sendo assim, percebo o Morro do Horácio como espaço de conflitos histórias e experiências (FANTIN, 1997 p.13).

O morro do Horácio visto por Fantin (1997), não é diferente do Morro do Monte Serrat, quando olhado de cima é que se percebe todo os contraste de uma cidade dentro da outra, uma com seus palácios, conforto, riqueza . E outra com tantos desalinhos e desestrutura econômica e habitacional. Cheio de vielas desalinhadas com nome de pessoas ilustres da cidade para identificar cada beco, cada rua sem saída.

2.1.4 O Corpo Como Expressão

*Hoje, trago em meu corpo as marcas do meu tempo.
Meu desespero, a vida num momento. [...] Hoje,
Trago no olhar imagens distorcidas, cores viagens.
Mãos desconhecidas.*

(Taiguara)

Escrever sobre o corpo é como escrever sobre mim mesma. Existo no meu corpo. Ao compreender o outro, percebo meu corpo no tempo e espaço. Platão (429-347 Século V.AC) defendia a pré-existência e superioridade da alma em relação ao corpo. Para ele, a alma faz parte do mundo individual que é superior a qualquer outro. Já o corpo faz parte do mundo visível, mundo dos efêmeros, moral, imperfeito.

Para os adolescentes este movimento corporal vem retratado em suas falas como:

Margarida: sinto meu corpo como leve mais solto.

Violeta: sinto o meu corpo mais leve mais criativo.

Jasmim: sinto o meu corpo como um pássaro.

Girassol: sinto o meu corpo com um celular vibrando.

Cacto: sinto o meu corpo como as batidas do som do hip hop.

Para Platão os homens são formados por essas duas realidades: corpo e alma, a este a natureza consigna servidão e obediência, e a primeira comando e senhorio. O corpo é visto como objeto fragmentado como soma das partes que o compõe.

Esta idéia de dualismo entre corpo e alma acompanhou outros pensadores clássicos. Pode se verificar em Aristóteles, Hegel, Bacon, Descartes, entre outros. Se permanecer uma metáfora essencial do corpo, a dança desafia o processo de representação, apesar das figuras que ela encena e que podem decifrar como linguagem.

Para Henri-Pierre Jeudy (2002, p.66) ”sua manifestação efêmera, muitas vezes irruptiva, não oferece jamais uma significação totalmente objetivável, não estando os movimentos do corpo sujeitos a códigos que parecem, contudo, predeterminá-los”

Os códigos têm sua representação para: os adolescentes participantes da pesquisa

Girassol: O que mais gosto em meu corpo é a ginga.

Bromélia: O que mais gosto em meu corpo é a ginga e os passos.

Lírio: O que mais gosto em meu corpo são os passos.

Admiro a plástica, em ver os seres humanos cada vez mais transformando seus corpos em plástico¹⁴. Temos observado a naturalidade com que o corpo artificial se impôs em nossa sociedade. A vaidade corporal tradicionalmente imposta as mulheres para o resto da população, dessa disseminação brota o fenômeno da “vaidade masculina” buscando em academias o corpo perfeito “turbinado” “bombado” “sarado”. O mercado oferece um grande leque de produtos e serviços destinados a esse fim: das academias de ginástica, as cirurgias plásticas, passando pelas vitaminas e dietas.

Ao perguntar para os adolescentes pesquisados sobre seus corpos: dizem:

Margarida: o que mais gosto no meu corpo é o todo.

Rosa: o que mais gosto no meu corpo é o meu braço e as minhas pernas quando estou em movimento.

Violeta: o que mais gosto em meu corpo da cintura para baixo.

Cravo: o que mais gosto em meu corpo minha boca.

Cacto: o que mais gosto em meu corpo são os ombros.

Christine Greiner (2005) relata a dificuldade que temos em reconhecer o nosso corpo, entendendo que o verdadeiro corpo é somente dos dançarinos ou atletas. O corpo

¹⁴ Uso o termo plástico referindo-me ao silicone.

se manifesta de acordo com o ambiente que se encontra, o corpo recebe grande quantidade de informações principalmente da mídia onde seleciona as informações que ira constituir o corpo.

No movimento cultural juvenil hip hop os jovens negros vêem seu corpo como:

Margarida: vejo o meu corpo suave.

Violeta: vejo o meu corpo, movimentado, livre, estilizo para se movimentar.

Cacto: vejo o meu corpo requebrando legal.

Para Antônio A.S. Zuin (2003) o corpo torna publicidade de si mesmo, como mercadoria que necessita chamar atenção do consumidor. Argumenta o autor que o uso de artefatos para o corpo é uma reação desesperada de conservação de uma identidade. Pretende-se salientar o uso do silicone, *piercing*¹⁵ que para o autor é uma forma de mutilação física do indivíduo, trazendo danos para a mente.

Inaicyra Falcão dos Santos (2002) estuda a representação do corpo através dos mitos da ancestralidade negra através dos elementos míticos trazendo como fonte de interligação a oralidade e a escrita diante do mito e a história individual. A autora relata sobre a religiosidade e os mitos focalizando a força e a crença que transmitem moldando a vida da comunidade em que “função da arte” e a de preservar a força da natureza (o orixá) força do ancestral (o egungum) iniciador de uma família o fundador de um território ou de uma nação.

Destaca a autora que a dança no contexto religioso e os movimentos não são realizados de forma aleatória ou simplesmente como resposta ao ritmo da música. Os movimentos corporais são simbólicos. Para ela os movimentos corporais são os elementos que integram a comunicação com o sobre-humano e dissemina as mensagens.

O corpo é preparado [...] durante as iniciações a se tornar um instrumento ativo, um iniciado ou iniciada, aquele que tem o conhecimento mítico incorporado e que participa nas cerimônias, através do seu gestual simbólico permitindo a comunicação espiritual (SANTOS, 2002, p. 38).

Santos (2002, p.58) afirma que ”os gestos, os movimentos corporais fazem parte do vocabulário de linguagem de comunicação nas danças [...] o corpo como instrumento de

¹⁵ Piercing –Objeto perfurante utilizado para adornar o corpo.

expressão, é o reviver das experiências míticas e criativas” e esclarece que os dançarinos nos rituais religiosos onde o corpo tem flexibilidade, plasticidade e coordenação o que o tornara apto a responder as exigências feitas a ele na dança.

Neste processo criativo da dança, os movimentos representam o resultado da concepção artística “espiritual e simbólica do homem através do seu corpo”.

Para o professor de educação física o corpo é visto dentro da escola onde sua maioria é negra da seguinte forma:

O corpo é um corpo oprimido. Que a questão já existente no Brasil inteiro, e não só no Brasil, mas no mundo, por causa do racismo oprimido pela questão social, pela discriminação, que a maioria dos negros estão na periferia. As maiorias da comunidade da periferia são negras e no espaço escolar isto se reflete primeiro já pelo desconhecimento dos professores pela história desse corpo negro, eles só conhecem a história desse corpo negro já seqüestrado de África e aí tentando se constituir aqui. Ainda de uma forma bem errônea, ainda não conhecem nem um pouco da história desse corpo negro em África sendo seqüestrado, então por causa de tudo isso, por causa da incompreensão dos professores e de outros funcionários da própria escola também já que todos eles já carregaram um pouco dessa discriminação, então é um corpo muito oprimido assim os professores a todo o momento também tentam se libertar. Mais é incrível também como eles são afetados por esta discriminação é impressionante como isso traz assim nesse corpo eles discriminarem eles mesmos assim. Assim eu não vi uma, duas, ou nem três vezes, foram várias vezes, assim, negros chamando outro negro de macaco, a forma que o branco discrimina o negro, o negro o próprio discrimina é impressionante isso (Entrevista realizada em 22-07-2005).

Quanto à percepção da discriminação do negro no espaço escolar o professor de Educação Física comenta:

Percebo, sabe e aqui assim, além dos estudantes os jovens aqui a maioria serem negros tem um grande número de profissionais negros também, sabe. Isso é um fato, assim raro nas escolas, não é um fato muito comum. Mas, mesmo assim isso acontece aqui porque ela não esta dissociada do contexto geral, sabe porque quando eles saem daqui eles vêem televisão, eles vêem o programinha da rede globo, que os atores principais são brancos e os negros fazem papéis subalternos, e chegam aqui reflete tudo aquilo sabe quando vão ao centro os olhares são olhares de vigia para eles, então eles

trazem tudo isso para a escola. Também trazem isso contra os estudantes e contra os próprios professores que são negros também. E isso é um fato que assim. Oh? Que tu podes perceber, a grande maioria das escolas, mesmo uma escola como essa como Lucia Mayvorme que esta inserida no maciço do Morro da Cruz, que tem todo um trabalho na questão da educação, na valorização da cultura negra. Mesmo assim porque ela não esta à parte do todo, ela não esta à parte de todas esta cultura, esta conjuntura de discriminação sabe. Eu vou pegar uma frase do Malcon X assim: “não há capitalismo sem racismo”, não há, enquanto houver capitalismo vai haver racismo não adianta. Só se nós mudarmos essa forma de sistema, enquanto nós tivermos esses sistemas opressores, racistas, discriminador, vai haver isso em qualquer escola (Entrevista realizada em 22-07-2005).

Na fala do professor de Educação Física, que é branco, isto tudo leva ao racismo dentro do ambiente escolar, Iolanda de Oliveira (2000) anota duas categorias de discriminação racial na escola. A primeira seria uma discriminação espontânea, que se dá de modo ocasional, isto é, decorre das atividades não-planejadas, da convivência natural escola-aluno, professores-alunos, funcionários-alunos, alunos-alunos, a segunda seria aquela que se dá pela não-inclusão do tema relações raciais, nas atividades intencionais isto é, no planejamento escolar e de ensino (OLIVEIRA, 2000, p.106-107).

Para a professora de Arte-Educação, que é negra, o corpo é visto assim:

Aí é que é o problema, aqui eu questiono muito e brigo muito. Chego a dizer para eles que o mundo não é um teatro, o mundo é mais do que isso sabe porque eles têm essa escola como a casa da sogra. Então aqui como a escola é próxima, está aqui no meio a maioria pensa assim: eu posso ir sem tomar banho, eu posso vir de short, eu posso vir de sandália de dedo ou descalço, é a casa da mãe Joana, eles falam isso então quando eles vão lá embaixo¹⁶, eles dizem assim lá para o Celso Ramos, ou quando vamos fazer um passeio mais próximo, eles dizem que tem quer tomar banho tem que se arrumar. Olha a consciência; então aqui na escola não precisa. Mas aqui é tão escola quanto lá entende, lá eles não tem a mesma vizinhança, nem familiares, eles tem um outro olhar que vai perceber, que vão perceber que eles não tomaram banho mas essa consciência deles não tem que ser só quando eles descem mais que ter aqui. Conversa com um amigo tem que estar limpo é questão de higiene, é uma questão pessoal, e individual, mas também na

¹⁶ A professora se refere quando os adolescentes descem o morro.

relação com o outro dentro do seu espaço no seu habitat. Então ele tem que ter essa consciência, eles têm que se valorizarem. Eu brigo com eles. Eles não se valorizam, eles não se respeitam entre si, a convivência deles é tanta que eles podem se ofender um ao outro não tem problema, sabe eles não tem essa consciência. Dentro dessa questão do respeito na comunidade a minoria que tem consciência é visto como outro olhar eles chamam de besta, de mauricinho, eles já olham com outros olhos. Eles criticam porque não tem hábito. Ele pode morar num barraco não é pela condição porque eles escutam rádio, vêem televisão. A casa pode estar caindo aos pedaços mais eles tem as coisas. Tem que ter uma inversão de valores. Eu acho que a escola tem que cobrar isso, e tem outra coisa que a escola esta perdendo muito que é a questão da regra, tem que existir, eles tem que saber. Eles têm uma escola próxima da casa deles, aqui é para esta a maioria dos adolescentes e a maioria não esta aqui vão pra onde? Eles vão para o Celso Ramos, Instituto Estadual de Educação, Antonieta de Barros, Henrique Stodiek, Lauro Muller, lá tem as mesmas coisas que têm aqui, mas eles não valorizam, até os pais não valorizam, aqui tem que mudar tem que exigir porque eles têm condições de usar uma camisa da escola, se na outra escola ele tem condições, ele tem condições, aqui também. O adolescente tem que valorizar a escola, porque enquanto não valorizar ele vai achar isso aqui a casa da mãe Joana em todos os sentidos. Eles só iram valorizar lá embaixo e muitas vezes já é tarde. Ele fica aqui porque não quer estudar, o tempo passa e muitas vezes quando se percebe já esta com 19 ano (Entrevista realizada em 10-05-2005).

Para a professora de Arte-Educação, o corpo deve ser observado de forma consciente pelos adolescentes negros dentro do diversos espaços pelo qual circulam, seja na rua, na escola, em casa. Demonstra em sua fala a irrelevância que estes adolescentes trazem para o espaço escolar, e, da rua, quando estão inseridos em seu habitat. Questiona que o corpo deve ser higienizado, valorizado conscientemente por estes adolescentes.

Escreve Leda Maria Martins (1997 p. 24). Que: “os africanos transplantados à força para as Américas, através da diáspora negra, tiveram seu corpo e seu corpus desterritorializados”.

A autora destaca que esses corpos individuais ou coletivos foram arrancados do seu domínio familiar vendo-se ocupado pelos emblemas e códigos lingüísticos, filosóficos, religiosos, culturais, sua visão de mundo. Corpos que foram sujeitados ao perverso e violento sistema escravocrata, transformando os africanos que sobreviveram as péssimas

condições na longa travessia marítima transcontinental em estrangeiros.

Segundo a autora a transmigração de escravos africanos para as Américas, e especificamente para o Brasil, e a divisão do continente africano em “guetos europeus” não apagaram no corpo africano e de origem africana, os signos culturais, textuais e toda complexidade simbólica que traziam em sua cultura.

Assim como o corpo é visto dentro da cultura juvenil hip hop, um corpo formado dentro dos “guetos” das grandes metrópoles, e um corpo em sua maioria negra.

Na poesia oral, diz Paul Zumthor (1997, p.41) “o texto poético [...] engaja um corpo pela voz que o leva”. O *rapper* é representação. O corpo, enquanto portador de “voz” não se apresenta como autobiográfica e sim a partir de um contexto estruturado no tempo-espço e neste sentido, o estudo da oralidade depende das mediações que atravessam o corpo que emite e o corpo que o percebe e as circunstâncias.

Comenta Alai Garcia Diniz (2004, p. 228-234) “O corpo exercita um papel, mas não há apenas oralidade performance, e se expande pedindo papel na escritura da violência”. Além de revelar-se étnico como transnacional, [o corpo] ramifica-se sem adotar para si o discurso da autocomiseração [...], um discurso que convive com a violência de uma zona de morte, reservando-se tanto com ceticismo como com o direito de inventar uma utopia que trai o original antropofagicamente.

Zumthor (1997, p.207) destaca que a “expressão corporal corrente encadeia séries contínuas de gestos de todas as espécies” e que uma apresentação poética mão ou expressões faciais. No rap, os movimentos gestuais das mãos como forma de enfatizar determinado aspecto da música se torna muito comum, principalmente do “*gangsta rap*”, onde existe a tendência a incorporar gestos típicos de gangues às *performances* em palco. O modo de se vestir tão peculiar desse grupo, como já mencionei neste trabalho é examinado pelo autor...

A vestimenta do executante assume valores diversos. Neutra, desprovida de excentricidade ela confunde o recitante ou o cantor na loucura de seus ouvintes, dos quais os distingue somente seu papel de porta-voz [...]. Em outras circunstâncias, a vestimenta contribui, por sua aparência a geral, ou algum detalhe notável, com o ornamento do homem mesmo, assim apresentada fora do comum, associado ao estereótipo de beleza ou de força correntes do grupo social onde ele se exhibe [...]. Além disso, não é mais o homem, mas a função que ele encarna: símbolos sagrados ou profanos, emblemas em que se

perpetuam as experiências vividas ou sonhadas de uma coletividade [...] [e] as experiências provam a importância do papel exercido pelos elementos visuais na impressão que apalavra causa ou ouvinte, talvez sobre a própria interpretação da música. A performance explora esse traço da natureza (ZUMTHOR, 1997, p. 215).

Por isso a figura, já destacada, do *Rum-Dmcs* e seu visual despojado que virou símbolo da cultura hip hop. O ar sensual gerou grande impacto uma vez que se aproximava mais do cotidiano. Atualmente, a presença maciça de mulheres no rap, levou as vestimentas, ao menos para elas, um lado que buscava mais o erótico, o sensual. Beyoncé, na capa do álbum *Dangerously In Love* (SONY, 2003), aparece quase desnuda, com uma pequena cobertura com um tecido a base de linhas que deixava grandes vãos. Além dos atributos como cantora, a imagem sensual/erótica já lhe renderam papéis em produções cinematográficas¹⁷.

Angel Vianna e Jacyan Castilho (2002) em seu artigo “*o corpo-casa*” percebem o corpo em relação ao nosso dia, após um dia de trabalho e, a nossa chegada em casa comparando nosso comportamento de tirar sapatos, roupas, tomar banho, etc. As autoras destacam que não percebemos estes movimentos porque desde que nascemos ou “muito antes de morar em qualquer outro lugar”, o nosso corpo que é um espaço ocupado somente por nós e da maneira como desejamos. Comentam que nos sentimos à vontade, pois estamos no nosso “corpo casa”.

Para as autoras devemos ter cuidados com o corpo, pois não ficaremos sempre como o mesmo corpo que nascemos, pois crescemos, envelhecemos, o corpo responde ao uso que fazemos dele e devemos estar atentos para os sintomas que ele nos emite, assim termos um corpo mais harmonioso, tanto nas formas e nas proporções e na eficácia que ele nos transmitirá. Teremos boa respiração, tônus muscular adequado e maior mobilidade nas articulações, tendo o peso mais distribuído. Sendo assim não sentiremos cansaço se tivermos um dia tranquilo tanto físico como intelectualmente. As autoras alertam que se fizermos um mau uso do corpo ele dará o alerta da sobrecarga a que esta sendo submetido: “surgem às dores, as nevralgias, as tensões localizadas, o mau funcionamento de órgãos, a indisposição generalizada; bom humor, digestão de alimento, vida sexual e afetiva ficam comprometidos” (VIANNA e CASTILHO, 2002, p. 19).

¹⁷ Carmen - A hip hopera (New Home Entertainment, 2001), Austin Powers in Goldmember (New Line Home Entertainment, 2002), The fighting temptations (Paramount, 2003) The Pink Panther (MGM, 2005).

Concordado com Vianna e Castilho, quando não cuidamos de nosso corpo ficamos doentes e nós somos o morador de nosso corpo, o nosso humor, sentimentos, emoções, inteligência, nossas perdas e ganhos, são refletidos em nosso corpo.

A representação do corpo negro e cabelos crepos nos salões étnico de Belo Horizonte. Foi investigada por Gomes (2003) que o corpo negro pode ser considerado como suporte da identidade negra e o cabelo crespo “como um forte ícone indentitário” O corpo localiza-se em um terreno social conflitivo, uma vez que é tocada pela esfera da subjetividade [...] o corpo se tornou um emblema étnico e sua manipulação tornou-se uma característica cultural marcante para diferentes povos. Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. O corpo é linguagem e na cultura escolheu algumas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas.(GOMES, 2003, p. 167). O cabelo vem como uma forma corporal positivo seja nos alistamentos, nas tranças, nos implantes, coloridos, raspados ou mesmo como já usado na década de 80 o famoso *black power*

Hall (2003) Ao comentar que as particularidades das tradições da diáspora, pontualiza três questões. A primeira é que devemos observar como dentro do repertório negro, o estilo se tornou em si a matéria do acontecimento.

A segunda, perceber como deslocado de um modo logocêntrico, o povo da diáspora negra tem encontrado a forma profunda, a estrutura profunda de sua vida cultural na música. E, por último, pensar como essas culturas têm usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que os negros tinham como os negros têm trabalhado sem si mesmos como em telas de representação.

Nesta parte do trabalho saliento, enquanto mulher negra, que o corpo negro é visto de forma diferenciada, em relação a outros corpos, sendo visto como um corpo invisível , por tanto buscamos uma forma de visibilidade corporal positiva na contemporaneidade através dos adereços africanos.

2.1.5 A Dança e a Transformação De Si e Do Outro

*Hoje, a dança ...
Por toda parte
Por todo e nenhum tempo-espaço
Por ser experiência*

Cotidiano
Arte
Por não ser nada
O Tudo que me habita

(Débora Barreto, 2004)

A dança, neste trabalho é compreendida como um processo artístico, criativo e educativo, tendo como princípio a experiência contida nos movimentos e na leveza corporal. Não busquei neste trabalho um conceito para o ato de dançar para tanto me apóie em Barreto (2004, p. 121) que destaca que o verdadeiro conceito de dança pode ser compreendido “pela experiência estética em dança, ou seja, o próprio ato de dançar”. A autora argumenta que não devemos considerar apenas a nossa experiência na dança mais também de outros que se dedicam à dança e refletem sobre este ato. A autora vincula a dança como sendo um dos maiores prazeres que o ser humano pode desfrutar sendo um momento mágico trazendo sensação de alegria, onde os dançarinos superam seus limites dos movimentos.



Foto 11 – Dança dos adolescentes

Reafirmando o que diz Barreto (2004), busquei nas falas de:

Violeta: quando eu danço me sinto mais livre eu me sinto mais movimentada.

Girassol: Quando eu danço, eu me sinto mais solto relaxado e leve com os

movimentos.

Cravo: Quando eu danço, eu me sinto mais alegre, confortável.

Bromélia: Quando eu danço, eu me sinto mais, muito bem, leve, a melhor pessoa.

Lírio: Quando eu danço, eu me sinto leve.

As falas demonstram o verdadeiro sentidos da dança para estes adolescentes e o conforto que traz para o corpo e para mente.

Para Barreto (2004), os dançarinos têm que superar os entraves emoldurados pela vergonha e invadir a pista de dança mostrando na expressão corporal todo o sentimento que é provocado pelos diferentes ritmos de música. A dança faz parte do ser.

Falas de duas adolescentes revelam essa superação:

Margarida: Quando eu danço eu me sinto com vergonha. Mais depois me solto mais.

Rosa: Quando eu danço às vezes eu me sinto envergonhada. Quando eu não conheço ninguém mais quando eu conheço aí não dá vergonha.

A autora argumenta que é impossível ouvir uma música sem que o corpo traduza em movimentos toda a sonoridade contagiante que a música provoca em nosso corpo. Quando dançamos expressamos nossa emoção por meio do corpo. Ficamos mais leve, solto, o rosto se ilumina, o corpo vibra, flutua, como se desenhássemos no salão figuras harmoniosas que nascem de pulsar da música.

Neste caso dizem:

Dália: Quando eu danço me sinto muito alegre mais eu não sei dançar muito, mas não tenho vergonha.

Cravo: Quando eu danço fico alegre e confortável.

Cacto: Quando eu danço fico feliz muito, bem.

A dança está contemplada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), para mostrar que não é apenas lazer, mas também, fonte de conhecimento. A atividade da dança na escola pode desenvolver no adolescente e na criança a compreensão de sua

capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, e responsabilidade (PCNS, 1997, p. 67).

Para Paulo Araújo (2005) dançar é uma das maneiras mais divertidas e adequadas para ensinar, na prática, todo o potencial de expressão do corpo humano, os adolescentes tomam conhecimento sobre o seu desenvolvimento físico quando se movimentam mexendo o tronco, as pernas e os braços, e que a introdução da dança na escola é o mesmo que alfabetizar. O autor recorreu à afirmação de Bottelli, (*apud* ARAÚJO, 2005, p. 50) que destaca a dança como um ótimo recurso para o desenvolvimento de uma linguagem diferente da fala e da escrita, tendo como ponto positivo à sociabilidade do grupo e a perda da timidez.

O autor relata que a dança deve ser praticada por todas as idades e de forma interdisciplinar, com envolvimento das aulas de Arte Educação e Educação Física. A prioridade do trabalho de dança é fazer com que o adolescente possa ter consciência corporal, entendendo seu corpo se relacionando como o espaço.

Concordando com o autor trago a fala da professora de Arte-Educação que diz:

Trabalho com o corpo como se estivesse trabalhando teatro aí aplica-se a expressão corporal, o aluno vai trabalhar sua consciência do corpo, todo movimento, trabalhar primeiro a questão do movimento do corpo a conhecer, a andar, caminhar, a observar o outro a questão dos exercícios de teatro é a inserção mesmo do teatro na escola. Então, dentro da questão corporal, o aluno vai trabalhar toda essa questão do movimento até de pegar, apanhar o copo, de colocar esse copo até a boca todo esse movimento, a gente faz tudo isso a gente observa no outro, mas na gente não. Para o teatro o aluno precisa desse movimento ele precisa ter essa consciência para poder passar essa expressão, assim como a dança também precisa conhecer todo o movimento do corpo para poder expressar melhor .(Entrevista realizada em 10-05-2005)

Complementando a fala da professora de Arte-Educação a diretora da escola diz:

Se os professores de Educação Física e de Arte-Educação soubessem da grande importância que é esta disciplina dentro da escola eles iriam valorizar mais. Trabalhar expressão corporal, expressão dos braços, pernas, cabeça tudo isso é muito importante,

mas infelizmente aqui na minha escola eu não vejo, ainda não vi (Entrevista realizada em 31-08-2005).

Para a diretora a expressão corporal envolvendo a dança na escola é fundamental para o desenvolvimento dos adolescentes, sendo que esta atividade poderia contribuir para baixar o índice de reprovações, evasões, e agressividade dentro da escola.

Eu acho da agressividade, por exemplo, uma coreografia feita numa aula de Educação Física e de Arte-Educação que abrange a dança e a expressão corporal rapazes e meninas esse compasso, da fala, da dança, do movimento do corpo meu Deus do céu, isso aí, não digo da reprovação, mas a evasão isso faz com que eles amem mais a escola, amem mais o espaço, eles vêm para aula para aprender algo mais (Depoimento registrado em 31-08-2005).

Araújo (2005) argumenta que devemos levar em conta a postura corporal em adolescentes sedentários podendo ajustar encurtamento de alguns músculos vindo a provocar tensão. Alerta ainda que este estado tira o corpo da postura vertical sendo de fundamental importância para o bom funcionamento da visão e audição e não haja perda da concentração inclusive nas aulas.

O autor trás a questão que devemos observar as adolescentes quando jogam o corpo para trás, coluna curvada ao sentar e as pernas abertas quando estão paradas em pé é sinal de encurtamento dos músculos. Enquanto que as adolescentes que tem o bumbum empinado para trás e os ombros caídos apresentando também abdome saliente. Alerta que devemos ficar atentos para ambos os casos. Segundo o autor a dança e alongamentos contribuem para evitar tensão. Andrade (*apud* ARAÚJO, 2005, p.49) diz: “a dança é a única manifestação artística que realmente integra o corpo e a mente”.

Para o autor a música popular **como o hip hop (grifo meu)** deixa a dança mais atraente além de ser uma atividade de integração que se adapta a qualquer currículo. Salaria ainda o autor que não há necessidade de espaço especial para se trabalhar com a dança basta roupa leve e adequado lugar ventilado e que o bailarino tome muita água.

Contração, o autor ao se ensinar a dança é necessário que se tenha uma sala de aula adequada, com pisos apropriados, sem móveis, sem carteiras, etc.

Vendo por esta ótica buscamos um pouco do *street* dance – dança de rua que é um dos elementos constituidores do movimento Hip Hop ou movimento cultural juvenil. É

mais uma forma de expressão, mas nem todos os *rappers* dançam. É uma dança que exige um considerável esforço físico, habilidade nos movimentos e muita perseverança. Os movimentos podem levar muito tempo para serem apreendidos, o equilíbrio é fundamental e a força de vontade, imprescindível. Este estilo de dança surge com o break (quebrar em inglês). Dança inventada pelos porto-riquenhos, através da qual expressavam sua insatisfação com a política e a guerra do Vietnã, apresentavam em performance que imitavam os helicópteros da guerra, ou mesmo os soldados que voltavam mutilados da guerra. Ela se alastrou junto com as gangues nova-iorquinas, que por volta da década de 70, respondia a opressão social com violência brutal. Além das depredações dos prédios do bairro, era comum o confronto armado. Por tradição norte-americana os étnicos não se misturavam, daí a existência de gangues de hispânicos e gangues de negros. Cada um tinha seu código do grupo, o chamado TAG¹⁸. Contudo nos momentos de descontração, dançavam o *break*.

Entre as mais famosas gangues de *break* estão; *Rock Steady Crew*, *Electric Boogie*, *Zulu Nation* e *Dynamic Breaks*. No Brasil as gangues que fizeram história foram; *Crazy Crew*, *street Warriors*, *Nação Zulu*, *Fantastic Face*, *Jabaquara Breakers* e *Back Spin Kings*.

O *break* tem uma flexibilidade ao dançar podendo combinar vários estilos de dança, o *b-boy* e a *b-girl* implementam movimentos de capoeira para o *jazz* sem perder o estilo do *break*. Para que os dançarinos possam criar outros movimentos dentro do *break* buscam nos filmes de ação, jogos de videogame, desenhos animados todas suas criatividade para a dança. O *break* foi uma forma que as gangues de rua encontraram para amenizar suas diferenças sem violência, através dos rachas¹⁹ de *break*.

Trago a contribuição de Liliam Freitas Vilela (1998), quando de sua pesquisa investigou o significado das “tribos urbanas” *de boys* (dançarinos de *break*) e *funkeiros* (dançarinos de *funk*) que dançavam em bailes *funks* na cidade de Campinas, em São Paulo. A autora investigou o significado da dança para estes dançarinos, tendo em sua maioria dançarinos do sexo masculino e de classe popular. A autora percorreu aos bailes fazendo observações e registro, nesta pesquisa verificou algumas similaridades existência do dois estilos de dança, com o mesmo meio social, vivência na rua e bailes que

TAG- Assinatura dos grafiteiros que demarcavam o território.

¹⁹ Rachas – disputa de dança entre duas gangues de rua.

privilegiam o dançar junto, tendo em sua maioria homens, embora haja diferenças fundamentais. O *funk* possui uma postura descompromissada com o meio no qual está inserido, priorizando a prática da dança sem preocupação de técnicas e sim buscando somente o prazer de dançar. Em contrapartida como já dizemos anteriormente o *break* critica corporalmente o sistema, questiona as novas tecnologias em relação ao humano, não aceita os condicionamentos sociais liberando o corpo nas rodas de improvisações. No *break* cada participante cria seu próprio estilo de movimentos individualmente sendo respeitado pelo grupo.

Com o trabalho de Vilela (1998) pude perceber e ter um outro olhar para os movimentos que os adolescentes praticavam quando dançavam ao som do RAP. Ao improvisarem os passos e disputarem com as meninas quem sabia dançar melhor, se eles os meninos ou vice-versa, fui colocada até em situação de dançarina para que mostrasse á eles que eu também já havia aprendido dançar *break* ao som do RAP, essa imposição que eu não pude resistir.

Micael Herschmann (2000), expressa o *funk* como uma reconfiguração do espaço social para os adolescentes negros/as da periferia. O baile é o epicentro, o espaço central no qual se manifestam os mecanismos de inclusão e exclusão onde se estabelecem os laços sociais e as disputas. Em sua pesquisa o autor identificou dos tipos de baile *funk*: o baile da comunidade que são realizados clandestinamente sem autorização judicial; e os bailes de clubes que são realizados nos espaços autorizados como: escolas, quadras e ginásios de escolas da samba. Vilela (1998) descreve dois estilos de bailes o dançar junto e o da rua. Herschmann (2000), traz os bailes de corredor com um número pequeno de participantes, cuja atração principal é a pancadaria, e o baile comum cuja tônica é a paquera que segundo o autor isso não impede que também hajam tensões/brigas.

O autor destaca nestes bailes *funk* sua surpresa em ver a “invasão da classe média no morro” com seus carros e motos do último tipo. Dentro deste contraste percebe a presença dos soldados adolescentes que vigiam o morro para anunciar qualquer intervenção policial. Salienta o autor que o fato dos filhos da classe média adotarem a dança *funk* como forma de lazer, era motivo suficiente para a classe media pressionar o Estado no sentido de impedir este tipo de manifestação cultural. Era o encontro do morro com o asfalto.

Os refrões das letras das músicas estão na boca dos adolescentes da classe média “eu

só quero e ser feliz andar tranqüilamente na favela onde eu nasci” (HERSCHMANN 2000 p. 129).

Inicia-se uma campanha *antifunk*, através dos pais desses adolescentes de classe média. Os bailes *funk* reunia nos finais de semana cerca de 5 mil adolescentes. O autor descreve uma de suas chegadas ao baile *funk*, onde a quadra estava toda ocupada por moradores do Morro do Chapéu Mangueira, onde as adolescentes dançavam em duplas e os adolescentes (rapazes) em grupos formando uma coreografia sincronizada. Neste espaço encontrava adolescentes com todos os estilos circulando intensamente. E a grande proximidade de corpos tornava o flerte quase inevitável. Chama a atenção do pesquisador a presença indiscriminada de adolescentes de todos os tons de pele que trajavam shortinhos e saias curtíssimas.

Ao som do *funk* as adolescentes dançam animadamente a “dança da bundinha”, em grupo ou separadas os adolescentes pulam no meio da furada ou “quebravam” o corpo todo numa mistura curiosa do gingado do samba com o *break*.

Nos anos 80 a moda do *funk* era dançar “o cachorrão”, da “cabeça” a dança do “canguru”. O autor destaca que o clima de erotismo era intenso principalmente na dança do cachorrão momento em que os casais simulavam um ato sexual. Em contra partida a “dança do gorila” especialmente a “dança do gorila gay” todos eram convidados a participarem da dança.

Para o autor foi um momento engraçado ver a dança do “gorila gay”, pois os adolescentes preocupados com sua condição de “macho” dançando desengonçadamente porque nesta dança tem que imitar um gorila com os trejeitos delicados. Neste momento havia um clima de confraternização entre o pessoal do asfalto e do morro.

O *funk* brasileiro é associado a música e a subcultura *dancebal* (salão de baile) onde foi inspirado na subscultura da Jamaica onde adotaram seu estilo e atitude. Segundo Hall (2003) Os *gansta rap* são grupos que disputam suas diferenças através da dança.

A música *danceball*, forma musical diásporica, incorporam as várias músicas negras que conquistaram os corações de adolescentes brancos, por exemplo, ao dizer “quero-ser” de Londres, isto é “quero-ser-negro”, aonde o estilo negro é símbolo de um prestígio urbano. Não diferenciando do estilo brasileiro onde a dança *funk* é tão urbana quanto seus participantes.

Em o mundo *funk* carioca Hermano Vianna (1988), escreve que o *funk* ficou associado aos “arrastões” nas praias cariocas, repercutindo em todo meio de comunicação brasileira e no exterior. Os arrastões eram manchete dos telejornais de domingo caracterizando os bailes *funk* como uma manifestação de desordeiros, negros, e da periferia do Rio de Janeiro.

Lembra o autor que seu interesse antropológico pelo *funk* e juventude funkeiros surgiu casualmente quando na condição de jovem da zona sul, simpático ao mundo do samba carioca, visitava a quadra da Escola Estácio para ouvir samba e surpreendentemente se deparou com o “funk eletrônico na terra do samba”.

Conhecendo assim diversos bailes, fez amizades, definiu seu lugar de “espectador” entre os funkeiros e “tradutor” do mundo *funk* carioca.

O autor relata que rapazes e moças funkeiros disputavam de um tempo e espaço extrabailes, quando ensaiavam complexas coreografias formavam turma e selecionavam vestuário e adereços para a dança em que o excesso cores era um aspecto marcante; observa também como nos bailes se executavam danças, quase sempre em grupo e movimentos definidos como mais apropriados para homens ou mulheres.

Por fim, sugere um sentido ritualístico para brigas que, embora “acontecessem por acaso”, sempre aconteciam, eram esperadas e mesmo estimuladas. Relata também que nestes bailes se dança muito existindo pouco diálogo entre os dançarinos.

Outra dança que sempre aparece nos momentos de maior intensidade dos bailes lembra muito o samba de roda ou a dança de jongo. Os dançarinos se dão às mãos e formam uma roda, abrindo espaço para um membro do grupo solar no centro dessa roda. O solista escolhe quem vai substituí-lo no centro. Esse é o único momento do baile em que aparece o dançarino solo, mesmo assim rodeado por um grupo de amigos, que também controla o tempo de sua dança “solitária”.

Uma dança que também esta se tornando popular nos bailes cariocas é o “esfrega esfrega” Só as mulheres podem participar dessa dança; pernas entrelaçadas, seios colados, várias dançarinas próximas (coladas) umas nas outras “esfregando” as nádegas, o ventre e muitas vezes simulando uma relação sexual. Essa dança só aumenta a carga erótica que perpassa todo o baile do começo ao fim (VIANNA, 1988 p.78).



Foto 12 – A dança – As adolescentes que participavam do Projeto da Escola

A dança *funk* com seu erotismo busca de liberdade da expressão corporal. Dança-se conforme o pulsar da música e das batidas do ritmo.

Como relata Violeta:

A dança para mim é um ritmo de vários passos e movimentos que vai surgindo, a dança para mim é isso.

Doze anos após a publicação do mundo *funk* carioca, onde a mídia associava aos assaltos, e todas a forma de violência no Rio de Janeiro a dança *funk*. Hoje no ano 2006 vemos a mídia divulgando a dança *funk* e mostrando a classe média dançando as músicas da Tati Quebra-Barraco, Bonde do Faz Gostoso, Bonde do Tigrão, Atoladinha.

No telejornal da Rede Record, onde se viu uma reportagem inteira sobre a dança *funk*, onde a repórter Cristina Lemos focou o seguinte: O *funk* é dança mas também é comportamento, e ainda ressaltou quem esta aderindo este estilo de dança são jovens que moram em apartamentos luxuosos em São Paulo, as patricinhas. Visto que os rapazes querem ser bandidos e as moças querem ser cachorras (telejornal do dia 30-10-05). Ainda na televisão a Rede Globo no Domingão do Faustão do dia (07-02-2005) apresentou o MC Leozinho que fez a platéia pular, delirar com a música *funk* que trás como refrão “se ela dança, eu danço, se ela dança eu danço”, que está na boca de todos os jovens brasileiros,

seja brancos, negros, ricos ou pobres estes jovem-adolescentes estão quebrando o tabu em que o *funk* estava associado ao crime organizado, mas também, trata-se de um momento prazeroso e saudável, e de comunicação social.

Para tanto dizem:

Bromélia: A dança para mim é fundamental para minha alma.

Cacto: A dança para mim é diversão faz eu ficar alegre.

Segundo Barreto (2004) aprender a dançar é experienciar a dança em todos os momentos é senti-la e fruí-la incorporando todos os sentidos no ato de dançar. Assim expressam Margarida, Cravo e Girassol respectivamente:

A dança para mim é muito boa eu aprendo mais.

A dança para mim é sentimento.

A dança para mim é uma arte.

O ato de dançar para estes adolescentes é o momento em que todos os sentimentos são aflorados de uma forma positiva. Alguns adolescentes trazem a expressão da dança como sendo um estilo uma forma diferenciada de dançar. É o que diz:

Rosa: A dança para mim é um estilo de dançar.

Jasmim: A dança para mim é uma característica muito forte.

Segundo Dayrell, (2005) O estilo é construído nas cidades, é uma linguagem própria dos adolescentes. Uma identidade, que é fruto de uma reinterpretação dos sons e ícones associados ao estilo globalizado, expressando o contexto cultural e o meio em que o adolescente esta inserida. Para o autor estilo é expressão de uma cultura juvenil urbana que fornece elementos simbólicos para que os adolescentes construam uma identidade como jovens e como pobres.

Hall (2003) denomina “estilo negro” como símbolo de prestígio urbano, porque criam e recriam a moda. O autor destaca também o estilo *skin-heads*, tatuados de suástica e freqüentadores do subúrbio branco. Herschmann (2000), é a forma de se vestirem realizando seus “sonhos de consumo” onde os jovens de classe popular constroem seu próprio estilo indumentário.

Em contrapartida na dança, o estilo se caracteriza nas várias formas que os

adolescentes se apresentam rodando no chão, na roda de capoeira ou no samba.

Violeta: Quando eu danço em público eu me sinto meio nervosa, mas me sinto orgulhosa, porque cada vez que eu apresento em público me sinto mais livre mais requebrada.

Girassol: Quando eu danço em público me sinto alegre, todo mundo vendo o que tenho para mostrar.

Margarida: Quando danço em público me sinto feliz por que quando alguém quiser uma pessoa para dançar pode escolher uma de nós.

Os adolescentes trazem em suas falas sentimentos, e a dança revelam diferentes concepções para quem vê a dança como uma experiência de um “corpo imaginante”, de um “corpo lúcido, lúdico e transformador” (BARRETO, 2003) aponta a relevância que a dança trás com a vivência dos adolescentes. A dança pode ser algo maior que a reunião de técnicas, quando se propõe a ser instrumento de transformação social e difusão histórico-cultural (SANTOS, 2002).

Compreendo que ter uma visão consciente da dança possibilita uma transformação de si e do mundo através dos diferentes gestos e movimentos que compõem o movimento hip hop.

Martins (1997) desenvolveu uma teoria acerca da oralitura e mostra como a dança é um saber, uma linguagem corporal negra. Conforme a autora a herança ancestral e dos ancestrais ecoa nas expressões da arte negra geralmente dos congados sendo a assimetria um dos seus signos agenciador. Concebendo a assimetria um pulsar do sujeito em movimento constante, assegurando que a relação com as origens é sempre próspera como no jazz, que funda o sujeito em movimento (NEI LOPES *apud* MARTINS, 1997, p. 37) “mostra que nada do que existe no mundo pode ser fixo ou estático. Cada objeto, mesmo inerte, é animado por um movimento cósmico que se exerce segundo um ritmo que o artista negro procura exprimir”.

Lopes (*apud* MARTINS, 1997) diz:

Violeta: O que sinto falta na dança é mais requebrado mais movimento mais experiência

Cravo: O que sinto falta na dança é a movimentação.

Jasmim: O que sinto falta na dança é energia.

Penso que o que melhor expressa a dança não é as vivências dos adolescentes dentro da escola, mas sim a paixão que estes tem pela cultura juvenil hip hop dentro e fora do contexto escolar. Como já foi exposto neste trabalho o projeto de dança dentro da escola foi extinto por falta de verba governamental, e a Escola de Educação Básica Lucia Mayvorne não conseguiu continuar com o projeto dentro da escola com seus professores de Arte-Educação e Educação Física por terem o entendimento que a dança não faz parte de seu currículo e por não terem formação nesta área específica, mas estes adolescentes buscaram alternativas para que a dança não fosse esquecida dentro da escola, fazendo apresentações em todos os eventos que a escola participava.

Para tanto, tomo como referência as falas e sentimentos já vivenciados pelos adolescentes envolvidos neste contexto quando lhe pergunto sobre a dança na escola. Para:

Margarida: a dança na escola me faz sentir bem porque eu gosto muito de dança.

Violeta: a dança na escola para mim me trouxe muitas coisas boas porque eu ajudava aquelas crianças que ficavam na rua, e para elas não ficarem na rua nós criamos a dança.

Cravo: a dança na escola me faz refletir.

Rosa: a dança na escola me faz sentir bem.

Dália: a dança na escola me faz feliz porque tem uma coisa boa.

Jasmim: a dança na escola me faz sentir feliz.

Girassol: a dança na escola me faz sentir alegre.

Bromélia: a dança na escola me faz acreditar que sou capaz e posso ir além do que acho que posso.

Lírio: a dança na escola me faz aprender mais.

Cacto: a dança na escola me diverte.

Nas falas dos adolescentes nota-se a importância da dança para estes jovens negros que tem poucas oportunidades fora do convívio de sua comunidade do Monte Serrat.

Maria do C.S. Kunz (2003) investigou a dança na escola relacionada a outras atividades expressivas na escola “expressão corporal, teatro, mímica”. A autora esclarece a

ausência da dança na escola que a levou investigar outras atividades expressivas “bem como a relação de gênero numa realidade escolar determinada”. Neste sentido a autora supõe que poderá aguçar as capacidades de percepção para transformar a realidade encontrada na escola em função da dança.

Para confirmar o que diz Kunz, trago a fala da diretora da escola em relação a dança na escola, que ao dar a entrevista ficou claro para mim sua emoção pela extinção do projeto de dança hip hop dentro do espaço da escola, o qual afastava os adolescentes das ruas e em alguns casos do trabalho “paralelo”, hoje a escola trabalha com outros projetos que estão caminhando para a extinção segundo a fala da diretora.

Temos alunos tocando violino que é uma graça é maravilha, sob a maestria do André Calibrina e do professor Vitor. Ah qual é o outro que temos... O violino continua, lamentavelmente a tendência é acabar porque ainda estamos naquela o que um governo fez o outro não quer dar prosseguimento. Infelizmente o partidatismo parece que impera mais do que qualquer boa vontade, mas eu acredito com o interesse e a boa vontade dos alunos e dos professores não vai deixar morrer. Eu acredito que não. A capoeira é uma parceria que temos com a Copa Lord com o professor Adão, lá da OB Cidadã, ele vem todas as segundas-feiras e quartas-feiras, ele vem dar aula de capoeira é uma maravilha quando vem com aquelas crianças naquela harmonia, naquela do marco lê lê, coisa linda. Isso aí faz com que as crianças, nesse trabalho alternativo tenham uma presença constante nessa escola, não só no dia-a-dia em aula, mas em horário também alternativo e eles vêm. Terminou a dança por que mudou a política e este governo não quis dar continuidade ao projeto. (Entrevista realizada em 31-08-2005)

A inclusão da dança que postula os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (v.7. 1997) para o ensino básico e fundamental no Brasil, localizada tanto na arte quanto na educação física, constatando neste o conteúdo de atividades rítmicas e expressivas. A dança deveria ser efetivamente trabalhada na escola dentro destas disciplinas não constatamos dentro da escola sua real efetivação quando da entrevista com os professores de educação física e de arte educação.

A atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência autonomia, responsabilidade e sensibilidade.

É o que mostram o grupo de adolescentes, quando relatam o que dança é para eles:

Dália: diz que a dança para ela é tudo.

Jasmim: a dança para mim é uma característica muito forte.

Girassol: a dança para mim é uma arte.

Lírio: a dança para mim é quase tudo de bom.

A proposição de atividades rítmicas e expressivas dentro da escola encontra também no documento da educação física:

O enfoque aqui priorizado é complementar ao utilizado pelo bloco de conteúdo “dança” que faz parte do documento arte. O professor encontrará, naquele documento, mais subsídios para desenvolver um trabalho de dança no que tange aspectos criativos e a concepção da dança como linguagem artística (PCNS, 1997, p. 51).

A dança não é encarada dentro da escola como campo de conhecimento visto que o Brasil é um país em que o “brasileiro tem o samba no pé”. Ida Mara Freire (1999) em seu estudo na Inglaterra assinala alguns aspectos educacionais desenvolvidos com crianças viabilizados pela dança. A dança é reconhecida pelo Currículo Nacional de 1988 da Inglaterra como uma arte de execução, caracterizada pela intenção e habilidade de usar o movimento de modo simbólico, visando assim criar significado. A dança possibilita o desenvolvimento integral, principalmente no que diz respeito a personalidade, através dos movimentos ela expõe o indivíduo a si próprio e para os outros, expressando assim sua singularidade pessoal. Outro aspecto é o desenvolvimento físico corporal e a percepção da singularidade ao entrar em contato com a percepção de sua diferença em relação ao outro. A dança atua sobre a relação social aproximando as pessoas rompendo barreiras através do toque. Auxilia na reflexão da auto-realização, na valorização pessoal e na forma de lidar com os próprios sentimentos, possibilitando uma vivência artística diferente do cotidiano. A dança e o corpo agem sobre a consciência do indivíduo e o seu auto-conhecimento.

Para Kunz (2003) o professor deverá investigar junto à “suas turmas e no contexto social a fundamentação para uma concepção/proposta pedagógica legitimizando um trabalho conjunto com ambos os sexos”, crianças e adolescentes “na dança e para a dança na escola”.

Para os alunos da Escola Lúcia do Livramento Mayvorne a dança fazia com eles não ficassem na rua, mas infelizmente ainda vivemos num país que a política partidária é que dita as regras quando se trata de projeto desenvolvido por outro partido político e com isso quem perde é a comunidade Monte Serrat.

Maria Aparecida Gonzaga (2000) buscou a importância da danças populares para dentro da escola como um componente na construção da cidadania principalmente quando buscam a vivência de cada um. Para a autora independe de categoria social quando se trata de dança popular, pois oferece possibilidade de conhecimento.

Questiona a autora que a dança não recebe devida atenção dentro da escola, ressalta ainda a autora que algumas escolas praticam a dança como atividade extra classe. Constatou também que para a maioria das escolas a dança não aparece como íntegra do processo educativo.

A dança na escola deve acontecer como parte de um processo de abertura para novas possibilidades e perspectivas, trazendo por meio dela diversos caminhos para o reconhecimento de si mesmo e do meio. Pois a dança permite uma interação comunitária importante para o desenvolvimento de cada indivíduo na sociedade, um verdadeiro mosaico de idéias que traduz as diversas formas de pensar o corpo (GONZAGA, 2000, p. 26-27).

Portanto cada indivíduo é uma fonte de recursos, de linguagem e carrega as informações consigo contribuições que possibilitam transformações no ambiente.

Para tanto quando perguntei para os adolescentes os que mais gostam na dança responderam:

Margarida: eu gosto de rebolar.

Cravo: eu gosto das coreografias

Violeta: eu gosto é quando a gente vai se movimentar e criar passos para poder dançar.

O ensino da dança no espaço escolar – seguindo as orientações e diretrizes das políticas educacionais, tais como Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (LDB), deve ser implemento garantindo o direito desses adolescentes na expressão.

2.1.6 Movimento Hip Hop a visibilidade do adolescente negro

Neste espaço inicio com as falas de: Violeta, Jasmim, Girassol e Lírio.

O hip hop é a realidade, porque fala sobre o nosso dia-a-dia sobre nosso relacionamento, sobre nosso jeito, o hip hop ele é uma coisa boa, porque mexe com os sentimentos das pessoas.

O hip hop é uma cultura para todas as comunidades.

O hip hop é desenvolvimento das favelas.

O hip hop é cultura do morro e das favelas.

Nestas falas identifica-se o significado desta cultura juvenil para os adolescentes negros da periferia de Florianópolis que trazem toda uma identificação geográfica associada ao hip hop, ficando muito claro a força da comunidade que esta cultura exerce nestes adolescentes.

O movimento hip hop retrata o universo dos jovens da periferia, dos excluídos das cidades, do sub e desempregados, dos que lutam para não ser assassinado ou se envolverem com o crime. Eles encontram uma forma de ouvir a própria voz dançar o seu próprio som. Experimentam um conjunto de ações que, usando a linguagem universal da música, do desenho e da dança. O hip hop a tem um caráter contestatório expresso na conduta de seus membros, no seu vocabulário, nas suas vestimentas, na sua corporeidade e na sua arte na qual o relato da realidade reflete o cenário de vidas.

O rapper MVBILL traz em sua fala a realidade negra do Brasil:

É existe uma história no Brasil ao meu ver, que mostra que o preto, ele só pode se organizar para bater tambor, para pedir respeito, para pedir direito, e acho que a forma que a gente vêm se organizando, em várias partes do país, eu digo gente não é, eu acho que os pretos vêm se organizando por todo canto do país, acho que agora a briga é pelo poder, que muito da segregação que a gente sofre, seria diferente, se a gente tivesse dinheiro, se a gente também mandasse em alguma coisa, se a gente sapateia bem, goleia com precisão no futebol, mas precisa também sentar na mesa da decisão, assumir um pouco mais a parte positiva (Entrevista realizada em 12-08-2005)

As manifestações do hip hop são o rap (música e poesia), *break* (dança) e grafite (pintura). Os membros do movimento hip hop são chamados de hip hoppers. Aqueles que se dedicam ao *break* são os *b-boys e b-girls*, os que se dedicam a expressão cantada são os rappers. Estes podem, ser MC'S – mestres de cerimônia, responsáveis pela voz e pela composição, das letras, ou DJ'S –disc jóqueis responsáveis pela parte sonora das letras e muitas vezes também pela composição.

Como movimento social o hip hop surgiu nos guetos de Nova Iorque entre os jovens negros e hispânicos, em meados da década de 70. Foi criado pelas equipes de bailes Norte-Americanas com o objetivo de apaziguar as brigas e contrariedades freqüentemente manifestadas pelos jovens agrupados em gangues. A organização do hip hop mais famosa é a *Zulu Nation*, que chegou a reunir 10.000 membros em todo o mundo.

O líder desta organização foi o DJ, de origem Jamaicana Afrika Bambaataa, que teria criado o termo “hip hop”, em 1968 quando ensinava novos modos de fazer musica e de lutar por direitos civis aos jovens negros americanos. Hip significa balançar e hop significa quadril. A expressão hip hop – balançar o quadril, é um convite à festa a diversão à paz e a criação. Os membros do hip hop hoje estão sabendo aproveitar o espaço que a mídia vem proporcionando sobre este movimento²⁰. Antes os membros desta cultura juvenis recorriam ao espaço descontraído da rua para ouvir as manifestações e opiniões. Como jovens excluídos sentidos a opressão do social, a humilhação de ser negro e pobre numa sociedade que valoriza as condições opostas era possível em contra partida, no contato com seus grupos sentir e vivenciar a oportunidade da livre expressão através da arte. Neste sentido pode-se concordar com o rapper MVBILL quando afirma que o hip hop é um instrumento de transformação, é tocar na ferida, tocar em assuntos que são tabus.²¹ Os Estados Unidos, país marcado pelos constantes conflitos raciais, não poderia deixar ausente de sua história social, a atuação incisiva da juventude negra repugnando o seu sistema opressor e severamente segregacionista.

Na década de 60, o mundo se envolvia numa grande discussão sobre direitos humanos. Segmentos marginalizados da sociedade de Nova Iorque se articularam para fazer valer suas propostas, numa tentativa de diluição de suas inquietações. Surgiram grandes líderes negros como Martin Luther King e Malcon X, cada líder com seus

²⁰ Dado coletado pela pesquisadora quando entrevistou o rapper M.V.Bill em Florianópolis em 12-08-2005.

²¹ Entrevista com o rapper M.V.Bill – Revista Caros Amigos, 2005 p. 30.

princípios ideológicos, procuraram disseminar o direito a igualdade social entre negros e brancos, em que os últimos pudessem respeitar os primeiros.

Malcon X incentivou a auto-estima negra e proporcionou a base de uma organização negra. Surgiu os Pantera Negras, que foi uma verdadeira organização negra, que ameaçava e desafiava o poder político excludente dos Estados Unidos. Nessa época surgiu o “*Soul*”, que durante os anos 60, foi um elemento importante, pelo menos como trilha sonora, para o movimento de direitos civis e para a “conscientização” dos negros norte-americanos.

Ângela Maria de Souza (1999), O *Soul* passou por um processo onde perdeu sua característica “revolucionária” dando lugar a uma nova manifestação musical, o *funk*, que de como conotação pejorativa passou a símbolo de orgulho negro, mas, seguindo o mesmo caminho do *Soul*, entra num processo de comercialização mudando suas características, tornando-se de fácil consumo. Este momento abriu caminho para influenciar outros estilos da música norte-americana, como o “disco”, música altamente dançante que contaminou as pistas de dança na década de 70. É nesse momento que começa uma nova manifestação na música negra norte-americana. Vianna (1988, p. 21) informa:

[...] nas ruas do Bronx, o gueto/caribenho localizado na parte norte da cidade de Nova York, fora da Ilha de Manhattan, já estava sendo arquitetada a próxima reação da autenticidade negra. No final dos anos 60, um disk-jogues chamado Kool-Herc trouxe da Jamaica para o Bronx a técnica dos famosos *Sound Systems*, de Kingston, organizando festas em praças públicas.

Começam as primeiras festas que vão dar origem, a esta nova manifestação musical. Nos Estados Unidos, novas manifestações se processam e *Grandmaster Flash*, discípulo de *Kool-Herc*, cria o “*Scratch*” – utilização da agulha do toca disco em sentido contrário ao da rotação normal no momento em que é cantada. Junto ao *Scratch* – feitos como disco de ritmo *funk*. *Grandmaster Flash* durante os bailes apresentava os dançarinos, fazendo o papel de mestre de cerimônia. Muitas vezes dançarinos recebiam os microfones para que improvisassem versos durante a execução das músicas. Neste hibridismo cultural surge o RAP e MC o canto falado e o universo cultural do Hip Hop. É comum entre os Hip Hoppers a definição de quatro elementos: Rap, *Break*, Grafite e DJ “. O Rap é a sua expressão musical e combina sofisticadas técnicas de reprodução sonora da era tecnológica com manifestações vocais urbanas. É uma simbiose das culturas ancestrais de

comunicação oral muito presente ainda nos países da África negra e em periferias das grandes cidades” Oliveira (*apud* IONE DA SILVA JOVINO, 2005, p. 49) traz que a tradição cultural dos povos africanos trazidos ao Brasil tem a oralidade como uma das formas de linguagem. Sua cultura tem como forma de expressão a tradição oral, a força da palavra e da memória. [...] a oralidade como marca cultural dos afro-brasileiros é uma forma de preservar a palavra sagrada transmitida pelas divindades. Os sacerdotes e as sacerdotisas mantêm viva a palavra, pois ela é transmissora de axé. Nos Estados Unidos e no Brasil o Hip Hop tornou-se simplesmente RAP, os ideais de um movimento transformou-se em mercantilismo. Os adolescentes passaram a se preocupar apenas com as gravações e ascensão no mundo artístico, o que não deixa de ser positivo, pois muitos desses adolescentes não se envolvem com o mundo das drogas pensando na carreira artística. Para MVBIL (2005) os adolescentes têm que saber escolher a música certa para cantar, para que não caiam no Rap que incentiva a “violência”. Para tanto diz:

Depende de qual o grupo que esta cantando, depende da letra, depende de muita coisa. Mas o hip hop pregado de uma maneira correta, de maneira positiva, ele deixa de ser uma música para ser um instrumento de transformação. Geralmente eu não incentivo as pessoas a cantarem Rap, virarem hip hopistas, e muito pelo contrário eu uso o hip hop para incentivar as pessoas a estudarem, a gente não pode formar uma legião de grupos de Rap, dentro da favela vão surgir com certeza. Só que vale a pena lembrar, que nem todo jovem periférico tem talento para desenvolver alguma atividade, não pode ser visto como único meio de salvação. É apenas um deles. (Entrevista realizada em 12-08-2005).

O movimento Hip Hop chegou ao Brasil no início da década de 80, apesar de ser um movimento originário das periferias norte-americanas, não encontrou barreiras no Brasil, onde se instalou com certa naturalidade, no entanto o Hip Hop brasileiro sofreu influências locais. O movimento Hip Hop é híbrido, no Hip Hop tem Rap com um pouco de samba, *break* parecido com capoeira e grafite de cores muito vivas.

O Hip Hop não se diferencia muito do contexto de seu surgimento que nasceu na necessidade de dar uma resposta a um contexto urbano em que os jovens não tinham perspectiva, o desemprego aumentava e aumenta até hoje, corte nos serviços públicos e o aumento da violência urbana.

Para a diretora da Escola de Educação Básica Lucia do Livramento Mayvorne o hip hop é:

Acho muito bonito, muito interessante, é importante na vida do adolescente que ele fala aquilo que ele sente. Eu vejo aqui nos irmãos Gonçalves: o Indio, o Ricardo, e o Rajan a letra que eles fazem é sobre a vida deles, sobre a vida da escola, sobre a vida da comunidade, eu acho assim muito bonito o que eles fazem eles extravasam não é letra pornográfica, não é letra que escandaliza, mas é a verdade sobre a vida deles e o dia-a-dia deles. A vivência do dia-a-dia deles (Entrevista realizada em 31-08-2005).

Jovino (2005) ressalta que o Hip Hop não pode ser identificado como sendo uma luta de identidade negra, mas ao mesmo tempo pergunta a autora, como fazer para o hip hop não perder sua força, enquanto movimento cultural juvenil. Trouxe o Hip Hop para dentro da escola fazendo com os alunos negros percebessem esta cultura como forma de autovalorização e ao mesmo tempo de valorização de sua prática cultural.

Descreve a dificuldade de desmistificar esta cultural como sendo mero “exotismo étnico de consumo descartável”, buscou vários caminhos para compreender que as experiências negras são diversas.

Neste sentido a leitura de Hall (2003, p. 347) foi essencial para pensar identidade.

Não existe garantia, quando procuramos uma identidade racial essencializada da qual pensamos estar seguros, de que esta sempre será mutuamente libertadora e progressista em todas as outras dimensões. Entretanto, existe sim uma política pela qual vale lutar. Mas a invocação de uma experiência negra garantida por trás dela não produzirá essa política. De fato não é nada surpreendente a pluralidade de antagonismos e diferenças que hoje procuram destruir a unidade da política negra, dadas as complexidades das estruturas de subordinação que moldaram a forma como nós fomos inseridos na diáspora negra.

A constituição brasileira dentro da diáspora negra teve seu início no século XVI, com o tráfico transatlântico de negros africanos de diferentes espaços geográficos sob o regime de escravidão para então colônia portuguesa. A dimensão desta migração forçada é imprecisa nos seus relatos, supõe-se que mais de 4.000 milhões de pessoas, em sua maioria homens, foram trazidos para o Brasil, parte de um contingente calculado entre 15.000 e 20.000 milhões de negros africanos traficados para o chamado Novo Mundo. A população negra é marcada pela condição de vida precária, segregação racial, pelo desemprego, baixa escolaridade, condições de habitação precárias e de acesso a serviços de saúde transporte. Exposto a violência simbólica perpetrada através de diferentes

formas, em especial nos meios de comunicação.

Hall (2003), salienta ainda que não importa quão deformados, cooptados ou inautênticas pareçam, ou de fato sejam representadas as tradições e comunidades negras, pois é possível: a) A ênfase nas artes visuais e a defesa do caráter nacionalista; b) A alienação política e a preocupação com o conflito de gerações; c) A afirmação dos socialmente excluídos e a combinação de linguagens; d) A integração de diferentes classes sociais e a exaltação do progresso; e) A valorização da natureza e o compromisso com os ideais norte-americanos.

Silva (*apud* JOVINO, 2005) identifica que a principal característica do hip hop é estar imerso na experiência local. Experiência esta engajada, constituída por meio das posses em São Paulo. A reorganização do hip hop por meio das posses, na periferia, é vista como um modo pelo qual os hip hoppers dialogam com as transformações urbanas. Ao se voltarem para a periferia, os rappers registram as transformações urbanas nos anos 90, principalmente a segregação sócio-espacial, com muros demarcando fronteiras sociais. As posses tornam-se então uma forma de unificar experiências entre jovens pobres, possibilitando o enfrentamento dos problemas da periferia: uma reação positiva ao “holocausto urbano”. Conforme o autor, com atividades voltadas para a cultura, o lazer e ações antiviolença, os jovens procuram reverter, o plano simbólico, os significados da periferia como espaço controlado pelos micropoderes locais. No início do movimento hip hop, o espaço dos hip hoppers era o centro da cidade. Quando eles se voltaram para a periferia este espaço ficou mais restrito aos *b; boys* e *b.girls*, os dançarinos de *break*.

Segundo o autor o termo “periferia” , como categoria na qual os sujeitos se reconhecem, passa a ter o mesmo status que o termo “preto”. Só que periferia torna-se mais abrangente porque abarca todos os excluídos.

Para o professor de Educação Física este movimento cultural da periferia e negro está sendo visto, como uma cultura negra que está sendo mercantilizada:

A cultura negra esta sendo mercantilizada e por causa disso esta sendo banalizada e isso é muito perigoso, porque deve criar o processo assim de evolução na consciência das pessoas de acabar com a discriminação sabe esse discurso fica muito superficial, fica na questão da mercadoria que você pode consumir Ah? Esse mercantilismo que eu estou dizendo porque lá na própria novela (refere-se a novela América da Rede Globo) eles cantam o funk que é assim como é som de preto favelado mais quando toca ninguém fica

parado, mas será que aquela menina rica esta tendo consciência de anti discriminatório de anti racismo ou esta indo lá porque é mercadoria. Como ela é diante do contexto negro ou qualquer outra coisa assim, ou quando ela vê um negro na rua que chega perto dela será que lá pensa que vai ser assaltada ou não, sabe é isso porque os próprios Racionais MC entram facilmente no mundo desse playboy. Então muito facilmente entendeu, mas será qual é a consciência desse playboy em cima disso eles estão vendo aquela rapaziada lá cantando como pessoas ou como cliente que esta vendendo um produto para eles. Ai a mídia pega um pacote e banaliza e vende por atacado é uma loucura (Entrevista realizada em 22-07-2005).

No que diz respeito a presença feminina na cultura hip hop , Wivian Weller (2005) mostra que faltam pesquisas neste campo mesmo sendo um movimento cultural predominante do sexo masculino buscou a pesquisa de Viviane Magro que pesquisou as meninas no grafite sendo um dos poucos trabalhos onde a presença feminina aparece na cultura juvenil. A autora observa ser comum encontrar publicações sobre juventude e culturas juvenis, mas estas não fazem distinção entre jovens adolescentes do sexo feminino ou masculino.



Foto 13 – Adolescentes que participam do movimento cultural juvenil

Para a autora tanto no funk e o hip hop a presença feminina está relacionada a “afetividade e sexualidade”, nas galeras ou “gangues” ou a maternidade na adolescência. Finaliza seu artigo perguntando se a “invisibilidade” feminina ou ausência de estudos sobre a participação feminina nas culturas juvenis e no campo de estudos são vistos de forma superficial e estereotipada, além de não demonstrar atitude de protesto e resistência “as desigualdades étnicas e de classe”. As adolescentes femininas aparecem muito mais como fãs, e voltadas ao consumo de produtos referentes à cultura hip hop.

Concordando com Weller (2005) a presença feminina é mínima no movimento juvenil, estas garotas aceitaram fazer parte da pesquisa porque faziam parte do grupo de dança da escola.

Janaina Rocha, Mirella Domenich e Patrícia Casseano (2001, P.19) não tratam o hip hop nem como movimento social, nem como cultura de rua. Em seu trabalho, não fizeram opção por uma ou outra definição de hip hop nem se deixaram levar pelos discursos oficiais sobre o que se denomina ideologia do hip hop. As autoras constaram que se a idéia de movimento social é pertinente para descrever atividades de equipes como os Jabaquara Breakers, ela não se aplica, por exemplo, a muitos grupos de rap, gênero musical que disputa um naco do mercado fonográfico tanto quanto qualquer outro estilo. As autoras salientam que existe um conflito muito grande posto aos jovens das periferias, adeptos do hip hop, pois o “discurso, consciente, pacifista, antidrogas” entra em choque constante com situações “concretas de violência policial de convivência com traficantes e de puro e simples desespero existencial”. Por essas razões, elas procuraram abordar todos os aspectos do hip hop, deixando para os estudiosos resolverem se o hip hop é movimento social ou cultura de rua.

Viviane Magro (2002), apresenta o cotidiano de adolescentes urbanos, mais especificamente na cultura juvenil, com o objetivo de apreender significados de adolescência no contexto urbano contemporâneo e suas implicações em processos educativos. Diante da diversidade cultural juvenil ressalta o movimento hip hop. Os adolescentes participantes desse movimento são descritos como protagonistas de seu próprio processo educativo, no qual deixam de ser meros atores e agentes de um modelo social tornando “autores de si próprios”. No movimento cultural juvenil hip hop eles resgatam a educação como uma formação de “autores-cidadão”.

O movimento hip hop, originado da necessidade de sociabilidade de jovens de

grandes centros urbanos, oferece ao espaço urbano (bairro, ruas, esquinas, escolas) elementos de identificação e formação para adolescentes, que traduzem na resistência à ideologia dominante, discriminadora e mercadológica, que constitui a indústria e seus símbolos.

A fala de um ex-aluno da escola e participante do movimento hip hop, expressa bem sua experiência de vida quando esse relata como compõe sua música:

(...) Não sei, assim, nos baseamos nos fatos que acontecem na comunidade. Quando acontece de matar alguém ali embaixo aí nós fazemos um pouco em cima dessas coisas, começamos a escrever. (Entrevista realizada em 13-06-2005).

Nessa perspectiva, os adolescentes participantes do movimento hip hop transgridem quando tomam a rédeas de seu próprio processo educativo, fazendo-o contextualizado com suas vidas, sua história, suas experiências, suas necessidades e, também, com seus sonhos, projetos e desejos. Assim, estes adolescentes deixam de ser meros atores e agentes de um modelo social que exclui e discrimina, e os idealiza, os tem e os controla, e se tornam também autores de si próprios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao me desprender de meu próprio corpo elaboro novos pensamentos sobre o movimento cultural juvenil hip hop. Durante todo o processo de construção desta pesquisa, ao observar os adolescentes descreverem a paixão pelo hip hop, pela dança e pelo corpo, precisei reconstituir em mim novos conceitos em relação ao hip hop, corpo e dança. Os adolescentes com seu jeito despojado, alegre, fizeram-me perceber que o hip hop traz orgulho para eles, por ser o hip hop, originado da necessidade de sociabilidade de adolescentes das periferias de grandes centros urbanos, oferece ao espaço urbano (bairros, ruas, esquinas, escolas) elementos de identificação e formação para adolescentes, que se traduzem na resistência à ideologia dominante, discriminadora e mercadológica, que constitui a indústria cultural e seus símbolos. O corpo é valorizado pelos adolescentes não como mercadoria mais como sendo belo e harmonioso.

A interação da Escola Lucia do Livramento Mayvorme, com o mundo vivido pelos seus adolescentes e por mim, foi de fundamental importância ao abrir um espaço para o hip hop atuar em nível da educação não-formal em um espaço formal. Interagindo desse modo, eles trazem para dentro da escola o movimento cultural juvenil e questões pertinentes à realidade social e cultural que estes adolescentes vivem, criando uma interlocução que estabelece uma alternativa de informação e de conduta aos adolescentes.

O depoimento do MVBILL revela a importância do papel do Hip Hop nos processos educativos fora ou dentro das escolas:

Há muito tempo venho fazendo um trabalho na parte educacional lá na cidade de Deus, onde eu moro os professores, já me convidaram várias vezes para poder falar do hip hop, a importância dele para os alunos da rede pública de ensino. Mas eu tenho me surpreendido, porque isso tem se reproduzido em várias partes do Brasil. Os professores usando o hip hop de uma forma didática, eu acho que isso é muito bom, e não da para pegar qualquer Rap, e colocar para o jovem ouvir dentro da escola, tem que selecionar como qualquer tipo de música, tem a parte boa e a parte ruim. Mas é o hip hop com certeza pela história, e pela transformação que ele é capaz de causar nas pessoas, acho que ele pode ser usado dentro da escola sim. Eu vou achar muito bom. O hip hop pregado de uma maneira correta, de maneira positiva, ele deixa de ser uma música para ser um instrumento de transformaçã .(Entrevista realizada em 12-08-2005)

O *hip hop* gira em torno da criação de novos espaços e modos de existir do devir negro na sociedade brasileira. Esses novos espaços criados pelos adolescentes que constituem o movimento *Hip Hop* brasileiro ajudam a construir uma auto-estima positiva para estes adolescentes, que ficam a mercê da sorte. Os adolescentes pesquisados buscam no hip hop uma forma de ascensão social através da música e da dança. Estes adolescentes periféricos são idealizadores, são sonhadores, belos, ingênuos e, portanto, vítimas do sistema social.

Nesse sentido, são estes outros modos de ser adolescente que os tornam reconhecidos como sujeitos capazes de formular questões relevantes e ações significativas no campo social, que nem sempre são eficazes (como qualquer ação), mas que contribuem para a construção de um movimento cultural juvenil que reforça os princípios de cidadania e justiça, que constituem uma sociedade democrática.

Diante desta grande força de expressão simbólica como potencial recurso para o adolescente de baixa renda (sobretudo negros), o *hip hop* confere a ele possibilidade de assumir uma identidade mais próxima de sua realidade. Tal movimento é também capaz de exercer influência sobre a autonomia dos *complexos* sociais, sobretudo no que tange o racismo e o lugar ocupado pelos negros habitantes das periferias. Sob outro ponto de vista, a atitude dos *hip hoppers* faz nascer novas almas para o corpo periférico.

Reconhecer a beleza e as qualidades do negro não é nada comum no Brasil – tanto entre os “brancos” quanto entre os próprios negros. O *hip hop* é uma alternativa interessante para quebrar esse pensamento arraigado em nossas cabeças. Uma linguagem que atinge os adolescentes.

O hip hop tem contribuído para a formação de uma nova paisagem no Morro do Monte Serrat, apesar de todo o controle, dos mitos que a hegemonia da sociedade brasileira ainda são capazes de manter. O movimento hip hop tem de fato, aumentado a estima do negro brasileiro, principalmente entre os adolescentes carentes que encontram respaldos estéticos, sonoros e ideológicos para se posicionar na nossa ambígua sociedade.

Esta pesquisa modificou minhas antigas concepções sobre o hip hop, a dança e o corpo, via meu corpo refletido no outro, a dança nos movimentos dos dançarinos, o hip hop associado à violência. Mas ao subir o morro do Monte Serrat, descobri adolescentes alegres cheios de sonhos de esperança por um mundo mais justo, e menos violento. Pressuponho que a dança, inserida na Escola, ministrada com ênfase, seria um dos meios

para se trabalhar as diversas maneiras que a linguagem pode ser exteriorizada. Sem, contudo, deixar de citar a reflexão sobre os significados do corpo, bem como suas formas de manifestação. A dança se encontra inserida nas artes, dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas infelizmente nesta escola, nesse morro, a dança para estes adolescentes somente se constitui quando se apresentam fora do espaço formal, com suas apresentações vinculadas ao projeto do maciço. Na fala da diretora da Escola Lucia do Livramento Mayvorme (anexos...) percebe-se o despreparo do professor de Arte-Educação e Educação-Física, em trabalhar o corpo e a dança dentro deste espaço. No que se refere à temática percebi a necessidade de construir mais estudos com este tipo de abordagem, pois foi identificado um campo promissor para futuras discussões com as características aqui apresentadas, por se tratar de um trabalho inovador por buscar a dança e o corpo dentro da cultura hip hop. Na linha pesquisa de educação e formação de educadores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo. Dança na Escola uma educação pra lá de física. **Revista Nova Escola**, São Paulo. n. 185, p. 45-50, Setembro. 2005.

ARROYO, Miguel. Educação e exclusão da Cidadania. In: **Educação e Cidadania**. São Paulo. ed. Cortez, 2003.

BARRETO, Débora: **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas. São Paulo. Autores Associados. 2004.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. IN: FELDMAN, BIANCO, MOREIRA, LEITE (org.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeos nas ciências sociais. Campinas, São Paulo. Papyrus, 1998.

CONTADOR, Antonio Concorde. **Ritmo & poesia**: os caminhos do Rap. São Paulo. ed. Assino & Alvim. 2000.

CARDOSO, Ruth. (org.) A aventura antropológica. Teoria e Pesquisa. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1986.

CORTI, Ana Paula, FREITAS, Maria Virginia de SPOSITO, Marília Pontes. **O encontro das culturas juvenis com a escola**: Ação Educativa. Assessoria, Pesquisa e Informações, São Paulo, 2001.

CHIZZOTTI, ANTONIO. **Pesquisa em ciências sociais**. 6 ed. São Paulo, Cortez, 2003.

CRUZ, Márcia Cristina da. **Corpo cidadão**. a construção de ser social através da dança cênica. 2000. 44f. Monografia (especialização em dança cênica). Centro de artes Universidade Estado de Santa Catarina

DAYREL, Juarez Tarcisio: **Escola e diversidade cultural**: Considerações em Torno da Formação Humana [online] – Disponível http://www.educacaoonline.pro.br/escola_e_diversidade.asp. Acesso em 27-06-2005

_____. **A música entra em cena**: O rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2005.

DINIZ, A.G. A poética do corpo na corrida no rap e na ratoeira: In TROUCHE, André Luiz Gonçalves, PARAQUETT, Márcia (org.). **Formas e Linguagens** – tecendo o Hispanismo no Brasil. Rio de Janeiro: CCLS Publishing House, 2004. p. 215-236.

_____. **Complô do corpo**. In: **anais do III CONGRESSO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS (MEMÓRIA ABRACE VII)**. Florianópolis, 2003, p-64-65.

FANTIN, Maristela: **Construindo cidadania e dignidade**: Experiências populares de educação e organização no Morro do Horácio. Florianópolis, Insular, 1997.

FREIRE, Ida Mara. Dança-Educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. In: CABRAL, Beatriz (org.) **Cadernos Cedex**, São Paulo, n. 53, p.31-55, 2001.

FREIRE, Ida Mara. **Um olhar sobre a criança**. Florianópolis: NUP?CED?UFSC, 2004.

GALANO, Ana Maria. Iniciação a pesquisa com imagens. In: FELDMAN, BIANCO, e MOREIRA, LEITE (org.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papyrus, 1998.

GAMBOA, S.S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: S. FILHO, J.C., GAMBOA, S.S. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo. Cortez, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo. Atlas, 1994.

GOMES, Nilma Lino: Educação, identidade negra e formação de professores/as um Olhar o corpo negro e o cabelo crespo – **Educação e pesquisa**, v. 29 n. 1, p.167-182, São Paulo. 2003.

_____. Rappers, educação e identidade racial. In LIMA, I et al (org.) **Educação popular afro-brasileira**. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros, n. 5, 1999.

_____, Gonçalves Petronilha Beatriz e Silva: **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

GONZAGA, Maria Aparecida: **Reflexões sobre a dança africana, manifestações populares das periferias e danças acadêmicas em Florianópolis**. 55f. (Especialização em dança Cênica). Centro de Arte da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GREINER, Christine. O Corpo. **Pistas para estudos indisciplinados**, São Paulo, ed. Annablume, 2005.

HALL, Stuart. Da diáspora. **Identidades e mediações culturais**, ed. FMG, Belo Horizonte, 2003.

HERSCHANANN, Micael: **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro, ed. UFRJ, 2000.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**, ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1972.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**, São Paulo. ed, Estação Liberdade, 2002.

JOVINO, Ione da Silva. **Escola as minas e os manos têm a palavra**. 2005. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFSCar. São Carlos, 2005.

KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. Dança e gênero na escola: **Formas de ser e viver Medidas pela educação estética**: Dissertação (Doutorado). Universidade Técnica de Lisboa-Faculdade de Motricidade Humana, 2003.

LUDKE, Menga E ANDRE, Marli E.D. A. Pesquisa em educação. **Abordagens qualitativas**. EPU, São Paulo, 1986.

MAGRO, Viviane. M. de M: Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação hip hop. **Cadernos Cedes**. Campinas, vol. 22 n. 57, p.63-75, ago. 2002.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. O reinado do rosário no jatobá. Perspectiva. Belo Horizonte, ed. Mazza, São Paulo. 1997.

MEKESENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica**: Conceitos, métodos e práticas. São Paulo. Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social, teoria método e criatividade**. ed. Vozes, Petrópolis, 1994.

MUNANGA, Kabengele. Identidade cidadania e democracia: Algumas reflexões sobre os discursos antiracistas no Brasil In: PINK, Mary Jane Paris (org.) **A cidadania em construção uma reflexão transdisciplinar**: Cortez, São Paulo. 1994.

BRASIL, Secretaria de Educação **fundamental**. **Parâmetros curriculares nacionais**, arte. Brasília, MEC, SEF, 1997. v. 6. Brasília: MEC/SEF, 1997. Brasília

BRASIL, Secretaria de Educação **fundamental**. **Parâmetros curriculares nacionais**, educação física. Brasília, MEC, SEF, 1997. v. 7. Brasília: MEC/SEF, 1997. Brasília

BRASIL, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação**. Brasília. Ministério da Cultura, 1996.

PLATAO, Fedon. In: **Os pensadores**. Nova Cultura, São Paulo, 1987.

ROCHA, Janaina, Domenich Mirella, CASSEANO, Patrícia. **Hip hop a periferia grita**, ed. Fundação Perseu Abramo, São Paulo 2004.

ROMÃO, Jeruze. O Educador, a educação e a construção e uma auto-estima positiva no educador negro. In: CAVALHEIRO. Eliane (org.) **Racismo e anti-racismo na educação repensando nossa escola**. Summus, p.161-178, São Paulo. 2001.

SANTOS, Inaicyr Falcão dos: **Corpo e ancestralidade**: Uma Proposta Pluricultural de dança, arte-educação. EDUFBA, Salvador. 2002.

SOUZA, Ângela Maria de: **O movimento de rap em Florianópolis**. A ilha da magia é só da ponte pra lá. 157 f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

TRAMONTE, Cristiana, **O samba conquista passagem**. As estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. NUP. Florianópolis, 1996.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Zahar, Rio de Janeiro 1988.

VIANNA, Angel e Castilho, Jacyan. Percebendo o corpo. In, GARCIA, Regina Leite (org.) **O corpo que fala dentro e fora da escola**, p. 17-34 ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2002.

VILELA, Liliam Freitas: **O corpo que dança**: Os jovens e suas tribos urbanas. Dissertação. (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

ZAGO, Nadir: A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa: In CARVALHO, Marília Pinto de VILELA, Rita Amélia Teixeira (Org.) **Itinerários de pesquisa**: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Ed. DP&A, Rio de Janeiro, 2003.

ZUIN, Antonio A.S: O corpo como publicidade ambulante: In. Perspectiva, **Educação e corpo**: NUP/CED, v. 21. n.1. ed. UFSC, p. 39-53. Florianópolis. 2003.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução a poesia oral**. Hucitec, São Paulo. 1997.

WELLER, Wivian: A presença feminina nas (sub) culturas juvenis. **A arte de se tornar visível** – In. Estudos feministas Universidade federal de Santa Catarina: Centro de filosofia e ciências humanas, centro de comunicação e expressão. V. 7, UFSC, Florianópolis. 1999.

REVISTA CAROS AMIGOS. n. 99 junho, São Paulo; 2005.

_____ n , 24 junho, São Paulo, 2005.

BIBLIOGRAFIA SUPLEMENTAR

ABRAMOVAY, Miriam. **Gangues, galeras, chegados e rappers**: Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro. Gramond, 2002.

ANDRADE, Elaine N. de: **Rap e educação**. São Paulo Summus, 1999.

BRANDÃO, Zaia. Pesquisa em Educação. **Conversas com Pós-graduandos**. São Paulo. Loyola, 2002.

CARMO, Paulo Sergio do. Merleau-Ponty: **Uma Introdução**. EDUC. São Paulo, 2002.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. ed. Contexto. São Paulo. 2000

CONTADOR, Antonio Concorda. **Ritmo & Poesia**: os caminhos do Rap. São Paulo. ed. Assino & Alvim. 2000

DAOLIO, Jocimar – **Da cultura do corpo**. 8ª ed. Campinas –São Paulo. Papirus, 2004

FIGUEIREDO, Valeska Marlene, Guimarães. **A experiência da arte com adolescentes no projeto Aplysia**: Grupo, Corpo e Dança. Dissertação (Mestrado Centro de Ciências da Educação). UFSC. 2005.

FOUCAULT, Michel: **Vigiar e punir**, 6ª ed. Vozes, 1998.

GARCIA, Regina Leite (org): **O corpo fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GIROUX, Henry: Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da disney. In SILVA, T.T. da (org.) **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995 p. 132-158.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**: Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. **Quem Precisa de Identidade**: In SILVA, T. T. (org): Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais: Petrópolis: Vozes, 2000 p.103-133

JOBIM, SOUZA, Solange e LOPES, Ana Elisabete. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cadernos e Pesquisa**. São Paulo, n.116, p.61-80, jul.2002.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente; em direção a uma pedagogia pós-moderna. In SILVA. T.T. da (org.) **Alienígenas na sala de aula**: Petrópolis: Vozes, 1995 p.104-131.

MAFESOLI, M. O mistério da conjunção: **Ensaio sobre a comunicação, o corpo e a sociabilidade**, Porto Alegre, ed. Sulina, , 2005

MINAYO, Maria Cecília de Souza: **Fala, galera: juventude, violência e cidadania** – Rio de Janeiro. Garramond, 1999.

MUNANGA, Kabengele: **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Vozes**, Petrópolis: 1999.

_____. **Superando o racismo na escola**, Ministério da Educação, secretaria de Educação fundamental. 3ª, 2001 Brasília.

MÜLLER, Marcos José Merleau-Ponty: **Acerca da expressão**, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2001.

MELO, Sonia Maria Martins de. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras**. Mercado de Letras, Campinas SP. 2004.

PONTY-Merleau, Maurice. **O Primado da percepção e suas conseqüências filosóficas**. Papyrus, Campinas., 1990.

_____. **Fenomenologia da Percepção..** Martins Fontes, São Paulo, 1999.

ROSA, Celso. O corpo performático na cultura rap. In **Anais do III CONGRESSO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CENICAS MEMORIA ABRACE VII**, P.64-65. Florianópolis, 2003.

ROSA, Maristela e CARUSO, Fabiano – Escola e sociedade – **Em busca de novas referencias culturais** – relatório final extensão universitária – Florianópolis , 2003.

ROSA. Luciana. **Uma experiência fenomenológica. O corpo que dança**. Monografia em dança cênica. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, 2002.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Record, Rio de Janeiro., 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da: **A produção social da identidade e da diferença** ,In SILVA.T.T. (org) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais: Vozes**, Petrópolis, 2000 p.73-103

VIANNA Hermano: **Galeras cariocas territórios de conflitos e encontros culturais**. ed. UFRJ, Rio de Janeiro. 1997.

VILELA, Liliam Freitas, Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. UFRJ, Rio de janeiro, 1997.

_____ Do movimento negro juvenil a uma proposta multicultural de ensino, reflexões. In: **Educação e os afro-brasileiros: trajetórias, identidade e alternativas**. Novos Toques, São Paulo. Ed. 1998.

WOODWARD, Kathryn: **Identidade e Diferença: Uma Introdução teórica e conceitual**. In SILVA, T.T. (org) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Vozes, Petrópolis, 2000. p. 07-72.

YUDICE, George; **A Conveniencia da cultura: usos da cultura na era global**, Trad. Marie-Ane Kremer-Belo Horizonte-Ed. UFMG, 2004.

CADERNOS CEDES, N^a 57. **Educação: adolescentes e culturas juvenis: diferentes contextos**. Campinas, 2002

ANEXOS

ANEXO 01 - ENTREVISTA DO PARTICIPANTES DA PESQUISA

P: Quando eu danço, eu me sinto...

Margarida: eu me sinto com vergonha. Me solto mais.

Rosa: Às vezes quando eu danço eu me sinto envergonhada. Quando eu não conheço ninguém mais quando eu conheço aí não da vergonha.

Violeta: quando eu danço eu me sinto mais livre, eu me sinto mais movimentada.

Cravo: Alegre, confortável.

Dália: muito alegre mais eu não sei dançar muito, mais não tenho vergonha.

Jasmim: Eu me sinto ultimamente encorajada e muito importante.

Girassol: Mas solto relaxado e leve com os movimentos.

Bromélia: Muito bem, leve, a melhor pessoa.

Lírio: Me sinto leve.

Cacto: Feliz. Muito bem

P: A dança para mim é...

Margarida: A dança para mim é muito bom eu aprendo mais.

Rosa: é um estilo de dançar.

Violeta: Um ritmo de vários passos, e movimentos que vai surgindo á dança para mim é isso.

Cravo: Sentimental.

Dália: Tudo.

Jasmim: A dança para mim é uma característica muito forte.

Girassol: é uma arte.

Bromélia: Fundamental para minha alma.

Lírio: Quase tudo de bom.

Cacto: Diversão faz eu ficar alegre.

P: quando danço em público me sinto...

Margarida: Me sinto feliz porque quando alguém quiser, alguma pessoa para dança ele pode escolhe uma daquelas.

Rosa: Eu me sinto envergonhada. Quando eu danço em público.

Violeta: Quando eu danço em público, eu me sinto meio nervosa, mas também eu me sinto

orgulhosa, porque cada vez que eu apresento em público em me sinto mais livre mais requebrada.

Cravo: Em casa.

Dália: Com muita vergonha mais não ligo.

Girassol: Alegre, todo mundo vendo o que tenho pra mostrar.

Bromélia: envergonhada mais é uma questão de se acostumar com as pessoas.

Lírio: envergonhado

Cacto: Envergonhado, acanhado.

Jasmim: Me sinto um pouco nervosa.

P. O que sinto falta na dança?

Margarida: Um dia eu ia dançar, mais deu uma chuvarada, eu fiquei muito triste. Porque não podia dançar com chuva.

Rosa: E me sinto muito mal, porque eu quero tanto ir, mais não dar quando esta chovendo.

Violeta: O que sinto falta é mais requebrado mais movimento mais experiência.

Cravo: sinto as movimentações.

Dália: Aprende dança um pouco mais.

Jasmim: energia.

Girassol: O desprezo.

Bromélia: Uma enorme tristeza de não poder me expressar.

Lírio: Mulheres.

Cacto: Nada.

P: O que mais gosto na dança?

Margarida: Eu gosto mais de rebola.

Rosa: eu gosto de dançar mais ache.

Violeta: O que eu mais gosto da dança, é quando agente vai se movimentar e criar passos para pode dançar.

Cravo: Eu gosto das coreografias.

Dália: Aprender os passos.

Jasmim: O tipo do jeito.

Girassol: Tudo.

Bromélia: Tudo, pois me sinto bem com os passos.

Lírio: Os passos.

cacto: Hip Hop.

P: Quando danço o meu corpo...

Margarida: Quando eu danço o meu o corpo se solta mais.

Rosa: é mais ou menos leve, por que às vezes o meu corpo da uma dor na cintura quando eu danço.

Violeta: quando eu danço me movimento, e no movimento que surge a dança, que ai eu faço um movimento e ai eu já posso criar a dança.

Cravo: Uma emoção.

Dália: Fica estranho.

Jasmim: Leve.

Girassol: Me leva as nuvens de tão leve que estou.

Bromélia: Torna-se mais leve.

Lírio: Fica leve.

Cacto: Me é legal.

P: Vejo o meu corpo como...

Margarida: Eu vejo o meu corpo suave.

Rosa: Eu vejo o meu corpo em movimento.

Violeta: Eu vejo o meu corpo movimentado, livre estilizo para se movimentar.

Cravo: Normal.

Dália: Mais ou menos.

Jasmim: Alegre.

Girassol: Como uma mola.

Bromélia: Mola.

Lírio: Não sei com ele mesmo.

Cacto: Requebrando legal.

P:Sinto o meu corpo como.

Margarida: Leve mais solta.

Rosa: Em movimento num estilo de dança.

Violeta: Eu sinto o meu corpo mais leve mais criativo.

Cravo: Com as batidas da música.

Dália: Diferente.

Jasmim: Como um pássaro.

Girassol: Como um celular vibrando.

Bromélia: Um passarinho querendo voar e consegue chegar onde quer.

Lírio: Leve.

Cacto: Como as batidas do som do hip hop.

P: O que mais gosto no meu corpo

Margarida: Gosto de tudo.

Rosa: Eu gosto mais do meu braço, e das minhas pernas, quando eu estou em movimento.

Violeta: Eu gosto da minha cintura para baixo.

Cravo: Minha boca.

Dália: Meu corpo.

Jasmim: A minha cintura.

Girassol: A ginga.

Brómelia: A ginga os passos.

Lírio: Os passos.

Cacto: Os ombros.

P: O Hip Hop e...

Margarida: O hip hop é um grafite, de arte que já fala da dança.

Rosa: Um estilo de dança é uma arte.

Violeta: é a realidade porque fala sobre o nosso dia-a dia, sobre nosso relacionamento sobre nosso jeito, o hip hop ele é uma coisa boa, porque mexe com os sentimentos das pessoas.

Cravo: Uma experiência de vida.

Dália: Muito importante para mim, eu adoro hip hop, queria muito aprender a dança.

Jasmim: Uma cultura para todas as comunidades.

Girassol: é desenvolvimento das favelas.

Bromélia: Um ritmo que levanta, sacode, balança.

Lírio: é cultura do morro e das favelas.

Cacto: Muito bom.

P: A dança na escola me faz...

Margarida: A dança na escola me faz me sentir bem, porque eu gosta muito de dança.

Rosa: Me senti muito bem.

Violeta: A dança na escola para mim, me trouxe muitas coisas boas, porque eu ajudava aquelas crianças, que ficavam na rua, e para elas não ficarem na rua nós criamos a dança.

Cravo: Refletir.

Dália: Feliz porque sempre tem uma coisa nova.

Jasmim: Me sentir muito bem.

Girassol: Me sentir alegre.

Bromélia: Acreditar que sou capaz, e posso ir além do que acho que posso.

Lírio: Ser aprender mais.

Cacto: Me divertir.

P: O que mais gosto no meu corpo

Margarida: Gosto de tudo.

Rosa: Eu gosto mais do meu braço, e das minhas pernas, quando eu estou em movimento.

Violeta: Eu gosto da minha cintura para baixo.

Cravo: Minha boca.

Dália: Meu corpo.

Jasmim: A minha cintura.

girassol: A ginga.

Bromelia: A ginga os passos.

Lírio: Os passos.

Cacto: Os ombros.

ANEXO 02 - ENTREVISTA COM A DIRETORA DA ESCOLA

P: Como vê o espaço da escola.

Diretora Sandra, eu vejo este espaço aqui da escola para os nossos alunos, é como uma tabua de salvação, porque é o único local que eles tem para vim estudar, vim brincar, para vim namorar, fazer sua área de lazer tudo é aqui.

A pesquisadora pergunta porque?

Diretora: Porque nós moramos no morro. E o morro sabe como é, subida, pedra de um lado pedra do outro e acabou. E a escola é o único espaço livre, tem planície, como eu já falei aonde eles vem para brincar, namorar, e para estudar que é o principal isso nem se cogita.

Retomo a fala da diretora e pergunto se o espaço da escola é para namorar, passear, brincar.

Diretora: Tudo isso representa para as nossas crianças aqui no morro da caixa.

2. As famílias dos alunos vêm para este espaço.

Diretora: Uma coisa que eu não posso me queixar. Nós não podemos nos queixar e da ausência da família quando são chamados sempre estão presentes. Em reuniões este ano graças a Deus com a Dr^a Margarida, e pedi a presença de todos, mandei convite pelos filhos e disse vocês não precisaram vir, no lugar de vocês vai sentar o pai e a mãe. Eu acho que foi isso que incentivou, e o auditório cabe 100 pessoas, são 100 cadeiras estavam repletas, ela até se admirou e veio também à administradora da Antonieta de Barros. E me disse, como é que conseguiu botar cento e poucas pessoas oito horas da manhã. Eu disse, olha, também estou admirada veio pai, veio mãe ou responsável. Talvez pela maneira de eu ter feito esse convite compareceram todos. E eles vêm se não tem reunião se são chamados na escola eles vêm. Então tem uma participação muito boa por enquanto dos pais na escola não posso reclamar.

P: Será que não é a sua presença enquanto mulher negra, nesse morro e a maioria da comunidade ser negra também? Neste grupo de pertença.

Diretora: Olha, até pode ser, mas agente tem um relacionamento muito bom, eu já fui professora dos pais desses alunos. Hoje os filhos deles é que são os nossos alunos, e também morando aqui a gente tem uma comunicação mais fácil. Olha a manhã tem reunião e quando eles não podem vir eu moro perto. Olha eu não posso ir a reunião amanhã porque tenho que trabalhar, mas eu digo você tem todo o direito, para o seu patrão, é direito para você também e se quiser também nós damos uma declaração. Aí eu digo para elas, a gente da uma declaração para você, se das oito ao meio dia ou das sete as nove, seja o horário que for. Só uma coisa você tem o direito. Só não pode largar esse filho não despreze esse filho. Já havise o seu patrão amanhã eu tenho reunião, mas eu trago uma declaração da escola.

P: a escola já teve projetos do hip hop, do samba, capoeira. Por que terminou.

Diretora: Temos alunos tocando violino que é uma graça é maravilha, sob a maestria do André Calibrina, e do professor Vitor. Ah! qual é o outro que temos... O violino continua, lamentavelmente a tendência é acabar, porque ainda estamos naquela, o que um governo fez o outro não quer dar prosseguimento. Infelizmente o partidarismo parece que impera mais do que qualquer boa vontade, mas eu acredito, com o interesse e a boa vontade dos alunos e dos professores não vai deixar morrer. Eu acredito que não, e a capoeira é uma parceria que temos com o copa lord com o professor Adão lá da OB Cidadã, ele vem todas as segundas-feiras e quartas-feiras. Ele vem dar aula de capoeira, e é uma maravilha quando vem com aquelas crianças naquela harmonia, naquela do marco lê lê ,coisa linda isso faz com que as crianças nesse trabalho alternativo tenha uma presença constante nessa escola não só no dia-a-dia em aula mas em horário também alternativo e eles vem. Terminou a dança por que mudou a política e este governo não quis dar continuidade ao projeto.

P:.E o samba ? O moro é forte com a escola copa lorde, os alunos tinham aulas de dança dentro da escola.

Diretora: Nós tínhamos esta menina, que saiu daqui agora, que venho grampear um trabalho de história, sambista, ela tem o samba no pé. Pequena ela deve ter oito ou nove anos, e ela tem esse sangue na veia²². Sandra, mas isso aí não é só do negro, o samba esta na veia de todo mundo, esse samba esta no sangue de todo mundo, mas aqui no morro e muito forte copa lord é uma entidade muito forte dentro do morro da caixa d'água e dentro da comunidade do Monte serrat, especialmente aqui na escola que as crianças gostam e qualquer evento que se faz sempre o samba esta junto.

P.E o movimento juvenil hip hop dentro da escola como à senhora vê?

Diretora: Eu acho muito bonito, muito interessante, e importante na vida do adolescente que jogue pra fora aquilo que ele sente. Eu vejo aqui nos irmãos Gonçalves, o índio, o Ricardo, e o Rajan, a letra que eles fazem é sobre a vida deles, sobre a vida da escola, sobre a vida da comunidade, eu acho assim muito bonito. O que eles fazem eles extravasam não é letra pornográfica, não é letra que escandaliza, mas é a verdade sobre a vida deles é o dia-a-dia deles. A vivência do dia-a-dia deles.

P.Como à senhora vê a questão do corpo?

Diretora: Se o professor de educação física souber da grande importância, que é essa disciplina dentro da escola, ele iria valorizar mais. Trabalhar expressão corporal, expressão dos braços, pernas, cabeça, e tudo isso é muito importante mais infelizmente aqui na minha escola eu não vejo ainda não vi.

²² A diretora se refere a uma aluna que entrou na sala na hora da entrevista.

P.O trabalho com o corpo diminuiria a reprovação ou agressividade dentro da escola.

Diretora: Eu acho da agressividade, por exemplo, uma coreografia feita numa aula de educação física, abrange a dança e a expressão corporal, rapazes e meninas esse compasso, até eu falando esse compasso, da fala, da dança, do movimento do corpo. Meu Deus do céu, isso aí, não digo da reprovação, mas a evasão isso faz com que eles amém mais a escola, amém mais o espaço eles vem para aula para aprender algo mais.

P. Existe muita evasão na escola.

Diretora: Graças a Deus, este ano a demanda foi bem grande no 2º semestre entraram vários alunos, e no 1º bastante então entrando quase 50 alunos, entende. Somente os alunos que foram embora para outro lugar.

P.Como a senhora vê a pesquisadora dentro da escola.

R: Vejo assim, desde que a pesquisadora tenha paciência, que nem sempre a gente naquele momento que ela vem à gente possa dar atenção. Não é uma atenção especial, mas uma atenção que dá uma acolhida, como a pessoa merece. Até a hora em que ela se propõe a fazer uma pesquisa, é porque ela encontrou algo de bom no local em que vem pesquisar. Eu, da minha parte estou sempre pronta a esclarecer a dar depoimento, falar alguma coisa que eles precisam, eu não vejo empecilho nenhum aqui na escola. Todas as pessoas que aqui vêm eu acho que saem bem satisfeitas, damos oportunidade para pesquisar, todo mundo apresentamos família, quando é para família da comunidade, quando é com professores deixo livre na escola e na sala dos professores, e se é campo eu abro as portas do gabinete.

A diretora ao final de sua fala diz: a cultura da resistência negra o samba, hip hop, capoeira, e outras culturas que a gente precisa resgatar, mas infelizmente a juventude que esta vindo parece assim vai esquecendo e vai adquirindo outras culturas que vem do branco e vão aderindo, e vão esquecendo nossas próprias culturas isso é uma pena. Eu acho que o movimento afro, eu digo como se eu não pertencesse, mas deveríamos resgatar.

ANEXO 03 - ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. (BRANCO)

P: Como vê a questão do corpo no espaço escolar?

Professor. O corpo é um corpo oprimido. Oprimido. Que a questão já existente no Brasil inteiro, e não só no Brasil, mas no mundo, por causa do racismo oprimido pela questão social, pela discriminação, que a maioria dos negros estão na periferia. As maiorias da comunidade da periferia são negras e no espaço escolar isto se reflete primeiro já pelo desconhecimento dos professores, pela história desse corpo negro, eles só conhecem a história desse corpo negro já seqüestrado de África, e aí tentando se constituir aqui. Ainda de uma forma bem errônea, ainda não conhecem nem um pouco da historia desse corpo negro, em África sendo seqüestrado, então por causa de tudo isso, por causa da incompreensão dos professores, e de outros funcionários da própria escola, também já que todos eles já carregaram um pouco dessa discriminação. Então é um corpo muito oprimido, assim os professores a todo o momento também tentam se libertar. Mais é incrível também, como eles são afetados por esta discriminação, é impressionante como isso trás assim nesse corpo. Elas discriminarem eles mesmos assim. Que assim eu não vi uma, duas, ou nem três vezes, foram várias vezes, assim, negros chamando outro negro de “macaco”, a forma que o branco discrimina o negro, o negro próprio discrimina e é impressionante isso.

P: Tu percebes isso dentro da escola?

Professor: Percebo, sabe percebo, e aqui assim além dos estudantes os jovens aqui serem a maioria serem negros, tem um grande número de profissionais negros também sabe isso é um fato, assim raro nas escolas, não é um fato muito comum. Mas mesmo assim isso acontece aqui, porque ela não esta dissociada do contexto geral, sabe porque quando eles saem daqui eles vêem televisão, eles vêem o programinha da rede globo, que os atores principais são brancos e os negros fazem papéis subalternos, e chegam aqui reflete tudo aquilo sabe e quando vão ao centro os olhares são olhares de vigia para eles, então eles trazem tudo isso para a escola. Também trazem isso contra os estudantes e contra os próprios professores que são negros também. E isso é um fato que assim. Oh? Que tu podes perceber, a grande maioria das escolas, mesmo uma escola como essa como Lucia Mayvorme que esta inserida no maciço do morro da cruz, que tem todo um trabalho na questão da educação, na valorização da cultura negra tal. Mesmo assim porque ela não esta à parte do todo, esta cultura, esta conjuntura de discriminação sabe. Eu (professor) vou pegar uma frase do Malcon X assim não há capitalismo sem racismo, não há enquanto houver capitalismo vai haver racismo não adianta sabe só se nos mudarmos essa forma de sistema enquanto nos tivermos nesse sistema opressor, racista, discriminador, vai haver isso em qualquer escola.

P: Como vê a cultura hip hop .

Professor A cultura negra esta sendo mercantizada e por causa disso esta sendo banalizada e isso é muito perigoso, porque deve criar o processo assim de evolução na consciência das pessoas de acabar com a discriminação sabe esse discurso fica muito superficial fica na questão da mercadoria que você pode consumir

Ah? Esse mercantilismo que eu estou dizendo porque lá na própria novela eles cantam o funk que é assim como é som de preto favelado mais quando toca ninguém fica parado, mas será que aquela menina rica esta tendo consciência de ante discriminatório de ante racismo ou esta indo lá porque é mercadoria. Como ela é diante do contexto negro ou qualquer outra coisa assim, ou quando ela vê um negro na rua que chega perto dela será que lá pensa que vai ser assaltada ou não, sabe é isso porque os próprios Racionais MC entram facilmente no mundo desse playboy. Então muito facilmente entendeu, mas será qual é a consciência desse playboy em cima disso ele estão vendo aquela rapaziada lá cantando como pessoas ou como cliente que esta vendendo um produto para eles. Ai a mídia pega um pacote e banaliza e vende por atacado é uma loucura.

**ANEXO 04 - ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE ARTE-EDUCAÇÃO:
(NEGRA)**

Nesta entrevista com a professora de arte-educação, não seguimos uma mesma seqüência da pergunta sobre o corpo e a dança pelo fato da professora ter demonstrado não trabalhar com dança na escola. E trazer um forte questionamento sobre a postura dos adolescentes dentro do espaço escolar, visando muito mais a auto-estima positiva destes adolescentes.

P: Como vê o corpo no espaço escolar, e como é trabalhado este corpo.

R: Trabalho como se estivesse trabalhando teatro ai aplica-se a expressão corporal, ele vai trabalhar sua consciência do corpo todo movimento, trabalhar primeiro a questão do movimento do corpo a conhecer, a andar, caminhar, a observar o outro a questão dos exercícios de teatro é a inserção mesmo do teatro na escola.

Então dentro da questão corporal, ele vai trabalhar toda essa questão do movimento até de pegar, apanhar o copo, de colocar esse copo até a boca todo esse movimento, a gente faz tudo isso a gente observa no outro. Para o teatro ele precisa desse movimento ele precisa ter essa consciência para poder passar essa expressão, assim como a dança também precisa conhecer todo o movimento do corpo para poder expressar melhor.

P:Como vê o espaço da escola

Como é que eu vou te responder uns vêm pela merenda outros vem para não ficar em casa, para namorara e tem aqueles que vem para estudar então fazem uso naturalmente desse espaço.

P:Como vê o trabalho do hip hop dentro da escola.

Eu acho interessante, eu precisaria conhecer um pouco mais na questão do hip hop só que na minha concepção dentro da questão do hip hop poderia falar mais de amor entende só que a realidade é outra. Nos estados unidos eles falam mais de amor porque não tem tanta desgraça e aqui no Brasil e mais sobre a questão do negro, a questão da pobreza então fica uma coisa como se o negro não pudesse fazer. Mas eu acho que ele deve buscar uma linha para falar de amor, falar de virtude para falar de atitude, perseverança para que possa levantar a auto-estima dessas pessoas que estão ouvindo o hip hop que em sua maioria é da raça negra. Ele tem que consciência que ele pode. Tem que tirar essa estampa porque preconceito existe e vai existir desde que o mundo é mundo existe, por uma razão por outra ele existe, o preconceito faz parte dessa coisa que se chama humanidade,é claro que as vezes é mas agressivo mais o preconceito existe.Então eu acho no meu modo de ver o negro primeiro que ele tem que saber que nem todo mundo nasceu para ser rico, porque se eu for colocar a questão de humanidade em termo de universo uma pessoa vai ter que naturalmente que servi a

outra eu não sei se estou sendo sacana mais meu Deus que me desculpe. Mas se eu for uma médica sendo negra ou não eu vou ter uma posição melhor na vida vou ter condição melhor de vida, vou ter condições de pegar umas pessoas para trabalhar na minha casa sendo negra ou não. Na maioria das vezes depende da condição social que se tem eu acho mais nem todo mundo na fase da terra tem que ser rico tem que saber viver dentro das condições que a vida lhe oferece, ou seja, que os nossos governantes ofereçam ai é outro problema porque ser pobre é uma coisa agora não ser reconhecido pelos nossos governantes.

P: Na sua visão como os adolescentes percebem o corpo já que a maioria é negra.

Aí é que é o problema, aqui eu questiono muito e brigo muito chego a dizer para eles que o mundo não é um teatro, o mundo é mais do que isso abe porque eles têm essa, escola como a casa da sogra então aqui como a escola é próxima, esta aqui no meio a maioria pensa assim: eu posso ir sem tomar banho, eu posso vir de short, eu posso vir de sandália de dedo ou descalço, é a casa da mãe Joana, eles falam isso então quando eles vão lá em baixo²³, eles dizem assim lá para o Celso Ramos, ou quando vamos fazer um passeio mais próximo, eles dizem que tem que tomar banho tem que se arrumar. Olha a consciência, então aqui na escola não precisa. Mas aqui é tão escola quanto lá entende, lá eles não tem a mesma vizinhança, nem familiares, eles tem um outro olhar que vai perceber, que vão perceber que eles não tomaram banho mais essa consciência deles não tem que ser só quando eles descem mais que ter aqui. Conversa com um amigo tem que estar limpo é questão de higiene é uma questão pessoal, e individual, mas também na relação com o outro dentro do seu espaço no seu habitat. Então ele tem que ter essa consciência, eles tem que se valorizarem. Eu brigo com eles. Eles não se valorizam, eles não se respeitam entre si à convivência deles é tanta que eles podem se ofender um ao outro não tem problema, sabe eles não tem essa consciência. Dentro dessa questão do respeito na comunidade a minoria que tem consciência é visto como outro olhar eles chama de besta, de mauricinho, eles já olham com outros olhos. Eles criticam porque não tem hábito. Ele pode morar num barraco não é pela condição porque eles escutam rádio, vem televisão. A casa pode estar caindo aos pedaços mais eles tem as coisas. Tem que ter uma versão de valores. Eu acho que a escola tem que cobrar isso, e tem outra coisa que a escola esta perdendo muito que é a questão da regra tem que existir eles tem que saber. Eles têm uma escola próxima da casa deles, aqui é para esta a maioria dos adolescentes e a maioria não esta aqui vão para onde.

P: Questiono a professora para onde estes adolescentes vão?

Eles vão para o Celso Ramos, Instituto Estadual de Educação, Antonieta de Barros, Henrique Stodiek, Lauro Muller, lá tem as mesmas coisas que têm aqui mais eles não valorizam, até os pais não valorizam aqui tem que mudar tem que exigir porque eles têm condições de usar uma camisa da escola, se na outra escola ele tem condições ele tem condições aqui também.

²³ A professora se refere quando os adolescentes descem o morro

O adolescente tem que valorizar a escola porque enquanto não valorizar ele vai achar isso aqui a casa da mãe Joana em todos os sentidos. Eles só iram valorizar lá em baixo e muitas vezes já é tarde. Ele fica aqui porque não quer estudar o tempo passa e muitas vezes quando se percebe já esta com 19 anos.

ANEXO 05 - ENTREVISTA COM UM EX-ALUNO QUE FEZ PARTE DO PROJETO DE DANÇA DA ESCOLA

No dia da entrevista a pesquisadora não estava contando com a presença deste aluno mais o mesmo já havia pedido para fazer a entrevista em outra ocasião, queria contribuir para a pesquisa. Como a pesquisadora sempre levava o gravador, nos encaminhamos até a sala dos professores e as perguntas foram feitas de forma informal e bem descontraídas.

P: O que é o movimento hip hop.

Para mim o hip hop é um som maneira de escutar e de expressar varias letras para cantar, para falar sobre os problemas que tem nas comunidades e... Assim um som bom de escutar porque fala a realidade mesmo que acontece na favela.

P: Mas é só da favela que fala o hip hop?

Não fala também dos engravatados dos bacanas do tipo o dinheiro fala tudo. Fala sobre as paradas de roubo o dinheiro que era da comunidade, da saúde, da educação e não chega na mesma parte vão tudo pó bolso dos bacanas.

P: Existe diferença entre o Rap e o Hip Hop.

Olha para mim rap e hip hop é tudo a mesma coisa, não tem diferença.

P: Como tu vê a dança neste movimento juvenil.

Para dançar eu enrolo. Mais acho bacana.

P: como vê o corpo nesta cultura hip hop?

São os movimentos muito bons, são vários movimentos o cara fica de cabeça para baixo, corpo deitado segurando com uma mão o corpo várias coisas assim.

P: O que significa quebrada de corpo no hip hop

Quebrada pó é tudo vem na ginga bate um negócio no cara parece que vem quebrando tudo é só gingado e vamos embora.

P: O hip hop é só violência?

Não alguns pensam que é violência mais se tu for mesmo analisar as letras do Rap eles contam a violência, mas é a realidade que acontece no morro, na periferia essas coisas assim. Eu vejo que nas letras tem palavras como matar, mais querem falar alguma coisa alertar o povo para não entrar nessa vida.

P: interrompe e pergunta que vida?

A vida do crime, das drogas, prostituição.

P: O que significa o espaço da escola pra ti?

Olha, não sei aqui na escola foi o tempo né cara. Tinha o tempo que a rapaziada curtia muito o hip hop, rap, agora esta meio parado ninguém curte mais a rapaziada já saiu, agora é um o outro que escuta o hip hop, rap.

P: quais inspirações que te levam a escrever as letras das musicas

Não sei assim nos baseamos nos fatos que acontecem na comunidade. Quando acontece de matar alguém ali embaixo ai nos fazemos um pouco em cima dessas coisas, começamos a escrever.

P: Ao final pergunto se ele gostaria de ser um rapper igual ao MVBILL

Risos, não precisa ser um MVBILL da vida, mas só chegando lá em cima ta legal.

Esses adolescentes buscam o movimento cultural juvenil hip hop como uma solução para os problemas na periferia, e sonham em conseguir ascensão social através do hip hop.

ANEXO 06 - ENTREVISTA COM O RAPPER MVBILL

P: Na revista caros amigos tu declara que agora chegou à hora do preto. O que isso significa no hip hop

É existe uma historia no Brasil ao meu ver que mostra que o preto ele só pode se organizar para bater tambor, para pedir respeito, para pedir direito e acho que a forma que a gente vem se organizando em varias partes do país, eu digo gente não é eu acho que os pretos vem se organizando por todo canto do país acho que agora a briga é pelo poder que muitas da segregações que a gente sofre seria diferente se a gente tivesse dinheiro se a gente também mandasse em alguma coisa, se a gente sapateia bem, goleia com precisão no futebol mas precisa também sentar na mesa da decisão assumir um positiva

P: Como que tu vê o hip hop dentro da escola com os jovens negros?

Olha eu há muito tempo venho fazendo um trabalho na parte educacional lá na cidade de Deus²⁴ onde eu moro os professores já me convidaram varias vezes para poder falar do hip hop, a importância dele para os alunos da rede publica de ensino mas eu tenho me surpreendido porque isso tem se reproduzido em varias partes do Brasil os professores usando o hip hop de uma forma didática eu acho que isso é muito bom e não da para pegar qualquer Rap e colocar para o jovem ouvir dentro da escola tem que selecionar como qualquer tipo de musica tem a parte boa e a parte ruim mas é o hip hop com certeza pela historia e pela transformação que ele é capaz de causar nas pessoas acho que ele pode ser usado dentro da escola sim. Eu vou achar muito bom.

P: O hip hop trás visibilidade positiva para os jovens negros?

Depende de qual o grupo que esta cantando, depende da letra, depende de muita coisa. Mas o hip hop pregado de uma maneira correta de maneira positiva ele deixa de ser uma musica para ser um instrumento de transformação.

P: é a busca destes jovens pela ascensão social através do hip hop?

Geralmente eu não incentivo as pessoas a cantarem Rap, virarem hip hopistas é muito pelo contrário eu uso o hip hop para incentivar as pessoas a estudarem a gente não pode formar uma legião de grupos de Rap dentro da favela vão surgir com certeza só que vale a pena lembrar que nem todo jovem periférico tem talento para desenvolver alguma atividade no hip hop. E o hip hop não pode ser visto como único meio de salvação. É apenas um deles.

P: é um caminho?

É um mais não é o único.

P: Como tu vê a mídia no movimento cultural juvenil hip hop?

Vejo a mídia sem precisar fazer gracinha sem precisar se moldar a esses padrões eu já acho muito. Eu não falo em nome do hip hop, e não conheço ninguém autorizado para isso. As coisas vão se modificando de uma pessoa para outra. De um artista para outro não há um padrão uniforme, por exemplo, tem grupo que fazem a opção de não falar, tem grupos que não falam porque não tem espaço. E eu criei uma outra coisa que é utilizar a mídia a meu favor, acho que o hip hop por ser uma cultura que tem nítido a questão educacional de consciência, de voz para as pessoas, informativo por este motivo se a gente pode usar a válido. Agora tem que tomar muito cuidado que a televisão a mídia de uma forma geral é uma faca de dois gumes. Há muitos anos a gente é visto como ratos de laboratório, a gente tem uma imagem fofoclorizada²⁵ então não incentivo ninguém ir a televisão que é complicada e perigoso, mas quem tiver algo para dizer e quiser ir que vá e segure depois sua responsabilidade.

P: Na sua opinião quais as alternativas para acabar com a violência, desemprego, prostituição que tanto afeta os adolescentes negros/as?

Eu não tenho uma solução para isso ninguém tem, mas existe alguma coisa que pode ser feita que eu acho que ajudaria a reverter o quadro do desnível social que hoje a gente tem, é ter uma boa educação. Por exemplo, duas coisas básicas para a formação de um cidadão que é educação e saúde e no Brasil custam muito caro. E, eu acho patético vê parlamentares, formadores de opinião, sociedade discutindo democracia sem tocar na questão racial para mim não existe democracia dessa forma cabe a nós próprios pretos falar bastante nessa questão, brigar por ela, acho que é necessário e bom também evitar os conflitos desnecessários quando a gente puder conquistar nossas coisas através do diálogo, através da nossa atitude acho bacana. E o ódio é um recurso vai ser usado se necessário torço, para que não seja, mas é com certeza acho que nossa alta valorização é que vai fazer muita diferença nisso. Não se tornar favorável ao assistencialismo que muitas vezes tentam nós passar. Buscar mesmo o nosso caminho sem ficar devendo nada para ninguém, sem padrinho.

P: Que conselho daria para estes adolescentes, já que para eles eis o “mensageiro da verdade”

Olha, eu não sou conselheiro, e não sou a melhor pessoa para dar conselho, eu também sou falho e sou errado como qualquer ser humano, mas o toque que eu gostaria de deixar é que os jovens sejam administradores dos seus próprios cérebros, não deixe ninguém dominá-los.

²⁵ MVBIL refere-se aos negros que são usados pela televisão dando como exemplo o ator grande Otelo em Macunaíma, que fazia o papel de bebê. Mussum que nos trapalhões aparecia geralmente pintado de branco.etc.

ANEXO 07 - FILME NO RITMO DE SEUS SONHOS

O filme no ritmo de seus sonhos foi apresentado para os adolescentes por retratar a periferia do Bronx, um bairro barra pesada onde não faltam drogas e criminalidade, seus atores serem em sua maioria negros, e verem na dança do hip hop um meio de saírem do submundo.

O filme inicia numa badalada danceteria de Nova York onde a bela Honey Daniels (interpretado pela atriz Jéssica Alba), trabalha a noite como barwoman, durante o dia é balconista de uma loja de discos. Ainda lhe sobra tempo para dar aulas de dança para adolescentes na comunidade do Bronx onde mora.

Certa noite na danceteria Honey vai para a pista de dança e começa a dançar break, numa disputa com outra dançarina. Ao sair da danceteria Honey vê três adolescentes com aparelho de som ligado eles dançando na calçada, fazendo piruetas, dobrando o corpo como se estivesse deslocado. Honey então convidada os adolescentes para participarem do centro juvenil local onde ensina hip hop para os adolescentes da periferia, a principio os garotos não aceitam o convite, alegando que já sabem dançar hip hop.

Passado um tempo os adolescentes aparecem no centro de dança de Honey, e demonstram para Honey como se dança hip hop.

Os adolescentes se apresentam vestidos com calças largas, bonés, fitas amarradas sobre a testa, alguns de tranças, bem ao estilo hip hop.

O espaço onde Honey ensina hip hop é precário, neste espaço além das aulas de dança outros adolescentes praticam basquetebol.

Como inicie citando que Honey havia feito uma disputa de dança hip hop em uma danceteria, pois nesta noite um olheiro filmou Honey dançando, e apresentou a filmagem para Michael (interpretado por David Moscow) executivo de uma grande gravadora de vídeo clipe, percebendo o potencial de Honey para a dança a convida para atuar num vídeo clipe. O sucesso é imediato, o talento, o carisma e os passos sensuais da garota rapidamente conquistam a todos e o mundo a fama parece bater a sua porta.

Mas Honey não esquece seu ideal que é ensinar dança hip hop, então solicita ao Michael para fazer um clipe usando como dançarinos os adolescentes, a principio Michael

concorda mais em uma festa Honey não quer ceder ao assédio do produtor e perde o emprego, e a chance de tirar os adolescentes das ruas e do tráfico de drogas.

Honey não desiste de um sinal na compra de uma casa que estava para ser leiloadada pelo banco. Sem emprego não tem como saldar a dívida. Então junto com os amigos fazem a divulgação de um show beneficente com a possibilidade de conseguir fundos.

Ao final Honey consegue fazer um grande espetáculo de hip hop com os adolescentes e conquista a todos que foram assistir. Assim funda no bairro o centro de dança do Bronk.

Neste filme deu para perceber quanto os adolescentes pesquisados ficaram envolvidos com a trajetória dos atores do filme, teve uma cena em que um adolescente rouba um par de tênis dentro do metrô, e logo em seguida já aparece vendendo o tênis, esse mesmo garoto vai preso pelo tráfico de drogas. E Honey é a única pessoa que vai visitá-los e faz um alerta “onde estão seus amigos? Quantos vieram lhe visitar?”. Nesta fala Girassol diz que o “lance é dançar”. Então levanta-se da cadeira e começa a dançar hip hop.

Os dançarinos que fizeram parte do filme eram em sua maioria negro e latino. E se apresentavam com correntes de prata, pulseiras, tênis de marca etc. O grafite (desenho) uma expressão do hip hop é demonstrado nos muros das ruas, nos bancos da praça.

O filme é pura dança e corpo “dançar não é o que eles fazem é o que eles são”(fala da Honey no filme).

ANEXO 08 - FILME O VINTE DEZ

Este filme foi um projeto realizado pela prefeitura de Santo André interior e São Paulo em 2001. Buscou nas falas dos participantes do movimento cultural juvenil hip hop documentar o que esta cultura significa para estes jovens periféricos.

O filme inicia com um negro em cima de uma laje tocando berimbau e cantando uma música em homenagem a Zumbi dos Palmares “Zumbi comandante guerreiro”, e as imagens mostram a favela, as vielas, os muros cheios de roupas penduradas, crianças brincando, sacos de lixo espalhados pela rua. Casa com a entrada cheia de roupa, painéis em cima do fogão.

Os depoimentos foram colhidos com jovens entre 17 e 20 anos, nem todos os jovens completaram o ensino médio. O filme retrata as posses (posses são espécie de associações entre vários grupos de RAP de um local, bairro, ou área, como eles falam).

Posses e Consciência: Conscientiza os jovens quanto à importância do hip hop. Os jovens entrevistados falam que não se pode fazer qualquer música e buscam ser reconhecidos pelo seu trabalho com o hip hop.

Nesta parte do filme aparece no alto de um morro um negro tocando tambor e cantando, fala da apresentadora Xuxa que é loura não teve boneca negra, e que “a gente já cresce se achando menos, mas a favela esta nova pode até vir bacana mais virou favelado ao pé do morro”.

Os jovens aparecem fazendo tranças nos cabelos, e imitando sons musicais apenas com movimentos labiais.

Break = movimento: Neste item são vários jovens dançando break ou dança de rua sem instrumento musical, fazem suas coreografias através de palmas, estão dentro de espaço que não deu para identificar somente que estão dançando num corredor. Saem desse espaço e tomam a rua e começam a dançar no asfalto.

Grafite: Demonstrem como são feitos os desenhos ou como se grafita, os jovens vão para a rua com seu spray. Neste espaço se apresentaram vários grafiteiros, a qual fizeram desenhos variados.

MC=Mensagem (MC mestre de cerimônia acompanha o DJ com um microfone

convida o público para a dança) Um jovem escolhe vários discos e sai para tocar, ou rodar o disco.

DJ=Música: Em cima de uma laje dois jovens demonstram como é rodar o disco com as mãos para que saia o som diferente.

O filme mostrou a realidade dos jovens brancos e pobres de Santo André, que eram maioria, suas dificuldades, moradia e a busca por ascensão social por meio do hip hop. Um declara que através do hip hop conseguiu sair das drogas para se dedicar a esta cultura juvenil.

Após apresentação do filme os adolescentes preferiram escrever sua opinião sobre o filme.

Girassol: A minha opinião é que o filme fala bem a realidade da favela através do grafite, da música e da dança.

Lirio: Em minha opinião o hip hop é só mais uma forma de expressão, pois com um conjunto unido se fica mais fácil e divertido de expressar seus sentimentos sobre sua comunidade. Dentro disso tem o grafite que é mais um conceito dentro do hip hop, pois trabalha com imagens desenhada em várias construções, além de ficar bonito também é uma obra sua você fica tão alegre de estar fazendo algo que faça você ficar orgulhos de si mesmo, pois é tão difícil ser um homem direito e respeitado por toda comunidade, porque tem vários jovens que se vendem por uma arma de fogo e drogas para ser respeitado, pensa que é o rei pois ele não sabe, o que vem fácil vai fácil pois se você que ser um vencedor mostre que você é capaz. Se você tem um sonho corra atrás, pois para vencer tem que ter sacrifícios seja um vencedor você também não deixe se levar pelo caminho errado. Envista em você mesmo.

Cravo: Na minha opinião o filme fala muita realidade, que todas as pessoas que contam eles cantam essas coisas porque querem conscientizar estas pessoas através do hip hop. Por exemplo, não entrar no crime, nas drogas, não fazer coisa que depois se arrependa como matar pessoas. Isso para mim é um exemplo de vida, porque essas pessoas não vão para o caminho errado, mas sim para o caminho certo que cantar hip hop. As pessoas que cantam hip hop falam da realidade, falam do dia-a-dia de muitas pessoas, mas tem muitas pessoas como os “brancos” têm muito preconceito com as letras e com o ritmo das músicas eu acho que isso tem que acabar, essas pessoas pensam que quem excuta RAP

é bandido só porque moram em morro.

Cacto: O filme fala sobre os jovens da periferia fala dos manos, fala do grafite, fala sobre o mundo periférico. Fala sobre a música é o que acontece na periferia.

Rosa: O rappers fazem uma revolução através de palavras é algo que todos querem fazer, mas poucos têm o poder para fazer e através da música eles tentam expressar seus sentimentos.

Violeta: As pessoas pensam que não temos capacidade de chegar onde queremos, mas se formos por nós mesmos podemos chegar onde queremos se pensarmos e acreditarmos que podemos e o hip hop é isso esperança.

Dalia: O hip hop eles falam o que pensam, através de suas letras que nem sempre arada a todos. Será por que? Porque eles falam a verdade, porque eles querem revolucionar querem que o morro seja mais ligado á cidade. Eles são pessoas que querem apenas mostrar sua identidade para todos. Querem falar de seus sentimentos e suas critica construtivas através da música hip hop. Às vezes até mesmo as pessoas que moram no morro critica o hip hop, mas não é uma critica construtiva e sim para que eles deixem de sonhar.

Margarida Hip hop na veia e no coração. Todas as pessoas podem colocar suas idéias com revolução na música hip hop.

Bromelia: Através da música existe muita revolução as músicas são criativas. As palavras são ditas com realidade da periferia, a música trás coisas positivas e negativas como o tráfico, roubos etc. No ritmo do hip hop são fatos que acontecem no dia-a-dia das pessoas.

Jasmim: Hip hop é uma cultura negra que também existem brancos. Os nefros estão perdendo suas identidades não colocando suas explicações na música no ritmo do hip hop.

ANEXO 09 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Sandra Regina Adão, aluna da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC e estou desenvolvendo a pesquisa.O Hip Hop: A Visibilidade do Jovem Negro no Espaço Escolar. Este estudo é necessário para que professores e alunos possam estar inseridos nesta cultura dentro do espaço da escola. O objetivo é verificar se esta cultura trás uma auto-estima positiva para os jovens negros/as. Buscaremos também compreender como que a dança e corpo são vistos nesta cultura juvenil denominada hip hop. Para que a pesquisa possa ser concluída necessito de sua autorização já que seus dados farão parte desta pesquisa. Os dados pesquisados serão somente as suas falas sobre o movimento hip hop.Não usaremos seus nomes, nem endereço somente os dados da Escola Lucia do Livramento Mayvorne.Se tiver alguma duvida em relação ao estudo pode me procurar na escola.

Assinaturas:

Pesquisador responsável _____

Eu, _____, fui esclarecido sobre a pesquisa O hip hop a visibilidade do jovem negro no espaço escolar, e concordo que meu filho (a) participe da mesma.

(local e Data)_____

Assinatura